

Mudanças cartográficas da área que hoje convençionalmente chamamos centro histórico de Belém

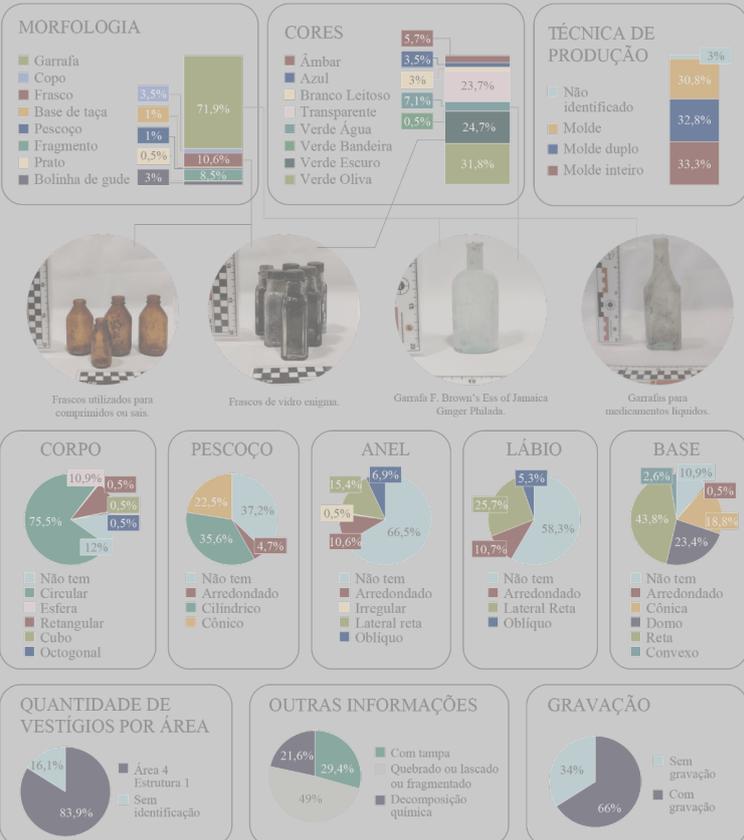


RAIMUNDO NEY DA CRUZ GOMES

**O FAZER ARQUEOLÓGICO NO TRABALHO DE CAMPO EM UM SÍTIO NA CAMPINA, CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM – PESSOAS, PAISAGEM E CULTURA MATERIAL**

Legenda  
 Conjunto Tombado da Cidade Velha e Campina    Entorno do Conjunto Tombado    Sítio Sesc Ver-o-Peso    Arruamento    Córrego  
 Sistema de coordenadas geográficas: SIRGAS 2000 UTM 22S; Projeção: Transversal de Mercator; Datum: SIRGAS 2000. Fonte: IPHAN, IBGE.

ANÁLISE DOS VESTÍGIOS DE VIDRO POR ATRIBUTOS  
 Sítio Sesc Ver-o-Peso



Tese de Doutorado





RAIMUNDO NEY DA CRUZ GOMES

**O FAZER ARQUEOLÓGICO NO TRABALHO DE CAMPO EM UM SÍTIO NA  
CAMPINA, CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM – PESSOAS, PAISAGEM E  
CULTURA MATERIAL**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia, pela Universidade Federal do Pará

Orientadora: Profa. Dra. Daiana Travassos Alves

Belém-Pará

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

G633f Gomes, Raimundo Ney da Cruz.  
O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na  
Campina, Centro Histórico de Belém – pessoas, paisagem e cultura  
material / Raimundo Ney da Cruz Gomes. — 2023.  
126 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Daiana Travassos Alves  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
Antropologia, Belém, 2023.

1. Patrimônio Cultural. 2. Cultura Material. 3. Paisagem. 4.  
Fazer Arqueológico. 5. Arqueologia Urbana. I. Título.

CDD 930.1

---

**RAIMUNDO NEY DA CRUZ GOMES**

**O FAZER ARQUEOLÓGICO NO TRABALHO DE CAMPO EM UM SÍTIO NA CAMPINA,  
CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM – PESSOAS, PAISAGEM E CULTURA MATERIAL**

**Belém, 19 de outubro de 2023**

**Banca Examinadora**

---

**Profa. Dra. Juliana Rossato Santi – Examinadora externa**

Universidade Federal de Rondônia

---

**Prof. Dr. Maurício Andrea Silva – Examinador Externo**

Universidade de São Paulo

---

**Profa. Dra. Renata de Godoy – Examinadora Interna**

Universidade Federal do Pará

---

**Profa. Dra. Marcela Marcela Nogueira de Andrade – Examinadora Interna**

Universidade Federal do Pará

---

**Profa. Dra. Joanna Trouflard – Examinadora Externa Suplente**

Universidade Federal do Pará

---

**Prof. Dr. Pedro José Tótora da Glória – Examinador Interno Suplente**

Universidade Federal do Pará

*À Denise, que me inspira como pesquisador e sonhador*

## Agradecimentos

Quando comecei a pensar nos agradecimentos eu lembrei do início de um texto do Bruno Latour<sup>1</sup> no qual o autor diz não ter nenhuma autoridade para falar sobre religião, posto que ele não é pregador, teólogo ou filósofo da religião e nem se considera uma pessoa piedosa. O texto é muito bom e lembrei dele, seja pela forma como o autor continua, que por minha circunspeção na arte de agradecer. Sou um orgulhoso, sou um que se deixa levar pela vaidade e pela inveja, logo, sinto não ter a autoridade para agradecer. Mas, como Latour deu-se conta de que não precisava de autoridade para falar de religião, dou-me conta de que para agradecer basta que eu tenha a quem. Nos países onde o inglês é língua vulgar existe um ditado que diz: “*it takes a village to raise a child*”<sup>2</sup>. Parafraseando eu diria: foi necessária uma comunidade para escrever esta tese, e são muitas as pessoas a serem mencionadas aqui.

Inicialmente, agradeço à Denise (*in memoriam*), por ter-me feito seu bolsista em 1999 e desde então ter-se tornado presença e inspiração para o profissional que sou e quero ser e sem a qual certamente este percurso não iniciaria. Obrigado Daiana, por ser minha orientadora desde 2022, por ser minha amiga de longa data e por ajudar a que o percurso iniciado com Denise, finalize contigo; eu não poderia querer melhor companhia. Obrigado à Renata e Jane, por serem professoras e amigas e aos demais professores e professoras do PPGA-UFPA, bem como ao Antônio Carlos que personifica o Programa.

As escavações do sítio Sesc Ver-o-Peso não seriam possíveis sem a ajuda de muitos colaboradores, entre eles um obrigado especial ao Magrão, Robinho, Seu Zé, Seu Carlos, Luizinho, Jacaré e o engenheiro Jorge. Obrigado à amiga e pesquisadora Dra. Dayseane Ferraz, pela pesquisa historiográfica do projeto e pelo Daniel Sóstenes pela pesquisa arquitetônica. Obrigado infinito às arqueólogas e amigas Mss Amanda Seabra e Mss Amanda Viveiros Pina pela análise da cultura material. Obrigado a Sabrina Campos e Daniel Miranda pela ajuda na pré curadoria do material.

Obrigado às amigas Tallyta, Manuela, Cris, Tay, Ana Paula, Ana Emília e Tereza, pela leitura de partes desta tese e pelas ajudas muitas. Obrigado à Marília, com quem dividi uma casa ensolarada em Londres e com quem divido uma casa ensolarada em São Paulo. Obrigado à Flavia e todas as amigas e amigos que fiz durante o estágio

---

<sup>1</sup> Latour, B. "Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate ciência-religião. *Mana*, 10, n. 2, p. 349-375, 2004.

<sup>2</sup> Em tradução livre deste autor: “É preciso uma aldeia inteira para se criar uma criança”.

sanduíche na *University College London – UCL*. Ainda em Londres, um agradecimento especial ao meu amado Christopher, um amor para esta e muitas vidas; a comemoração será com o espumante que me destes, antevendo este momento, ao som de Kylie Minogue.

Obrigado ao Rafa pela ajuda com os mapas e à Nicolle pela ajuda com os infográficos. À Camille, um dos melhores presentes deste período, um agradecimento infinito pela leitura atenta, pela troca intelectual, pelo apoio emocional, por me apresentar Carson, Didion e outras. É clichê, mas é verdade, amigos são a família que escolhemos e que nos escolhem... obrigado às amigas “Porque sim”, Martha, Rafaela, Paula e Jayne. Obrigado às amigas de ontem, e sempre, Dayse, Dani, Michelle e Ana Paula – com vocês meu mundo tem mais cores.

Às professoras Juliana Santi, Marcela Nogueira, Renata Godoy, Joanna Trouflard e aos professores Maurício Silva e Pedro da Glória, por aceitarem compor minha banca de defesa, muito obrigado!

Todas as pessoas são fruto de seu tempo, produtos de seus espaços e moldes de suas relações, o tempo em que vivo e o espaço que me concebeu foi a casa de minha família paterna e às minhas tias eu agradeço todo o amor materno que sempre me dedicaram. Agradeço às minhas irmãs/primas, irmãos/primos, em especial à Cecília, que tantas vezes me fez ver o valor que eu tinha, mesmo se valor eu não podia ver. Um obrigado ao meu cunhado e minha sobrinha, Raoni e Beatriz, e a toda a família estendida que muitas vezes me acolheu.

Um enorme agradecimento à minha terapeuta Ana Carla, por acalmar minha existência e apontar caminhos, mesmo os que eu não consigo seguir. À Ana Emília, todo meu amor sempre. À minha mãe, que mesmo não entendendo o que faço, sempre torce por mim.

Agradeço à CAPES pela bolsa e pela possibilidade de ter feito o sanduíche em Londres. Agradeço muito ao corpo Técnico da *University College London* e ao Professor Tilley por me ter recebido.

## **O FAZER ARQUEOLÓGICO NO TRABALHO DE CAMPO EM UM SÍTIO NA CAMPINA, CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM – PESSOAS, PAISAGEM E CULTURA MATERIAL**

### **Resumo**

Esta tese, apresentada em três artigos, busca relacionar pessoas, paisagens e cultura material, três conceitos muito caros, seja a antropologia que a arqueologia. As junções e disjunções entre os três objetos, ensejo para produzir história, são trazidas pelo fazer arqueológico na escavação de um casarão localizado no centro histórico de Belém, no Pará, que foi registrado a partir desta pesquisa como sítio Sesc Ver-o-Peso. A tese aqui defendida é a de que, no centro histórico de Belém, pessoas, paisagem e cultura material, realizam complexos intercâmbios e entrecruzamentos, que contam histórias. E que essas histórias podem ser escritas por meio da investigação arqueológica e antropológica em sua interface com a problematização da ideia de patrimônio cultural. Essa é a tese que costurará os artigos que compõe este trabalho final de doutorado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio Cultural, Cultura Material, Paisagem, Fazer Arqueológico.

## **THE ARCHAEOLOGICAL WORK IN A SITE AT CAMPINA, THE HISTORIC CENTER OF BELÉM – PEOPLE, LANDSCAPE AND MATERIAL CULTURE**

### **Abstract**

This thesis, presented in three articles, seeks to relate people, landscapes, and material culture, three important concepts to anthropology and archaeology. The junctions and disjunctions between the three objects, an opportunity to produce history, are brought out by archaeological work in the excavation of a mansion located in the historic Centre of Belém, in Pará, which was registered in this research as an archaeological site called Sesc Ver-o-Peso. The thesis defended here is that in the historic Centre of Belém, people, landscape and material culture carry out complex exchanges and intersections, which tell stories/histories. These histories can be written through archaeological and anthropological investigation in their interface with the problematization of cultural heritage. This thesis will form the articles that make up this final doctoral work.

**KEYWORDS:** Cultural Heritage, Material Culture, Landscape, Archaeological Work.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E TEXTO INTEGRADOR	10
O doutorado	16
A propósito de integrar	19
Reflexões finais	27
Referências	29
ARTIGO I ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E MULTIVOCALIDADES: PERCEPÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM UMA ESCAVAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM	10
ARTIGO II A PAISAGEM HISTÓRICA DA CAPITAL PARAENSE E SUAS INTERRELAÇÕES COM AS PESSOAS: E A ARQUEOLOGIA COM ISSO?	42
ARTIGO III THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES	75

## Apresentação e texto integrador

I see him there on a night like this but cool, the moon blowing through black streets. He sups and walks back to his room. The radio is on the floor. Its luminous green dial blares softly. He sits down at the table; people in exile write so many letters. Now Ovid is weeping. **Each night about this time he puts on sadness like a garment and goes on writing.** In his spare time he is teaching himself the local language (Getic) in order to compose in it an epic poem no one will ever read (Carson, 2000, p. 43 Grifo meu)<sup>3</sup>.

Esta apresentação tem dois propósitos: de um lado ela se pretende a dar a conhecer o percurso que me fez o arqueólogo/antropólogo que sou, o pesquisador responsável pelos trabalhos que culminam aqui; por outro, ser o texto integrador, dos artigos constituintes de minha Tese de Doutorado. É preciso dizer, contudo, que o conjunto de escritos, que para cumprir o rito do doutoramento, constitui minha tese, só virou uma possibilidade porque a antropologia transformou a forma como eu percebo a arqueologia. Outrora eu disse que “depois de muito viravoltar, decidi fazer da Arqueologia não só um campo exótico onde eu exercitava uma curiosidade fortuita, mas minha profissão” (Gomes, 2013a, p. 13); hoje posso dizer que continuei viravoltando, mas desta feita, sob o guarda-sol da antropologia, e por agora, só compreendo a arqueologia dentro deste guarda-sol. Digo isso porque acho importante circunscrever minha escrita, enquanto arqueólogo, dentro da antropologia.

Minha compreensão sobre a arqueologia, ou as formas de pesquisar a história por meio da cultura material, remontam talvez a 1998, quando iniciei o curso de Bacharelado e Licenciatura em História, na UFPA. Neste período, dada a proximidade entre os campus de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG e da UFPA, dirigi-me àquela instituição buscando a possibilidade de um estágio ou bolsa de iniciação científica em seu departamento de arqueologia, onde conheci a Professora Denise Schaan, que à época desenvolvia sua pesquisa de doutorado na Universidade de Pittsburgh, EUA. Após nossa primeira conversa consegui a bolsa de pesquisa, o que me possibilitou integrar sua equipe, primeiro de campo e

---

<sup>3</sup> Eu o vejo lá numa noite parecida com está, mas um pouco mais fresca, a lua soprando pelas ruas escuras. Ele ceia e volta para o quarto. O rádio está no chão. Seu despertador de luz verde brilha com suavidade. Ele se senta à mesa; pessoas no exílio escrevem muitas cartas. Agora Ovídio está em prantos. Todas as noites, nessa época, **ele veste a tristeza como se fosse uma roupa e continua escrevendo.** Nas horas vagas ele aprende sozinho a língua local (getic) para compor nela um poema épico que ninguém jamais lerá (Tradução livre minha)

depois de laboratório. Minha primeira experiência de campo foram as escavações desenvolvidas nos sítios Marajoaras do Alto Rio Anajás, e posteriormente nas análises de cerâmicas desenvolvidas nos laboratórios do MPEG. Neste momento a cultura material tinha um poder encantador sobre mim, os vestígios Marajoaras, e sua grandiosidade causaram-me um impacto enorme, pois para mim, eram a materialização da história, que eu só via enquanto elocubração e teoria.

Após me formar em História, não tendo como prorrogar a bolsa no Goeldi, fui chamado para trabalhar no Sistema Integrado de Museus do Estado Pará – SIM, especificamente no Museu do Encontro, dentro do Forte do Presépio, um espaço eminentemente arqueológico, que abriga uma coleção de objetos tipicamente atribuída aos Marajoaras, além de cerâmica tapajônica, imagens das escavações desenvolvidas pela Profa. Denise Schaan, bem como os vestígios materiais escavados durante a requalificação da área. Agora a cultura material servia-me para contar História; museograficamente dispostos, os objetos arqueológicos pareciam apartados da pesquisa arqueológica, mesmo com alguns painéis falando sobre as pesquisas.

O trabalho no SIM, o constante estar imerso no Centro Histórico de Belém, e as discussões sobre patrimônio cultural, educação em espaços museais e a cultura material como intermediárias para narrativas educativas, levou-me a buscar estudar esta área e em 2004, após um processo seletivo, consegui uma bolsa na Universidade Católica de Milão, Itália, onde cursei o mestrado profissionalizante em *Servizi Educativi per il Patrimonio Artistico, dei Musei Storici e di Arti Visive* (Serviço Educativo para o patrimônio artístico, dos museus históricos e de artes), quando defendi, como elaborado final do curso, um projeto interativo desenvolvido no *Museo delle Culture del Mondo* (Museu das Culturas do Mundo em Gênova) (Gomes, 2005). O curso teve como tema primordial a Museologia e a Educação Patrimonial como meio de aproximar público e arte/patrimônio histórico. Neste período a cultura material ganhou muitas formas: arte, artefato, remanescentes, objeto sacro etc.

De volta à Belém, trabalhei como pesquisador para a SIM no projeto “Traços e Transições Revisitada: arte moderna e contemporânea brasileira”, que culminou com o “Gabinete de Papel”, exposição que permaneceu em exibição no Museu Casa das 11 Janelas, em Belém, por mais de 10 anos. Depois voltei a trabalhar com a Profa. Denise Schaan, já docente na UFPA, e com o arqueólogo Fernando Marques do Museu Goeldi, que se tornaria meu orientador no segundo mestrado, em um projeto de pesquisa arqueológica na Vila de

Joanes no Marajó (Schaan; Marques; Dias; Gomes *et al.*, 2006), no qual coordenei o trabalho de Educação Patrimonial.

Em 2010, fui contratado para trabalhar em prospecções arqueológicas na área que seria inundada pelo futuro lago da Usina de Santo Antônio – em Porto Velho, no rio Madeira. Depois de um mês trabalhando nas prospecções às margens daquele rio, fui convidado a coordenar o programa de Educação Patrimonial, dentro do Projeto de Arqueologia Preventiva nas áreas de Intervenção da UHE Santo Antônio-RO, conduzido pela Scientia Consultoria Científica. Em Porto Velho, envolvido com o mundo da arqueologia que convulsionava naquele pedaço de Amazônia, decidi prestar a seleção de mestrado na UFPA com o projeto intitulado “Memória, Identidade e Preservação: a complexidade da Vila de Santo Antônio e seu arrabalde”. A mim interessava, talvez por influência dos muitos trabalhos ligados à educação patrimonial, tratar de temas afeitos à Arqueologia pública e à preservação do patrimônio.

Durante o curso, principalmente por conta das disciplinas Arqueologia Amazônica e Arqueologia da Paisagem, ministradas pela Profa. Denise Schaan, e a disciplina de Arqueologia Histórica ministrada por meu orientador à época, meu projeto sofreu significativa alteração e após a qualificação o título de minha dissertação seria “Paisagem, história e cultura material - o Sítio Vila de Santo Antônio em Rondônia, sob a perspectiva da Arqueologia Histórica” (Gomes, 2012). Em setembro de 2013 defendi a dissertação “Arqueologia e cultura material – Uma História contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio, Porto Velho – RO” (Gomes, 2013a).

Ainda no mestrado, pude participar do projeto da Profa. Denise Schaan, intitulado “Programa de Arqueologia e Educação Patrimonial BR-163, BR-230 e BR-422”, desenvolvido na região de Santarém. Por este projeto trabalhei nas escavações de duas áreas muito interessantes do ponto de vista da arqueologia da região do Tapajós, primeiro no sítio Cedro, próximo ao planalto de Belterra, de onde escrevi, junto a outro colega arqueólogo, três textos (Gomes; Lopes, 2012a; b; Lopes; Gomes, 2012), e do sítio Porto, nos arredores do campus da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Concluído o mestrado fui trabalhar como consultor em um projeto de salvamento arqueológico em Minas Gerais, onde passei bem pouco tempo, pois em seguida fui selecionado como antropólogo consultor da UNESCO, à frente de uma pesquisa ligada ao registro e salvaguarda do patrimônio imaterial no Estado de Rondônia, mais precisamente das comunidades do Vale do Guaporé (Gomes,

2013b; 2014). Até iniciar o doutorado em 2017, e mesmo durante este, trabalhei como consultor, seja na área de arqueologia – salvamentos, prospecções, delimitações de sítios, monitoramentos etc.; seja na de antropologia, junto às comunidades tradicionais, quilombolas, em estudos voltados aos Planos Básicos Ambientais – PBA, ribeirinhas, de pescadores e levantamentos de patrimônios imateriais.

Como pesquisador desenvolvi muitas pesquisas, em praticamente todas as regiões do Brasil, coordenando projetos de na área de Arqueologia Preventiva, com aproximadamente 10 portarias expedidas pelo IPHAN-CNA, bem como em levantamentos de patrimônio material e imaterial ligados ao licenciamento ambiental. O trabalho da consultoria foi também responsável por me formar enquanto pesquisador, contribuindo para meu entendimento sobre a necessária participação das pessoas nos trabalhos de arqueologia.

Os parágrafos acima servem-me para situar quem me lê, no sentido de dar a conhecer a trajetória que foi me formando como pesquisador e que por isso moldou de certa forma a maneira como escrevo, analiso e percebo o fazer arqueológico e os estudos de cultura material, paisagem e suas junções e disjunções com as pessoas envolvidas nestas pesquisas. Seguindo, preciso ainda estabelecer algumas premissas relacionadas à este trabalho de doutorado, apresentado na forma de 3 artigos e este texto introdutório: cronologias não foram observadas para elaboração dos textos por não terem feito falta na forma como organizei meu pensamento; perdi há algum tempo minha conexão com o que alguns de nós chamamos “lado espiritual”, mas que vou, de forma pernóstica, chamar de mundo metafísico; escrevo quase sempre com dor e alguma tristeza (e o grifo na epígrafe desta apresentação muito me representa); gosto de contar estórias; a escrita é o lugar dos meus pecados, todos os sete – os três últimos de forma mais veemente e, por último, sou posso ser prolixo.

Desde o primeiro momento, ainda no projeto que submeti para a seleção de doutorado, propus a apresentação da tese no formato de artigos, mas hoje posso dizer que o que está sendo apresentado aqui é o resultado de desencontros; nada nela foi como planejado, praticamente nada fruto de um meticuloso projeto que seguiu todas as suas etapas. Posso dizer que esta tese é um acidente, que agora mostra-se em resultados e reflexões, algumas que não foram antecipadas. No seu livro *Men in the off hours* Anne Carson, em um dos ensaios, reflete sobre o erro nestes termos:

Error.

And its emotions.  
On the brink of error is a condition of fear.  
In the mindset of error is a state of folly and defeat.  
Realizing you've made an error brings shame and remorse.  
Or does it? (Carson, 2009, p. 41)<sup>4</sup>

Quando digo que meu texto aqui é um acidente é porque diversas vezes o considerei um erro que me traria vergonha e remorso. Sou alguém agarrado à ideia de controle e muitas coisas eu não pude controlar; e o que não controlo por vezes desconheço ou o atribuo ao erro. Seguindo com a reflexão de Carson, no mesmo ensaio que citei acima, a autora diz que muitas creem que o erro é um evento interessante e útil, e dá o exemplo de Aristóteles:

Aristotle says that metaphor causes the mind to experience itself  
in the act of making a mistake.  
He pictures the mind moving along a plane surface  
of ordinary language  
when suddenly  
that surface breaks or complicates.  
Unexpectedness emerges.  
At first it looks odd, contradictory or wrong.  
Then it makes sense.  
And at this moment, according to Aristotle,  
the mind turns to itself and says:  
“How true, and yet I mistook it!”  
From the true mistakes of metaphor a lesson can be learned.  
Not only that things are other than they seem,  
and so we mistake them,  
but that such mistakeness is valuable (Carson, 2009, p. 41-42)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Erro.

E as suas emoções.  
À beira do erro está a condição do medo.  
No meio do erro está um espírito de loucura e de derrota.  
A descoberta do erro é acompanhada de vergonha e remorso.  
Ou não? (Tradução de João Moita)

<sup>5</sup> Aristóteles diz que a metáfora torna a mente consciente de si mesma no momento de cometer um erro. Ele imagina a mente a mover-se através de uma superfície lisa de linguagem vulgar quando de repente a superfície quebra-se e complica-se. Surge o inesperado. De início parece esquisito, contraditório ou errado. Depois começa a fazer sentido. E nessa altura, de acordo com Aristóteles, a mente vira-se para si mesma e diz:

Todas as vezes que eu me metia a pensar nas seções que comporiam a tese, desde a qualificação, achava tudo meio sem sentido, estranho e foi só quando eu abracei o “erro”, só quando valorizei o inesperado, que a tese começou a fazer sentido. O ensaio da Anne Carson foi um momento de epifania e foi-me conduzindo por estes últimos meses.

No início desta apresentação, quando estabeleci algumas premissas para minha escrita, disse que escrevo quase sempre com dor, e, no caso desta tese, essa dor é fruto de um grande pesar. Eu esperei escrever este trabalho sob o olhar rigoroso da maior pesquisadora que eu conheci, ao mesmo tempo que estaria sob a guarda de uma das pessoas que mais amo nesta existência. Mas ela cá não está, ao menos não rigorosamente olhando e amorosamente guardando. Está em saudades, em lembranças, na forma como me apresento como pesquisador, na substância da minha biblioteca, no olhar para a cultura material como meio e nunca fim, na inspiração. Denise Schaan, amiga e mentora, foi levada no primeiro ano de nosso projeto que previam ao menos quatro, meu coração se partiu, um nó se formou na minha garganta, e nos anos que se seguiram, escrever foi uma impossibilidade. O sentido da tese permaneceu flutuando num limbo, onde a teimosia em fazer algo que não era mais possível, misturou-se ao desespero de não saber o que fazer de possível.

A dor permanece, e um coração partido não se remenda, mas a teimosia está sendo contida e o desespero dá lugar a vontade de seguir em frente, inspirado em alguém que sempre seguiu. A falta da Denise – orientadora, inspiração, exemplo, eu considero o maior erro do tempo comigo; definitivamente eu não estava preparado para a cena do luto – há quem o esteja? É o que escreve de forma simples e honesta a ensaísta Joan Didion (2021) no livro “O ano do pensamento mágico”, concebido após a autora perder o marido depois de um mal súbito: “A vida muda rapidamente, a vida muda em um instante. Você se senta para jantar e a vida que você conhecia termina” (2021, p. 103). Mas a escrita da tese é, em tudo, permeada pela memória dela.

Didion (2021) diz ainda que, enlutados, choramos, para o bem ou para o mal, também por nós mesmos, pelo que éramos antes e pelo que não somos mais (2021, p. 259). Pelo arqueólogo que eu era ou seria, pela tese que escreveria... *ad infinitum*. Segundo ela, há algo

---

“Tão acertado, e ainda assim eu confundi-o!”

Dos verdadeiros equívocos da metáfora pode-se aprender uma lição.

Não apenas que as coisas são diferentes do que parecem, e, portanto, as confundimos, mas que tais equívocos são úteis. (Tradução de João Moita)

diferente no olhar das pessoas enlutadas, visível apenas para aquelas que passaram pelo mesmo processo: uma intensa vulnerabilidade, como se houvéssimos atravessado uma espécie de rio mitológico que borra a fronteira entre a vida e a morte. Por tudo isso, este não é o trabalho perfeito (felizmente), é o trabalho possível. Se possui a marca desta dor, também se traduz na história de um amor e uma interlocução intelectual permanentes. Para ter convivido com Denise, eu viveria tudo de novo. As fraturas que me compõem hoje, são antecipação do percurso que tem formado não somente o pesquisador que sou, mas também o homem que supera e assim continuo humano.

## **O doutorado**

Considero que comecei o doutorado, entre outubro ou novembro de 2016, após conversar com Denise – mesmo se a minha matrícula, depois do exame de seleção, foi feita somente em fevereiro de 2017. À época eu coordenava um laboratório de análise de material arqueológico em Porto Velho, Rondônia, e Denise, na UFPA, estava interessada em novas abordagens antropológicas e arqueológicas, mais especificamente em etnografias visuais e em como juntar etnografia sensorial em um filme arqueológico, ou algo que os valham. As ideias da Denise eram muito novas para mim, mas a possibilidade de finalmente tê-la como orientadora era por demais excitante. Entrei no mundo dos textos sobre filmes etnográficos, etnografias visuais, arqueologia sensorial e sensorialidades de modo em geral. Juntei algumas destas novas referências como o que eu já tinha estudado de arqueologia da paisagem (a área que melhor acomodava Denise e eu), discussões sobre patrimônio e cultura material, bem como arqueologia histórica, e escrevi o projeto de doutorado que foi aprovado pela seleção do PPGA. O título era “Para além da arquitetura, a construção da paisagem através dos olhares e usos do Ver-o-Peso: Uma etnografia visual do patrimônio”.

A atual tese, conquanto pela ocasião da qualificação eu tenha tentado manter alguns dos pressupostos do projeto de doutorado inicial, afastou-se daquela de forma inequívoca. Denise Schaan faleceu ainda no primeiro ano do doutorado, a troca de orientação não permitiu manter os planos originais. Logo após a qualificação, consegui junto a CAPES um ano de bolsa para poder desenvolver parte de minha pesquisa na *University College London* – UCL, no Reino Unido, sob a supervisão do Prof. Chris Tilley. Por esta ocasião pude cursar a disciplina do prof. Tilley onde muito discutimos sobre paisagem e cultura material a partir de seu vasto trabalho nas duas temáticas (Bender; Hamilton; Tilley; Anderson, 2007; Tilley, 1991; 1994; 2004; 2006; 2017; 2019; 2020; Tilley; Cameron-Daum, 2017; Tilley; Cameron–

Daum, 2017; Tilley; Keane; Kuechler-Fogden; Rowlands *et al.*, 2006); discussões estas que me fizeram mudar diversas de minhas perspectivas e expectativas sobre o que discutiria na tese.

No período que estive em Londres, metade dele foi em profundo isolamento, pois o Reino Unido havia sido um dos primeiros países europeus assolados pela pandemia de SARS-CoV-2, Covid-19. O possibilidade de estar em Londres, utilizando a enorme estrutura da UCL, representava para mim, naquele momento, uma chance de “reinventar” minha pesquisa de doutorado, me afastar um pouco do luto e buscar novos entendimentos para o que viria a se tornar minha tese. A pandemia interrompeu este fluxo e me obrigou a ficar muito tempo sozinho, em um país estrangeiro, pensando. Por certo que não penso ter sido o único afetado por esta calamidade global. De fato, acho impossível que qualquer pessoa pesquisadora, aliás, praticamente qualquer pessoa no mundo ao meu redor – e para além dele, não tenha tido seu trabalho e sua vida afetada por esta catástrofe. Appadurai, falando sobre a “Exceção Covid” encerra dizendo:

Much could be said about this moment and much that is said will be proven wrong. Those of us who practice anthropology need to observe, nurture and mobilise this new moment of possibility for society, in contrast to the state, as the only reliable site for a politics of survival (...)<sup>6</sup> (Appadurai, 2020, p. 222)

Confesso que a pandemia está muito recente e, ainda há pouco eu me sentia como o anedótico herói do Latour, meio perdido, depois de um confinamento tão longo, com a lembrança das primeiras saídas para a rua, ou minha recusa em fazê-lo, com o rosto mascarado, encontrando apenas o olhar fugaz de alguns transeuntes (Latour, 2021a). Latour (2021b) comenta que os tempos pandêmicos nos ofereceram duas lições: sobreviver a vírus e bactérias em um nível micro, outra sobre o reconhecer, em nível macro, o papel dos outros seres vivos na manutenção do ambiente que nós humanos precisamos para sobreviver – no fim, dou-me por satisfeito em ter sobrevivido.

Voltando ao doutorado, após a perda de minha orientadora e consequente impossibilidade de manter o projeto original, posso dizer que a primeira grande contribuição

---

<sup>6</sup> Muito poderia ser dito sobre este momento e muito do que for dito poderá provar-se errado. Aquelas de nós que praticamos antropologia precisam observar, nutrir e mobilizar este novo momento de possibilidade para a sociedade, em contraste com o Estado, como o único local confiável para uma política de sobrevivência (...). Tradução minha.

para a mudança de rumos da tese foi a possibilidade de escavar um sítio arqueológico em pleno centro histórico da capital paraense e, a segunda, foi uma nova troca de orientação, agora sob a supervisão da Profa. Dra. Daiana Travassos Alves, amiga desde muito, que trouxe possibilidades até então improváveis.

Com relação ao Sítio Sesc Ver-o-Peso, que usei como cenário para todas as histórias que contei nos artigos abaixo, em 2018, fui convidado a escrever e executar um projeto de pesquisa, com escavação e análise de material arqueológico, na ilhargá do Ver-o-Peso, o espaço que eu me propunha a estudar no doutorado (Gomes, 2018b)<sup>7</sup>.

Por ocasião da minha pesquisa de mestrado em Antropologia/Arqueologia também pude coordenar a escavação e análise da cultura material do Sítio Vila de Santo Antônio, em Porto Velho, Rondônia, um marco para a fundação daquela capital (Gomes, 2011; 2012; 2013a). Escavar um sítio e produzir um trabalho acadêmico sobre ele parece uma banalidade para um arqueólogo, oxalá esta fosse uma constante. A maior parte das pessoas mestradas e doutorandas neste campo não conseguem financiamento para essa empresa e, menos ainda, têm condições de articular tempo, financiamento e escrita dentro das expectativas do cumprimento das leis (relatórios para o IPHAN/CNA) e exigências acadêmicas – qualificação e defesa. Eu tive a sorte, e sorte é de fato o que me ocorreu, de ter podido escavar nas duas ocasiões.

Embora escrita em um estilo não típico de uma tese de doutorado, por vezes utilizando-me de anedotas que escapam aos ditames acadêmicos, esta foi a melhor maneira, na minha opinião, de contornar a dolorosa provação da ideia do erro que se me acudia, bem como das dores das perdas, do clima político, da pandemia etc. No fim este doutorado, e a pesquisa apresentada, é também resultado da colaboração multifacetada com muitas pessoas amigas. Na sequência eu apresento o texto integrador de minha tese e resumo as discussões e os principais objetivos dos três textos que formam o *corpus* deste trabalho.

---

<sup>7</sup> Projeto este aprovado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Centro Nacional de Arqueologia IPHAN/CNA com emissão de portaria, Processo nº 01492000390/2015-81, autorizando os trabalhos, que começaram em dezembro daquele ano (Gomes; Costa; Sóstenes, 2019; Gomes; Seabra; Pina; Araujo, 2022).

## A propósito de integrar

A área na qual circunscrevo minha tese tem produzido muitas e inovadoras pesquisas nos últimos anos, dentro dos estudos arqueológicos que têm na Amazônia seu cenário, e seus povos, histórias e costumes, como atores; mais precisamente nos estudos que delimitamos dentro da arqueologia histórica. Para situar minha pesquisa foi preciso olhar para outras escavações levadas a cabo no contexto urbano de Belém, alguns trabalhos mais recuados no tempo, mas que servem como marcos para a arqueologia histórica paraense (Guapindaia; Marques; Magalhães, 1996; Marques, 1999; 2003; 2005; 2006), outros mais recentes (Lopes; Fonseca Júnior; Mendes, 2021; 2022a; c; d; b; Seabra, 2020a; b; c; Silva, 2018; 2019), todos fazendo corpo aquilo que denominei em um dos artigos de arqueologia compulsória.

No que concerne à arqueologia histórica na Amazônia, e por conseguinte no Pará, o seu estado da arte já foi apresentado em alguns trabalhos (Fernandes, 2014; Gomes, 2013a; Lopes, 2013) e vem sendo atualizado (Costa 2017a; b; 2022). No recente livro “Arqueologia Histórica” (Symanski; Souza, 2022) os editores evidenciaram o crescimento desta área na região norte do Brasil e Costa (2022) nos dá um interessante balanço do que se tem estudado na região. No mesmo volume, Godoy (2022) traz uma importante reflexão, com a qual comungo, sobre a importância do público em meio as políticas que envolvem a preservação da memória na arqueologia histórica amazônica. Da síntese de Costa (2017) até nossos dias, muito se avançou e a variedade de temas tem sido muito interessante.

Costa e Godoy (2021) num dossiê organizado no *Brasília: Journal for Brazilian Studies*, convidaram pesquisadores e pesquisadoras que trabalham na Amazônia e os textos de Azulai (2021), Figueiredo (2021) e Muniz (2021) são bons exemplos do que se tem discutido no campo da arqueologia histórica, e ainda temos os muitos trabalhos ligados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, de onde este autor está escrevendo [Ver Artigos 1 e 2, já publicados ou aceitos à publicação, para referências mais específicas].

Por certo que as reflexões expressas nesta tese se inserem na esteira de um legado teórico anterior a mim, muitos referidos acima, e continuado por minhas afinidades epistemológicas ou críticas a elas. São Trabalhos que tratam de arqueologia em contextos urbanos, arqueologia do patrimônio, arqueologia no centro histórico de Belém, arqueologia e paisagem, estudos de cultura material, entre tantos outros. Uma referência também que

coaduna muito como penso a cultura material numa escavação é aquela de Reis (2015) ao falar sobre o papel social do arqueólogo/da arqueologia e da necessidade de diminuir a distância entre pesquisadores e objetos de pesquisa, com as pessoas que não fazem parte do mundo acadêmico. Os contornos deste trabalho devem especial deferência aos estudos de Schaan (2006; 2007; 2009a; 2009b; 2009c; 2012; 2014), por sua variedade e estes, em particular, por tratarem de paisagens, pessoas e contarem de um fazer Arqueologia juntos, contando histórias.

A tese aqui defendida é a de que, no centro histórico de Belém, pessoas, paisagem e cultura material, realizam complexos intercâmbios e entrecruzamentos, que contam histórias. E que essas histórias podem ser escritas por meio da investigação arqueológica e antropológica. Essa é a tese que costura os artigos que compõe este trabalho final de doutorado. O *locus* da pesquisa, mas também cenário e objeto constituinte da paisagem do centro histórico de Belém, como já disse acima, foi um casarão que teve seu interior escavado e que eu denominei Sítio Sesc Ver-o-Peso<sup>8</sup>.

Em um número da revista *Historical Archaeology* em 2012, Martín; Brooks e Lima (2012) abordaram as perspectivas das pesquisas em arqueologia histórica na América do Sul, destacando as diferenças e semelhanças no desenvolvimento desta disciplina na região, apontando os principais temas estudados e mencionando outros promissores; no entanto os autores não faziam nenhuma menção à região amazônica em sua análise. Passados 11 anos, há muito de estudos de arqueologia histórica sendo feito nas plagas amazônicas (Costa 2017a; 2022; 2023) os temas têm se multiplicado e há pesquisas envolvendo esta disciplina em praticamente toda a região. Conquanto eu circunscreva minha escrita arqueológica dentro da antropologia, minha pesquisa é em um sítio arqueológico histórico, com aquilo que chamamos dentro do *métier*, cultura material histórica.

O título desta tese, por quanto o percurso, desde a qualificação até este momento, tenha sido de quase total ruptura com aquilo que foi apresentado naquele momento, permaneceu o mesmo e, para este autor, ele se presta bem como um “título integrador” para os artigos que compõem este documento: O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na Campina, Centro Histórico de Belém – Sujeitos, Paisagem e Cultura Material.

---

<sup>8</sup> Registrado no cadastro nacional de sítios dentro das recomendações exaradas pelo IPHAN no Processo nº 01492000390/2015-81.

Quando estava trabalhando na minha dissertação de mestrado eu li o trabalho de Daniel Schávelzon sobre o esquecimento histórico das heranças culturais negras na construção da sociedade portenha (Schávelzon, 2003); o livro me veio à cabeça pensando sobre os esquecimentos que devem existir na construção histórica do que é o centro histórico de Belém. Não acho que meu trabalho servirá a contrapor os esquecimentos, mas como me disponho nos artigos a contar histórias e até estórias, usando a cultura material, a paisagem e suas relações com as pessoas, a evocação do trabalho do colega argentino me serviu de inspiração para buscar entender, e construir, a história que a arqueologia e a antropologia são capazes de contar tendo Pessoas, Paisagem e Cultura material como matéria prima.

O conceito de Patrimônio Cultural como categoria acionada pelo Estado, e por isso imbuído de poder, e apreendido de formas particulares pelas pessoas em sua cotidianidade é muito importante para a construção da argumentação presente nesta tese (Harrison 2010, Smith 2011, Holtorf 2011, 2012, Bezerra 2017, Gnecco 2017, Cabral, Pereira e Bezerra 2018). A partir de discussões sobre Patrimônio, me debruço também sobre “o fazer arqueológico”, buscando interfaces que o aproximem das pessoas, para de um lado evitar tensões desnecessárias entre pesquisadores e não pesquisadores, e de outro propiciar a desmistificação da arqueologia, seus métodos e resultados, o que pode em muito ajudar nas possibilidades de preservação de sítios arqueológicos e a tão almejada salvaguarda do patrimônio arqueológico (Ribeiro 1990, Cabral e Saldanha, 2009, Gomes e Lopes 2012a, 2012b, Pyburn 2009, Bezerra 2010, 2013, 2017, Leone 2008).

Outro pressuposto teórico que norteou, principalmente o primeiro artigo, a forma como esta pesquisa está sendo apresentada foi a Arqueologia Etnográfica, aqui conceituada como campo interdisciplinar/transdisciplinar, com uma colaboração intensa entre antropologia e arqueologia, um espaço transcultural para múltiplos encontros, conversas e intervenções, envolvendo pesquisadores de diversas disciplinas e públicos diferentes, e centrados em materialidade e temporalidade (Hamilakis 2011, 2014). As interseções entre Etnografia e Arqueologia (Castañeda 2006; Castañeda et al. 2008; Castañeda 2008; Edgeworth 2003, 2006, 2016; Hamilakis e Anagnostopoulos 2009) orientaram minhas reflexões quando da escrita do artigo em que trato de minhas relações seja com os colaboradores que auxiliaram nas escavações, que as pessoas de modo geral que visitaram o espaço (Gomes 2023a).

A paisagem do centro histórico de Belém, como conceito mais amplo, usado seja na arqueologia que na antropologia, mas não somente, é uma das pernas do meu tripé conceitual

apresentando no título deste trabalho. A Paisagem, composta por sua historicidade e vistas como ambientes culturais, erigidos ao longo do tempo, integrando formas físicas e culturais (Sauer 1969), foi o ponto de partida para depois também analisá-la como artefato (Souza 2005) e cultura material (Tilley 1996).

Diversos estudos sobre a paisagem dentro da arqueologia foram referência durante a escrita do segundo artigo, seja para entender as dinâmicas urbanas que moldam determinadas áreas das cidades modernas (Deetz 1977, Leone 1989, Tilley 2017, 2019), seja assumido atribuições socioculturais, com papel ativo na mediação de relações sociais (Sousa 2007, McGuire 1991). Uma paisagem que foi e que é, que está sempre em movimento, mudando a partir das pessoas que a fruem (Branton 2009, Crumley e Marquardt 1990). Analisando a Paisagem do centro histórico, a partir do Sesc Ver-o-Peso, combinei antropologia e arqueologia seguindo principalmente as sugestões do prof. Tilley (Tilley 2012, 2017, 2019, Tilley e Cameron-Daum 2017).

A cultura material, advinda de um sítio arqueológico histórico em meio urbano, entendida dentro das categorias específicas caras à arqueologia como marcadores temporais, meios para inferir costumes e estratificação social, hábitos de consumo etc., contribuindo com narrativas históricas mais plurais (v. Symanski 1998, Schávelzon 2000b, 2000a, Tocchetto et al. 2001, Tocchetto 2003, Santos 2005, Silva 2006, Deagan 2008, Zarankin 1999, 2001, 2005, 2008, Agostini 2012, 2013, Costa 2016a, 2016b, Souza 2016, Lima 2002) foi objeto de discussão que ampliou seu conceito, bem como os significados das coisas (Bezerra 2013, 2017).

A partir de Latour (1994; 1995; 2012) busquei mostrar que os objetos/cultura material são muito mais do que simples mercadorias ou posses, mas que desempenham papéis diversos, inclusive na formação de identidades, conexões sociais e laços emocionais. Outro autor que muito ajudou na percepção e análises da cultura material neste trabalho foi Miller (1985; 1991; 2002; 2008; 2010), que argumenta em diversos trabalhos que os objetos têm um poder simbólico significativo, influenciando a forma como as pessoas veem a si mesmas e como se relacionam com os outros. Miller (2010), analisando a presença de objetos na vida de algumas pessoas num bairro londrino revela como eles são centrais para a construção de narrativas pessoais e para o entendimento de suas próprias histórias e memórias. Mesmo se não consegui chegar a este nível de análise na cultura material que analisei, a inspiração era essa.

Os dados que substanciam esta tese advêm principalmente da pesquisa arqueológica realizada no sítio Sesc Ver-o-Peso. Durante os trabalhos de escavação uma pesquisa histórica foi realizada abordando a historicidade do sobrado localizado na Av. Boulevard Castilhos França, nº 506, entre a travessa 1º de Março e Rua da Indústria, no bairro da Campina, Centro Histórico de Belém (Gomes 2019). Fontes primárias – escritas, iconográficas ou materiais – permitiram ver as mudanças na paisagem onde o sítio está inserido, bem como aquelas dos aspectos da arquitetura da edificação. Foi realizado um levantamento de dados bibliográficos sobre a área de implantação do sítio.

Buscando trazer a ideia de multivocalidades (Ferreira; Montenegro; Rivolta; Nastri, 2014; García; Martínez; Baptista, 2015; Gnecco, 1999; 2010; Gomes, 2023a), principalmente tratada no primeiro artigo, busquei sempre manter trocas dialógicas, seja com as pessoas que me auxiliaram nas escavações, o público que privilegiei, seja com os demais interlocutores que passaram pelo sítio Sesc Ver-o-Peso. Algumas entrevistas foram realizadas, mas ainda não aparecem nos textos que compõem esta tese, de forma estruturada. Cartografias e fotografias de época também ajudaram a substanciar as discussões sobre a paisagem.

Por último, os dados advindos da análise da cultura material, apresentados em formato de infográficos no capítulo 3, foram o subterfúgio para uma discussão mais ampla sobre cultura material.

Quando uso o título “O fazer arqueológico no trabalho de campo em um sítio na Campina, centro histórico de Belém – sujeitos, paisagem e cultura material”, tenho por premissa problematizar o “fazer arqueológico”, o trabalho da pessoa arqueóloga em campo, a partir das pessoas envolvidas na pesquisa, a paisagem onde esta arqueologia está sendo feita e as formas de percepção e análise da cultura material que ali estão sendo desenterradas, tudo isso para contar histórias. Histórias ligadas à cidade e suas gentes; narrativas sobre como o patrimônio é visto, apreendido, preservado (ou menos) etc. O contar estas histórias é um meio para discutir a aproximação da arqueologia e seus objetos de estudos, das pessoas que os fruem ou poderiam fruir.

Para apresentar a tese, proponho três artigos, que podem ser analisados como capítulos, mas que são independentes entre si. No primeiro artigo busco dar enfoque nas pessoas, principalmente as que participaram das escavações comigo; o segundo tem por enfoque a paisagem de parte do centro Histórico de Belém; já o terceiro, trata de forma mais

pormenorizada da cultura material escavada, bem como uma discussão sobre o conceito e a concretude desta categoria de coisas. Posso repetir que o fazer arqueológico na escavação do sítio Sesc Ver-o-Peso, foi o pano de fundo para as reflexões que tiveram como ponto central ora as pessoas, ora a paisagem, bem como a cultura material. Não posso, contudo, afirmar que a ordem em que eles aparecem obedeça a alguma cronologia ou que tenha um sentido especial. A ordem em que aparecem foi sua ordem de escrita, mesmo se o segundo artigo escrito foi o primeiro publicado e o primeiro possa acabar sendo o último.

**O primeiro capítulo/artigo, foi intitulado “Arqueologia, etnografia e multivocalidades: percepções sobre o patrimônio arqueológico em uma escavação no Centro Histórico de Belém”<sup>9</sup> (Gomes 2023a)** e aborda a intersecção da Arqueologia com a Etnografia, destacando as oportunidades de ouvir perspectivas diferentes que acabam emergindo durante uma escavação; a estas diferentes vozes chamei de Multivocalidades. A partir de abordagens como as de Gnecco (1999; 2010), García; Martínez e Baptista (2015) e outros, neste artigo trato de minha relação, enquanto pesquisador, com as pessoas que escavaram comigo o lugar e as possibilidades que Multivocalidades poderiam dar à compreensão de meus objetos de pesquisa. Usei essa abordagem como um meio para investigar as percepções das pessoas sobre a escavação no centro histórico de Belém, um projeto de Arqueologia Urbana realizado no Bairro da Campina – área comercial da capital paraense com muita circulação de pessoas e com espaços em constantes disputas simbólicas e políticas.

Discutindo também o conceito de patrimônio e algumas formas como esta ideia é “imposta” e carregada de poder simbólico (Holtorf, 2012; Smith, 2011; Troncoso, 2019), um de meus objetivos com o artigo foi argumentar que a pesquisa arqueológica é grandemente enriquecida e se torna um instrumento informativo valioso graças à participação dos cidadãos que vivem na cidade, incluindo tanto aqueles que trabalham diretamente com as arqueólogas e os arqueólogos quanto aqueles que têm a oportunidade de visitar as escavações. E uma das conclusões a que cheguei foi que o patrimônio cultural arqueológico perde um pouco de seu “mistério” quando é compreendido pelas pessoas, tornando-se mais facilmente reconhecível e, possivelmente, mais passível de ser preservado.

---

<sup>9</sup> O texto encontra-se no prelo, previsto para publicação no V. 19, n. 1, do Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas.

**No segundo capítulo/artigo, “A Paisagem Histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a Arqueologia com isso?”<sup>10</sup>**, usando uma discussão sobre a paisagem histórica do centro de Belém como tinta para minha narração, busco falar das interrelações desta com as pessoas e provoco interrogando sobre qual o papel da arqueologia nesta mediação. Busquei também situar minha pesquisa no universo de outras tantas que ocorrem na área, além de problematizar a forma como a arqueologia no centro histórico da capital paraense tem sido conduzida (Gomes 2023b).

Este mesmo artigo propõe uma reflexão abrangente sobre as intervenções arqueológicas compulsórias no contexto urbano de Belém, enfocando especificamente a análise da paisagem histórica da capital paraense. O objetivo central foi estabelecer uma integração entre os dois temas: a pesquisa arqueológica compulsória e a análise da paisagem. Nessa abordagem, busquei examinar a progressiva intervenção na paisagem urbana de Belém, destacando como essas ações têm um impacto significativo na experiência e na circulação da população pelos espaços urbanos.

Além disso, o artigo explora também a construção social da paisagem do centro histórico de Belém, levando em consideração sua historicidade, as percepções possíveis desta e sua relação estreita com o que é compreendido como patrimônio cultural (Ingold, 1993; Sauer, 1969; Schaan, D., 2014; Taylor, 2008; Tilley, 2006; 2019; Tilley; Cameron-Daum, 2017). Dentro desse contexto, o estudo revela que muitas intervenções arqueológicas foram realizadas sem a devida participação popular, o que frequentemente reflete e reforça relações de poder, potencializadas pela falta de envolvimento da comunidade. Situação que pode levar a decisões arbitrárias que por vezes não consideram adequadamente os valores culturais e históricos que são significativos para os moradores locais.

Ao analisar o patrimônio cultural do Centro Histórico de Belém e suas transformações decorrentes das intervenções arqueológicas compulsórias, o artigo levanta questões sobre o papel do poder público e das políticas urbanas na preservação e valorização do patrimônio cultural. Fica patente a necessidade de compreender como as ações arqueológicas devem ser realizadas de forma responsável e participativa, promovendo um envolvimento amplo da população para garantir que o patrimônio seja respeitado e protegido de maneira sustentável.

---

<sup>10</sup> Texto aceito para publicação em março de 2023 e publicado em maio do corrente ano na Revista da Sociedade Brasileira de Arqueologia, V 36, n.2.

Destaco no artigo importância de um diálogo aberto e inclusivo entre os arqueólogos, as comunidades locais e as autoridades responsáveis pelas decisões que afetam a paisagem urbana e o patrimônio cultural. Somente por meio dessa colaboração e respeito mútuo será possível promover intervenções arqueológicas mais conscientes e culturalmente sensíveis, que resguardecam a rica história e identidade da capital paraense, permitindo que as gerações futuras também desfrutem e aprendam com esse valioso legado.

**Com o terceiro capítulo/artigo, “*The Material Culture of the Urban Site Sesc Ver-o-Peso, in Belém, at the Amazon: Possibilities of Analyses*”<sup>11</sup>**, me proponho a partir dos vestígios arqueológicos encontrados no sítio Sesc Ver-o-Peso, a realizar uma análise da cultura material e combiná-la com outras formas de compreensão destes materiais escavados. Os fragmentos e peças de louça, vidro, metal e outros materiais foram examinados utilizando atributos pré-definidos comumente utilizados na arqueologia histórica (Castro, 2009; Cavalcante, 2017; Costa, 2010a; b; Fike, 2006; Lima, 1995; 2011; Pileggi, 1958; Schávelzon, 1998; Zanettini, 1986; Zanettini; Camargo, 1999).

Os resultados dessas análises foram discutidos e problematizados a partir de uma compreensão mais ampla dos significados da cultura material e de seus impactos sobre as pessoas (Bezerra, 2012; 2013; 2018; Cochran; Beaudry, 2006; Tilley, 2004; Tocchetto, 2003). Além das informações comumente obtidas sobre cronologias e padrões de uso de diferentes culturas materiais domésticas, uma abordagem reflexiva baseada em teorias de pensadores como Latour, Bourdieu, Miller e outros, permitiram problematizar essas informações de maneiras inovadoras para a arqueologia histórica de Belém (Bezerra, 2019; Bourdieu, 1979; Hodder, 2004; Latour, 1994; 1995; 2012; Miller, 1991; 2007; 2008).

Uma das conclusões expressas no artigo é que a cultura material não apenas conta histórias que podem ter passado despercebidas nos documentos da época, mas também é um reflexo ativo da sociedade, participando ativamente na construção da vida social.

---

<sup>11</sup> O Artigo foi submetido ao *Global Journal of HUMAN-SOCIAL SCIENCE: D History, Archaeology & Anthropology* e foi publicado dia 26/10 no Volume 23 Número 5.

## Reflexões finais

Tenho um colega que disse que, se todos os arqueólogos desaparecessem, o mundo passaria muito bem, obrigado, sem eles. É um exagero, mas de qualquer modo quer dizer que, de fato, nossa profissão não é necessária para a sobrevivência da espécie humana. Isso porque talvez não sejamos bons contadores de histórias. São as histórias – nossas narrativas sobre o passado – que possibilitam que se faça a ponte entre nós e os outros, localizados no distante e diferente tempo que já se foi. São as mesmas narrativas que permitem que se abram os corações e mentes para a aceitação da diversidade cultural, para o respeito ao outro. Penso que enquanto escrevemos sobre fases e tradições, períodos cronológicos com estranhos nomes, e exóticas nomenclaturas tipológicas em cartilhas de “educação patrimonial” estaremos apenas contando a triste história de uma profissão desnecessária. O mundo precisa de bons contadores de histórias. Alguns deles podem ser arqueólogos. (Schaan, 2009c, p. 99)

Escavar o Sítio Sesc Ver-o-Peso não era ainda nem uma possibilidade quando iniciei o doutorado, mas dos limões se fazem limonada e dos projetos de “arqueologia de contrato” se fazem teses. Devo dizer, contudo, que a maioria das reflexões aqui apresentadas e a forma como conduzi a pesquisa durante as escavações só foram possíveis devido à construção diária da pessoa pesquisadora que fui e sou. Por se tratar de um projeto com cronograma muito restrito, onde somente um pesquisador esteve envolvido durante toda a realização do campo e até por questões ligadas à segurança, não foi possível expor ainda mais o sítio e seus achados. Teria sido muito produtivo – e diversas tentativas foram feitas – realizar entrevistas mais estruturadas com os colaboradores e as pessoas que visitaram a escavação – utilizando a Arqueologia Etnográfica como método, mas os tempos não foram propícios.

Nos próximos meses, anos, por conta da realização da COP30 em Belém, e como parte do projeto político do atual governador, diversos locais, em áreas tombadas da capital paraense, passaram por requalificações e seria desejável que as colegas e os colegas que trabalharão coordenando as escavações arqueológicas, ao proporem seus projetos, atentem-se para uma maior proximidade entre as pessoas e os sítios e sua cultura material. Que histórias múltiplas possam ser contadas e depois reconhecidas por parcelas maiores da população.

Tendo por objeto o sítio arqueológico Sesc Ver-o-Peso, a paisagem em que este está inserido, a cultura material que dele foi desenterrada, o fazer arqueológico durante a pesquisa que o escavou, bem como as relações entre arqueólogo, colaboradores e as pessoas que visitaram o lugar, com suas diferentes percepções sobre patrimônio cultural, eu escrevi,

apresentei e publiquei algumas reflexões e textos diversos (Gomes, 2018a; b; 2020; 2023a; b; Gomes; Costa; Sóstenes, 2019; Gomes; Seabra; Pina; Araujo, 2022); e são estas reflexões que fornecem seja a materialidade que a substância teórico metodológica que constituem esta tese de doutorado. Há ainda diversos assuntos, questões, reflexões sobre as quais pretendo escrever, tendo a pesquisa no sítio Sesc Ver-o-Peso como ponto de partida, mas por agora, espero que as histórias aqui presentes sejam capazes de ajudar a entender a história que a arqueologia e a antropologia são capazes de contar tendo Pessoas, Paisagem e Cultura material como matéria prima. Seguindo a reflexão proposta na epígrafe, espero ter sido capaz de contar boas histórias.

## Referências

- Appadurai, A. The COVID exception. **Soc Anthropol**, 28, n. 2, p. 221-222, May 2020.
- Azulai, L. C. d. O. Arqueologia urbana: cultura material, patrimônio e história na cidade de Belém-PA. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, 9, n. 2, p. 182-205, 03/04 2021.
- Bender, B.; Hamilton, S.; Tilley, C. *et al.* **Stone worlds: narrative and reflexivity in landscape archaeology**. Left Coast Press, 2007. 1598742191.
- Bezerra, M. Signifying heritage in Amazon: a Public Archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. **Chungara, Revista de Antropología Chilena**, 44, n. 3, p. 533-542, 2012.
- Bezerra, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista de Arqueologia Pública**, n. 7, p. 107-122, 2013.
- Bezerra, M. Com os Cacos no Bolso: colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia Brasileira. **Revista do Patrimônio**, 38, p. 85-99, 2018.
- Bezerra, M. O machado que vaza ou algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, 12, n. 2, p. 51-58, 2019.
- Bourdieu, P. **La distinction. Critique sociale du jugement**. Paris: Les éditions de Minuit, 1979. 670 p. 2-7073-0275-9.
- Carson, A. **Plainwater: Essays and poetry**. Vintage, 2000. 0375708421.
- Carson, A. **Men in the off hours**. Vintage, 2009. 0307557871.
- Castro, C. O. **Botellas de vidrio: bases para un catálogo arqueológico de colombia**. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de ciencias Sociales, CESO, Departamento de Antropología, Ediciones Uniandes, 2009. (Colección Prometeo).
- Cavalcante, D. b. A. O consumo de bebidas alcoólicas no engenho do Murutu (Belém-Pará-Brasil). **Fragments del Pasado-do Passado**, n. 4, p. 11-32, 12/01 2017.
- Cochran, M.; Beaudry, M. C. Material culture studies and historical archaeology. *In*: Hicks, D. e Beaudry, M. C. (Ed.). **The Cambridge companion to historical archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 191-204.
- Costa, D. M. **Roteiro para análise de artefatos de vidro**. 2010a. Disponível em: <http://dmc.arqueologiadigital.com/disciplinas/material-historico>. Acesso em: 03/03/2012.
- Costa, D. M. **Roteiro para análise de Louças**. 2010b. Disponível em: <http://dmc.arqueologiadigital.com/disciplinas/material-historico>. Acesso em: 03/03/2012.

Costa, D. M. Arqueologia Histórica Amazônida. **Revista de Arqueologia**, 30, n. 1, p. 154-174, 06/30 2017a.

Costa, D. M. Arqueologia Histórica Amazônida: entre sínteses e perspectivas. **Revista de Arqueologia**, 30, n. 1, p. 154-174, 06/30 2017.

Costa, D. M. Historical Archaeology in the Amazon: the Murutucu Sugar Cane Mill Field School Project. **International Journal of Historical Archaeology**, 21, n. 3, p. 674-689, 2017/09/01 2017b.

Costa, D. M. Arqueologia histórica na região Norte do Brasil. *In*: Symanski, L. C. e Souza, M. A. T. d. (Ed.). **Arqueologia Histórica Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. cap. 17, p. 493-514.

Costa, D. M. Arqueologia urbana em Belém do Pará: O estudo de um antroma terrestre entre águas amazônicas. **Revista Arqueologia Pública**, 18, n. 00, p. e023003, 08/25 2023.

Costa, D. M.; Godoy, R. d. Archeology and Brazilian Studies: Past and Present. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, 9, n. 2, p. 1-6, 03/04 2021.

Didion, J. **O ano do pensamento mágico**. Tradução Vargas, M. Duque de Caxias, RJ: HarperCollins Brasil, 2021. 240 p. 9786555111194.

Fernandes, G. C. B. “Um buraco no meio da praça”: múltiplas percepções sobre um sítio arqueológico em contexto urbano amazônico – o caso de Belém, Pará. 2014. 177 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado) - Programa de pós-graduação em antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Ferreira, L. M.; Montenegro, M.; Rivolta, M. C. *et al.* **Multivocalidad y activaciones patrimoniales en arqueología :**

**perspectivas desde Sudamérica**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación de Historia Natural Félix de Azara, 2014. 398 p. 978-987-3781-08-7.

Figueiredo, C. A. R. O espaço urbano na Amazônia como campo de aplicação de forças fiversas: a governança municipal e a participação popular no Centro Histórico de Belém. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, 9, n. 2, p. 161-181, 09/23 2021.

Fike, R. **The Bottle Book: A Comprehensive Guide to Historic, Embossed Medicine Bottles**. Blackburn Press, 2006. 336 p. 9781932846157.

García, C. G.; Martínez, D. B.; Baptista, B. V. **Patrimonio y Multivocalidad: Teoría, práctica y experiencias en torno a la construcción del conocimiento en Patrimonio**. 2015.

Gnecco, C. **Multivocalidad histórica: hacia una cartografía postcolonial de la arqueología**. 1. ed. Bogotá: Departamento de Antropología, Universidad de Los Andes, 1999. 120 p. p. 9789586950237

9586950239.

Gnecco, C. Da Arqueologia do Passado à Arqueologia do Futuro: anotações sobre multiculturalismo e multivocidade. **Amazônica**, 2, n. 1, p. 92-103, 2010.

Godoy, R. d. Público, política e memória. *In*: Symanski, L. C. e Souza, M. A. T. (Ed.). **Arqueologia Histórica Brasileira**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2022. p. 467-489.

Gomes, N. **Diario di un navigatore riscoprendo l'America**. 2005. Master Thesis (Master) - Dipartimento di Scienze dell'Educazione, Università Cattolica del Sacro Cuore, Milão.

Gomes, N. Sobre a Arqueologia Histórica e a Vila de Santo Antônio do Madeira. *In*: II Encontro Latino Americano de Arqueologia, 2011, Rio de Janeiro.

Gomes, N. **Paisagem, História e Cultura Material - o Sítio Vila de Santo Antônio em Rondônia, Sob a Perspectiva da Arqueologia Histórica**. Orientador: Marques, D. F. 2012. 41 f. Qualificação de mestrado (Mestrado) - PPGA, UFPA, Belém.

Gomes, N. **Arqueologia e cultura material: uma história contada em cacos de vidros e louças da vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO)** Orientador: Marques, F. L. T. 2013a. 144 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Gomes, N. **Difusão da política do patrimônio cultural imaterial no Brasil, Projeto 914BRZ4012**. UNESCO/IPHAN. Porto Velho, p. 18. 2013b. Relatório, Produto II.

Gomes, N. **Difusão da política do patrimônio cultural imaterial no Brasil, Projeto 914BRZ4012**. UNESCO/IPHAN. Porto Velho, p. 24. 2014. Relatório, Produto III.

Gomes, N. Pode um paraense dar-se a surpresas sensoriais visitando o Ver-o-Peso? Sobre uma incursão não usual ao campo. **Caderno 4 Campos**, 1, n. 1, p. 21-24, 2018a.

Gomes, N. **Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial, anexo II do SESC Boulevard**. Sesc-PA. Belém, Pará, p. 28. 2018b. Projeto de Pesquisa. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGLI0dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLI0dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub).

Gomes, N. Archaeological work and public perception the experience of archaeological excavation in the historic city centre of the oldest capital in the Brazilian Amazon. *In*: Almansa-Sánchez, J. e Muniz, T. S. A. (Ed.). **M(C)AGA - A photo-essay on Latin American approaches to contemporary archaeology**. Madrid: Asociación para la Investigación y la Difusión de la Arqueología Pública, JAS Arqueología, 2020. cap. 10 - Archaeology and Heritage in Metropolis from global South, p. 148-158.

Gomes, N. Arqueologia, Etnografia e Multivocalidades – percepções sobre o patrimônio arqueológico em uma escavação no centro histórico de Belém. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, p. no prelo, 2023a.

Gomes, N. A paisagem histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a Arqueologia com isso? **Revista de Arqueologia**, 36, n. 2, p. 243-273, 2023b.

Gomes, N.; Costa, D. F. d.; Sóstenes, S. **Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial no anexo II do SESC Boulevard**. Sesc-Pa. Belém, Pará, p. 193. 2019. Relatório Preliminar. Disponível em:

[https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGL10dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGL10dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub).

Gomes, N.; Lopes, R. C. d. S. Cacareco de índio e artefato arqueológico: conversas entre arqueólogos e a família Souza no Sítio Cedro, Santarém – Pará. **Revista de Arqueologia Pública**, n. 5, p. 20-31, 2012a.

Gomes, N.; Lopes, R. C. d. S. Os co-trabalhadores do Cedro - uma possibilidade de Arqueologia Pública. In: Schaan, D. P. (Ed.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará**. Belém: GKNoronha, 2012b. p. 73-92.

Gomes, N.; Seabra, A. C. d. S.; Pina, A. D. d. V. *et al.* **Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial anexo II do SESC Boulevard**. Sesc-PA. Belém, Pa. 2022. Relatório Final de Análise. Disponível em:

[https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGL10dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGL10dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub).

Guapindaia, V.; Marques, F. L. T.; Magalhães, M. P. **Resgate arqueológico da Igreja de N. S. do Rosário dos homens brancos, em Belém, Pará**. Fumbel/PMB. Belém, p. 9. 1996.

Hodder, I. **The Meanings of Things: Material Culture and Symbolic Expression**. Unwin Hyman, 2004. (Edição 6 de One world archaeology. 9780044450177.

Holtorf, C. The Heritage of Heritage. **Heritage & Society**, 5, p. 153-174, 09/01 2012.

Ingold, T. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, 25, n. 2, p. 152-174, 1993/10/01 1993.

Latour, B. **Jamais fomos modernos, Ensaio de Antropologia Simétrica**. Tradução Costa, C. I. d. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. 152 p. (Coleção Trans. 8585490381.

Latour, B. Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, 2, n. 1, p. 07-26, 1995.

Latour, B. **Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede**. Tradução Sousa, G. C. C. d. Salvador, Bauru: EDUFBA, 2012. 9788523208646.

Latour, B. **After Lockdown: A Metamorphosis**. Tradução Rose, J. Wiley, 2021a. 180 p. 9781509550029.

Latour, B. **The Pandemic is a warning: we must take care of the earth, our only home**. The Guardian, 2021b. Disponível em: <https://bit.ly/3yYkC1R>.

Lima, T. A. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limitessociais no Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista**, 3, p. 129-191, 1995.

Lima, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 6, n. 1, p. 11-23, 2011.

Lopes, P. R. d. C.; Fonseca Júnior, A. d. F. J.; Mendes, K. L. M. **Pesquisa de Avaliação do Patrimônio Arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará**. Secretaria de Estado de Cultura do Pará - SECULT-PA, Processo IPHAN n. 01492.000345/2021-74. Belém, p. 22. 2021. Projeto de Pesquisa. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Lopes, P. R. d. C.; Fonseca Júnior, A. d. F. J.; Mendes, K. L. M. **Acompanhamento Arqueológico, Cemitério da Soledade**. Secretaria de Estado de Cultura do Pará - SECULT-PA, . Belém, p. 232. 2022a. Relatório Parcial. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Lopes, P. R. d. C.; Fonseca Júnior, A. d. F. J.; Mendes, K. L. M. **Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará**. Secretaria de Estado de Cultura do Pará - SECULT-PA. Belém, p. 186. 2022b. Programa de gestão do patrimônio arqueológico – PGPA, Relatório de Prospecção. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Lopes, P. R. d. C.; Fonseca Júnior, A. d. F. J.; Mendes, K. L. M. **Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará**. Secretaria de Estado de Cultura do Pará - SECULT-PA. Belém, p. 17. 2022c. Relatório de Educação Patrimonial. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Lopes, P. R. d. C.; Fonseca Júnior, A. d. F. J.; Mendes, K. L. M. **Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará**. Secretaria de Estado de Cultura do Pará - SECULT-PA, . Belém, p. 1074. 2022d. Programa de gestão do patrimônio arqueológico – PGPA, Relatório de Escavação. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Lopes, R. C. d. S. **“O melhor sítio da terra”: Colégio e igreja dos jesuítas e a paisagem de Belém do Grão-Pará (Um estudo de arqueologia da arquitetura)**. 2013. Dissertação de mestrado (Mestrado) - Programa de pós-graduação em Antropologia, Universidade federal do Pará, Belém.

Lopes, R. C. d. S.; Gomes, R. N. d. C. De roça a sítio: o saber local e pesquisas arqueológicas. *In: I Congresso Pan-Amazônico e VII Encontro da Região Norte de História Oral*, 2012, Belém. Editora Açaí.

Marques, F. L. T. **Proposta de Ampliação de Prospecção Arqueológica na Área do Cais de Belém, Pará**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 1999. Relatório Preliminar, Inédito.

Marques, F. L. T. **Pesquisa arqueológica na área do Forte do Castelo, em Belém, PA - Monitoramento Arqueológico**. MPEG/SECULT. Belém. 2003.

Marques, F. L. T. Prospecção Arqueológica no Palácio Episcopal de Belém. *In: Estado, S. E. d. C. d. (Ed.). Feliz Lusitânia/ Museu de Arte Sacra*. Belém: Secult/PA, 2005. v. 3, p. 1-308. (Série Restauro).

Marques, F. L. T. Investigação Arqueológica na Feliz Lusitânia. *In: Estado, S. E. d. C. d. (Ed.). Feliz Lusitânia/Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champanhat*. Belém: Secult/PA, 2006. v. 4, p. 147-187. (Série restauro).

Martín, J. G.; Brooks, A.; Lima, T. A. Crossing Borders and Maintaining Identities: Perspectives on Current Research in South American Historical Archaeology. **Historical Archaeology**, 46, n. 3, p. 1-15, 2012.

Miller, D. Artefacts as Categories. *In: Pottery and Social Strategy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 184-196.

Miller, D. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford, UK: B. Blackwell, 1991. 240 p.

Miller, D. **Material Cultures: Why Some Things Matter**. Taylor & Francis, 2002. 9781135361648.

Miller, D. Consumo como Cultura Material. **Horizontes Antropológicos**, 28, p. 33-63, jul./dez.2007 2007.

Miller, D. **The Comfort of Things**. Cambridge, UK: Polity Press, 2008. 302 p. 9780745644042.

Miller, D. **Stuff**. Cambridge, UK: Polity Press, 2010. 169 p. 9780745644233.

Muniz, T. S. A. Towards an archaeology of rubber: por uma arqueologia da borracha. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, 9, n. 2, p. 233-251, 03/04 2021.

Pileggi, A. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Martins, 1958.

Reis, J. A. d. “Lidando com as coisas quebradas da história”. **Revista Arqueologia Pública**, 2, n. 1[2], p. 33-44, 06/12 2015.

Sauer, C. O. The morphology of landscape (1925). *In: Leighly, J. (Ed.). Land and Life: a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkley/Los Angeles: University of California Press, 1969. p. 315-350.

Schaan, D. Chronology of Landscape Transformation in Amazonia. **Amazonía. Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica**, p. 19-30, 2014.

Schaan, D. P. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. **Arqueologia Pública**, 1, p. 19-30, 2006.

Schaan, D. P. Múltiplas vozes, histórias e memórias: por uma gestão compartilhada do patrimônio arqueológico da Amazônia. **Revista do Patrimônio: Arqueologia**, n. 32, p. 19-35, 2007.

Schaan, D. P. Arqueologia e Multivocalidade: Desafios Contemporâneos. *In*: EIA - Encontro de Arqueologia Amazônica, 2009a, Manaus, Brasil. p. 1-14.

Schaan, D. P. Paisagens, imagens e memórias da Amazônia pré-colombiana. *In*: Silveira, F. L. A. d. e Cancela, C. D. (Ed.). **Paisagem e Memória**. Belém: Edufpa, 2009b. p. 7-20.

Schaan, D. P. Reflexões de uma arqueóloga e mulher na Amazônia. *In*: Domínguez, L.; Funari, P. P. A., *et al* (Ed.). **Desafios da Arqueologia - Depoimentos**. Erechim: Habilis, 2009c. p. 89-99.

Schaan, D. P. **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará**. 1a edição. ed. Belém, Pará: GKNoronha, 2012. 236 pages p. 9788562913129.

Schaan, D. P. Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. **Anuário Antropológico**, n. v.39 n.2, p. 13-46, 2014.

Schaan, D. P.; Marques, F. T.; Dias, S. d. N. B. *et al*. **Preservação, conservação, pesquisa e educação patrimonial no sítio histórico de Joanes. Relatório Final**. MPEG. Belém, p. 26. 2006.

Schávelzon, D. Notas acerca del vidrio colonial en el Rio de la Plata (siglos XVI al XVIII). Acesso em: 10 de maio de 2012.

Schávelzon, D. **Buenos Aires negra: Arqueología histórica de una ciudad silenciada**. 1. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 2003. 209 p. p. 9500424592.

Seabra, A. C. d. S. **Projeto Arqueológico para as obras de requalificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA**. Apresentado ao IPHAN, Processo N°: 01492.000147/2019-96. Belém, p. 56. 2020a. Relatório Parcial. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Seabra, A. C. d. S. **Projeto Arqueológico para obras de qualificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA**. Apresentado ao IPHAN, Processo N°: 01492.000147/2019-96. Belém, p. 47. 2020b. Projeto de Pesquisa. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa)

=protocolo\_pesquisar&acao\_origem\_externa=protocolo\_pesquisar&id\_orgao\_acesso\_externo=0.

Seabra, A. C. d. S. **Projeto de Acompanhamento Arqueológico e Arqueologia Pública nas Obras de Reforma e Restauro do Solar da Beira**. Apresentado ao IPHAN, Processo nº 01492.000319/2019-21. Belém, p. 138. 2020c. Relatório Final. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Silva, A. B. C. d. **Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro**. Inside Consultoria Científica Ltda, Processo IPHAN 01492.000016/2018-28 Belém, p. 39. 2018. Projeto de Acompanhamento Arqueológico. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Silva, A. B. C. d. **Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro**. Inside Consultoria Científica Ltda, Processo IPHAN 01492.000016/2018-28. Belém, p. 130. 2019. Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Relatório Laboratorial. Disponível em: [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0).

Smith, L. El “espejo patrimonial”. ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? **Antipoda Rev. Antropol. Arqueol.**, n. 12, p. 39-63, 2011.

Symanski, L. C. u. P.; Souza, M. A. T. d. **Arqueologia Histórica Brasileira**. Editora UFMG, 2022. 978-65-5858-090-4.

Taylor, K., 2008, **Landscape and memory**. 19-22.

Tilley, C. **Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism**. Wiley-Blackwell, 1991.

Tilley, C. **A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments**. Berg Oxford, 1994.

Tilley, C. Interpreting material culture. In: Hodder, I. (Ed.). **The Meanings of Things: Material Culture and Symbolic Expression**: Routledge, 2004. cap. 14, p. 185-194.

Tilley, C. Introduction: Identity, Place, Landscape and Heritage. **Journal of Material Culture**, 11, n. 1-2, p. 7-32, 2006.

Tilley, C. **Landscape in the longue durée**. UCL Press, 2017. 1787350819.

Tilley, C. **London's Urban Landscape**. UCL Press, 2019. 9781787355583.

Tilley, C. **The materiality of stone: explorations in landscape phenomenology**. Routledge, 2020. 260 p. 9781003087083.

Tilley, C.; Cameron-Daum, K. The anthropology of landscape materiality, embodiment, contestation and emotion. *In: Anthropology of Landscape*: UCL Press, 2017. p. 1-22. (The Extraordinary in the Ordinary).

Tilley, C.; Cameron–Daum, K. **An Anthropology of Landscape**. London, UK: UCL Press, 2017. 346 p.

Tilley, C.; Keane, W.; Kuechler-Fogden, S. *et al.* **Handbook of Material Culture**. SAGE Publications Ltd, 2006.

Tocchetto, F. Fica Dentro ou Joga Fora - Sobre Práticas Cotidianas em Unidades Domésticas na Porto Alegre Oitocentista. **Revista Arqueologia**, 16, p. 59-69, 2003.

Troncoso, L. d. P. S. **Horizontes mineradores: arqueologia da mineração e a gestão do patrimônio arqueológico sob a ótica do licenciamento ambiental**. 2019. 359 f. Tese de Doutorado (Doutorado) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Zanettini, P. E. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, 5, p. 117-130, 1986.

Zanettini, P. E.; Camargo, P. F. B. d. **Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?** 1999.

## Artigo I Arqueologia, etnografia e multivocalidades: percepções sobre o patrimônio arqueológico em uma escavação no Centro Histórico de Belém

O Artigo encontra-se no prelo. Foi submetido ao Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas. Abaixo encontra-se o e-mail de aceite, dando conta da situação atual do artigo e em seguida a versão final, após as considerações dos avaliadores *ad hoc* filiados ao periódico.

### Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

#### Carta de decisão (BGOELDI-2022-0091.R1)

**De:** jbeltrao@museu-goeldi.br

**Para:** neygomes@ufpa.br, ney.gomes@gmail.com

**CC:** boletim.humanas@museu-goeldi.br

**Assunto:** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas - Decisão para o Manuscript ID BGOELDI-2022-0091.R1

**Corpo:** 27-Jun-2023

Prezado Autor,

É com prazer que informo que seu manuscrito intitulado "ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E MULTIVOCALIDADES: PERCEPÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM UMA ESCAVAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM1." foi aceito, em sua forma atual, para publicação no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.

É provável que precisemos esclarecer itens adicionais quando o trabalho passar à fase de normalização bibliográfica. Pedimos gentileza atentar para eventuais comunicações nas próximas semanas.

É provável que precisemos esclarecer itens no momento da produção editorial, em particular da normalização. Peço gentileza atentar às comunicações nas próximas semanas.

Há previsão de publicação no vol 19, n.1, jan. - abr. 2024.

Obrigada pela sua contribuição.

Atenciosamente,  
Jimena Felipe Beltrão  
Editora  
Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

**Data do envio:** 27-jun-2023

 Fechar janela

## **ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E MULTIVOCALIDADES: PERCEPÇÕES SOBRE O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO EM UMA ESCAVAÇÃO NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM<sup>1</sup>.**

### **Resumo:**

Neste artigo a Arqueologia, em sua interface com a Etnografia – Arqueologia Etnográfica, são apresentadas como possibilidades de ouvir as muitas vozes que se manifestam durante uma escavação – à estas vozes chamarei de Multivocalidades e as usarei como um dos meios para investigar as percepções das pessoas sobre a escavação de um sítio histórico. O cenário para as discussões aqui propostas foi um projeto de Arqueologia Urbana executado no Bairro da Campina, no arrabalde imediato de cartões postais singulares da capital paraense. O objetivo do texto é, tendo como paisagem o centro histórico de Belém, argumentar que a pesquisa arqueológica muito se beneficia, e serve ainda como instrumento de informação, da participação das cidadãs e dos cidadãos que fruem pela cidade, sejam as pessoas que trabalham diretamente junto com o arqueólogo ou aquelas que têm a oportunidade de visitar as escavações. Uma das conclusões é que o patrimônio cultural arqueológico perde um pouco de seu “mistério” e fica mais fácil para as pessoas reconhecê-lo e por isso talvez preservá-lo.

Palavras-Chave:

**Palavra-Chave:** Arqueologia Etnográfica, Multivocalidades, Arqueologia Urbana, Belém.

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte de minha pesquisa de doutorado, que só foi possível graças à bolsa de doutorado da CAPES da qual desfrutei de 2017 a 2021 e do financiamento do Sesc para as escavações e análises do material arqueológico.

## ARCHEOLOGY, ETHNOGRAPHY AND MULTIVOCALITIES: PERCEPTIONS ABOUT THE ARCHAEOLOGICAL HERITAGE IN AN EXCAVATION IN THE HISTORICAL CENTER OF BELÉM

### Abstract:

In this article, Archaeology, in its interface with Ethnography – Ethnographic Archaeology, are presented as the possibilities of listening to the many voices that manifest themselves during an excavation – these voices I will call Multivocalities. I will use them as one of the means to investigate people's perceptions about an excavation of a historical archaeological site. The scenario for the discussions proposed here was an Urban Archaeology project carried out in the district of Campina, in the immediate surroundings of unique postcards of the capital of Pará. The paper's aim, having as Landscape the historical centre of Belém, is that archaeological research could have great benefits, also serving as an instrument of information, of the participation of citizens who enjoy the city, whether people who work directly together with the archaeologist or those who could visit the excavations. One of the conclusions is that the archaeological and cultural heritage loses some of its “mystery”, and it becomes easier for people to recognise it and, therefore, perhaps preserve it.

Keywords: Ethnographic Archaeology, Multivocalities, Urban Archaeology, Belém.

04/01/2019

É janeiro em Belém e nesta época, chove um dia sim e outro também. Tentei a todo custo iniciar a pesquisa arqueológica, no casario que será o futuro anexo II do SESC Boulevard, antes do período chuvoso, em setembro. Mas a burocracia fez que só em dezembro, às vésperas de Natal, a portaria que autoriza os trabalhos fosse publicada. De modo que, é janeiro e vou escavar em Belém.

Trechos do diário de campo e outras anotações<sup>2</sup>.

### **Para começo de conversa**

Início este artigo com um trecho lamentoso do meu diário para refletir sobre o cotidiano do trabalho de campo. Há uma espécie de entendimento tácito entre arqueólogas e arqueólogos que atuam em cidades na Amazônia: qualquer pesquisa envolvendo escavação precisa se ater também ao voluntarismo climático que marca a região. Entre dezembro e março, por vezes além, há ocorrência de chuvas intensas em Belém, produzindo grandes alagamentos, criando novos cotidianos na cidade. A não ser que haja a possibilidade de cobrir toda a área a ser escavada, evita-se cavar buracos que serão fatalmente inundados e, por conseguinte, comprometer a leitura da estratigrafia. Todavia, por força das circunstâncias, precisei escavar no período chuvoso. O trecho do diário permite entrever um pouco a complexidade das interações entre o pesquisador, o aparato estatal e o espaço de pesquisa.

É comum que arqueólogas e arqueólogos ou outros estudiosos que se dedicam às pesquisas relacionadas com o que convencionamos chamar de Patrimônio Cultural – aqui trato especificamente do patrimônio cultural histórico-arqueológico – tomem por certo que os vestígios do passado são inerentemente valiosos, e por esse valor já merecem preservação (Holtorf, 2012; Smith, 2011, Troncoso 2019). Em alguma medida, quando aceitei escavar o casarão que hoje faz parte do Centro Cultural do Serviço Social do Comércio–Sesc, em Belém, eu estava imbuído desta ideia; era importante escavar, porque é um lugar histórico e está em uma das áreas de ocupação pós-

---

<sup>2</sup> De acordo com Cachado (2021, p. 552) na tradição teórica das Ciências Sociais, o “diário de campo se encontra em uma espécie de posição ritual: existe, mas quase sempre é instrumentalizado como modalidade de coleta de dados etnográficos, e menos como objeto de análise”. No entanto, o diário de campo é a base documental central de muitas etnografias, possuindo força como material empírico para compreensão das intersubjetividades nos terrenos etnográfico. Levando isto em conta, coloquei os registros do diário de campo em pesquisa como parte das discussões neste artigo, para interação epistemológica com a leitora e o leitor.

colonial mais antigas da região, e porque estaria atendendo a legislação que diz respeito à preservação e proteção do patrimônio cultural brasileiro.

Após alguns dias de escavações, uma questão relacionada com a ideia apontada acima e a efetiva execução do meu trabalho como arqueólogo começou a me inquietar. Qual a real importância que as pessoas ao meu redor davam àquele trabalho? E havia muita gente circundando as escavações: os empreendedores e seus engenheiros fixados com prazos; o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional–IPHAN, que havia embargado as obras; os colaboradores, operários da obra, que escavavam comigo; além das muitas pessoas que visitaram o canteiro de obras/sítio arqueológico, posto que este se localiza em área movimentada, acostado à uma unidade em funcionamento do Sesc e no centro histórico belemense. Há que se dizer que busquei dar visibilidade à escavação, dado que não é sempre que o trabalho de um arqueólogo pode ser visitado e que em geral as escavações são em áreas com restrições de segurança e vedadas ao público, algumas vezes por má vontade da pesquisadora ou pesquisador. De todo modo, neste artigo meus interlocutores principais serão os trabalhadores da empresa de engenharia, contratada para executar as obras de requalificação e readequação do casarão do Sesc.

A escolha por privilegiar estes interlocutores, que adjetivarei de colaboradores, se dá principalmente pela intensa convivência, pela efetiva colaboração durante as escavações e pelos insights advindos de nosso convívio. Em outra ocasião usei o termo co-trabalhadores (Gomes & Lopes, 2012b, pp. 74-75), anuindo às reflexões de Shepherd (2009). Desta feita considero colaborador um termo mais apropriado para me referir aos homens que tornaram as escavações possíveis e, junto comigo, fizeram a primeira curadoria da cultura material coletada no Sítio Sesc Ver-o-Peso.

No projeto de Arqueologia e Educação Patrimonial apresentado ao IPHAN (Gomes, 2018), para ter autorização de desenvolver a pesquisa, foi preciso me preocupar em balancear três interesses aparentemente contrastantes. Aquele dos empreendedores e idealizadores do projeto de construção do futuro anexo do Sesc, representados pela empresa de engenharia contratada para execução das obras, muito preocupados com o cronograma dos trabalhos, atrapalhado pela legislação a ser cumprida e um embargo a ser revogado<sup>3</sup>; o IPHAN supostamente interessado na preservação e salvaguarda do patrimônio; e minha disposição em cumprir a legislação, mas usar as escavações, bem

---

<sup>3</sup> As obras de restauro e readequação, do prédio que servirá de anexo ao SESC Ver-o-Peso, estavam embargadas justamente porque seus empreendedores, não seguiram a legislação e não oportunizaram uma pesquisa arqueológica na área. O embargo só foi definitivamente suspenso em julho de 2019 após o protocolo de um relatório preliminar, depois de concluídas as escavações e atividades ligadas à arqueologia no sítio.

como a cultura material desenterrada no local, como fonte de informação acessível ao maior número de pessoas.

Imbuído da ideia de Multivocalidades, procurei me relacionar com os operários da empresa de engenharia responsável por executar a maior parte das obras civis naquela área. Estes, para mim, foram colaboradores na tarefa de escavar o local, coletar os vestígios arqueológicos e executar outras muitas atividades na escavação. Na medida do possível, abri as escavações para diversos grupos de pessoas que visitavam as obras – alguns turistas, estudantes do curso de arquitetura, restauro e mestrando em arqueologia da Universidade Federal do Pará – UFPA, educadores do sistema integrado de museus do Estado do Pará (Ver **Figura 1**) e turmas de ensino fundamental da escola de aplicação da UFPA, convertidas pelo trabalho que eu estava fazendo ali, e pela compulsoriedade da legislação, com ajuda dos colaboradores, em sítio arqueológico.

Importante ressaltar que o que busquei durante este trabalho foi me afastar das tradicionais práticas de educação patrimonial que acompanham pesquisas arqueológicas. Mesmo quando o público foram os educadores do Museu do Estado, ou estudantes do ensino fundamental da escola de aplicação da UFPA, o Norte foi ouvir primeiro, permitir que as pessoas construíssem narrativas, despertassem memórias ou mesmo externassem seu desconhecimento ante à cultura material que eu lhes expunha ou o trabalho da arqueologia, para depois juntar com informações que eu lhes dava. Sem hierarquizar, sem necessariamente submeter as ideias “não científicas” ao conhecimento arqueológico que a pesquisa poderia representar naquele contexto.

Figura 1 – Visita de alguns dos Educadores do Sistema Integrado de Museus à escavação – alguns dos quais trabalham em museus que têm coleções de materiais arqueológicos.



Foto: acervo pessoal.

No Sítio Sesc Ver-o-Peso passei um pouco mais de dois meses escavando, e mais de dois anos de pesquisas sobre o fazer arqueológico, a análise do material escavado, a preservação do patrimônio, o diálogo com as pessoas e suas falas sobre a prática da arqueologia. Entre janeiro e fevereiro de 2019, conduzindo as escavações com uma equipe que chegou a contar com 25 pessoas, observei como diversos personagens interagiam dentro dos trabalhos de reforma e readequação daquele casario histórico em área tombada pelas legislações municipal, estadual e federal. No projeto idealizado pelo Sesc e executado pela GM Engenharia a pesquisa arqueológica foi só mais uma das etapas legais a serem superadas, mas é a que mais aponta para as discussões relacionadas ao patrimônio e sua preservação.

Aqui cabe uma digressão, desnecessária talvez às pessoas que trabalham com Arqueologia, mas que pode servir à leitora menos afeita a este *métier*. Como parte habitual dos projetos de

Arqueologia de Contrato<sup>4</sup> se impõem ações de Educação Patrimonial<sup>5</sup>. Nesta oportunidade não me deterei às críticas comuns à estas ações, ou mesmo à ordinária execução de palestras e distribuições de cartilhas que por vezes são o cerne do que se convencionou chamar de Educação Patrimonial. Um dos momentos previstos nos ritos da EP é a apresentação do projeto de arqueologia, seus objetivos e metodologias, aos colaboradores que irão ajudar nas escavações. Abaixo, um trecho do meu diário de campo, com minha abordagem no primeiro encontro que tive com as pessoas que iriam me ajudar nas escavações: somente quatro senhores (**Figura 2**), trabalhadores da construção civil, que a contragosto foram ter comigo no casarão com obras paradas onde trabalharíamos por meses.

No casario outrora abandonado, uma casca na qual, de forma precária as paredes laterais estavam em pé, juntamente com a fachada, agora convertido em um canteiro de obras, marcamos [Sesc, construtora e eu] um encontro com os colaboradores que vão me auxiliar na escavação (funcionários da empresa de engenharia GM, contratada pelo Sesc para executar a “reforma”). Iniciei por dizer quem eu sou, e comeci a explicar o motivo de estarmos ali e apresentar o que era arqueologia, material arqueológico e descrever a forma como iríamos trabalhar. Os senhores me olharam com desconfiança, ou timidez, e se recusaram a responder quaisquer de minhas perguntas sobre o que eles sabiam de arqueologia, se já tinham visto um “material arqueológico” e se tinham alguma dúvida sobre como trabalharíamos. Ninguém ria das minhas piadas [nota mental: parar de fazer a piada do dinossauro] e nosso primeiro encontro terminou com “vai chover, o senhor vai continuar aí, nós tá indo”, dito por um dos senhores que me ouvia. (Trecho do Caderno de campo, Belém, 04.01.2019).

<sup>4</sup> Neste artigo não me deterei em explorar as distinções entre Arqueologia Preventiva/de Contrato e outras forma de atuação dos profissionais desta disciplina. Faço nota que chamamos de Arqueologia de Preventiva e/ou de Contrato os trabalhos ligados diretamente ao licenciamento ambiental ou a contratos privados que buscam resolver pendências junto ao IPHAN ou atender a legislação de proteção do Patrimônio Cultural Arqueológico.

<sup>5</sup> Todas as atividades de Educação Patrimonial e extroversão estão descritas no relatório preliminar de escavação disponível para leitura e download no site do IPHAN.

Figura 2 – Primeiro contato com os colaboradores que iriam ajudar nas escavações. Nesse momento eu explicava que a retirada da camada de concreto no piso seria feita sem auxílio de máquinas e de forma setorizada, o que gerou protestos gerais.



Foto: acervo pessoal.

Para além dos excertos do meu diário, decidi usar-me de alguns registros fotográfico de corpos com base no legado teórico de Sontag (2016) que defende que “as fotos declaram a inocência, a vulnerabilidade de vidas que rumam para a própria destruição e esse vínculo entre fotografia e morte, assombra todas as fotos de pessoas” Sontag (2016, p. 85). Em seus escritos do final da vida, defenderá que a fotografia é uma forma, especialmente a fotografia de guerra, de nos posicionarmos enquanto sociedade (Sontag, 2016). Considero esta reflexão de se estende também aos espaços nos quais estes corpos intervêm, e no registro desses espaços, por meio da fotografia.

Esta interação inicial descreve como o contato entre pesquisador e trabalhadores da escavação é marcado por dissonâncias simbólicas a respeito das atividades exercidas naquele espaço. A ideia de patrimônio cultural, e muitas de nossas certezas em relação à necessidade de sua preservação, quando confrontadas com os entendimentos de diversos públicos, podem não se encontrar muito sintonizadas.

Como diz Holtorf (2012), tais certezas estão ligadas a um modo de pensar muito particular que não é, de modo algum, universal ou sem alternativa.

Neste artigo apresento a pesquisa desenvolvida junto a diferentes agentes no casario do Sesc, durante a pesquisa, dando centralidade aos colaboradores que diretamente estiveram presentes durante a etapa de escavação. Nesta apresentação me sirvo de anotações e fotografias de campo, que muitas vezes deram forma instigaram minhas reflexões. Nas seções seguinte pretendo mostrar que estratégias etnográficas aliadas ao respeito pelas Multivocalidades podem dar novo sentido ao trabalho arqueológico em campo e ajudar na aproximação entre o que chamamos de patrimônio histórico com as pessoas que deveriam fruí-lo.

### **Sobre escavar na chuva, conversar sobre arqueologia e pagar uma Coca-Cola**

10/01/2019

Decidi usar os dias chuvosos, e houve dias que só choveu, e como não havia como cobrir toda a extensão do casarão para proteger as escavações, para conversar com as pessoas que trabalhavam comigo. Nesses momentos também tentei, sempre com a ajuda dos trabalhadores da obra, lavar o material que ia sendo desenterrado durante nossas escavações e ficava falando sobre sua origem. Minhas primeiras impressões eram de que nestas conversas tudo estava fluindo, parecia-me que todos iam, pouco a pouco, entendendo o que estávamos fazendo ali. Foram muitas chuvas e cafês ruins ao redor de cacos de louças, moedas, vidros e outros materiais. Até que percebi que os senhores se sentiam obrigados a me ouvir.

Desde muito busco, enquanto pesquisador, não cair na “supremacia da escavação” (Reis, 2007), onde as pessoas não arqueólogas viram coadjuvantes, ouvidos para “as verdades da ciência”, onde há um reforço da hierarquia em que a pesquisadora ou o pesquisador ditam os interesses no campo (Cabral & Saldanha, 2009; Ferreira, 2008; Reis, 2007; Schaan, 2006; Silva et al., 2011). O trecho que abre esta seção mostra que, a despeito de minhas intenções, eu ainda não havia conseguido uma forma efetiva de comunicação com meus colaboradores; minha prática ainda não conseguia incluir os que estavam ao meu redor, muito menos lhes dar qualquer voz. (Reis, 2007) argumenta que arqueólogas e arqueólogos precisam falar para a população toda, principalmente quem estiver mais perto do lugar onde se esteja desenvolvendo algum trabalho de arqueologia. Nesse meu trabalho, os colaboradores.

Foi muito difícil explicar aos senhores que escavavam comigo a opção por não permitir o uso de máquinas para quebrar o piso de concreto, o que pouparia tempo e energia a todos, ou porque essa retirada do piso se daria seguindo quadrados estabelecidos por mim (**Figura 3**). Arrisco dizer que minhas explicações prévias, talvez por excesso de zelo, ou mesmo falta de tato, tenham sido as principais responsáveis pelas resistências que encontrei entre os colaboradores.

Figura 3 – Forma como setorizei o piso para proceder as escavações.



Foto: acervo pessoal.

Há definições quase hegemônicas sobre o que é patrimônio – e a arqueologia participa em muitas medidas deste discurso – apropriadas pela academia e pelo Estado, que Smith (2011) classifica como “o discurso patrimonial autorizado”, que define o patrimônio, sem necessariamente levar em consideração entendimentos mais plurais, como objetos “materiais, sítios, lugares, paisagens esteticamente agradáveis e que não são renováveis” (Smith, 2011, p. 43).

Sugerir a preservação dos patrimônios de ordem material, ou transformados em material a partir das realidades locais, é importante, e faz parte da maioria dos trabalhos que tem por objeto de estudo um “patrimônio cultural reconhecido” (Smith, 2011). O que muitas vezes ocorre é que a

“preservação” é feita à revelia das pessoas que se utilizam dos espaços públicos; e estes espaços, quase sempre *locus* de disputas políticas e econômicas, como o centro histórico de Belém, podem ser subtraídos de algumas pessoas, afastadas seja por barreiras sociais, seja por barreiras econômicas (Holtorf, 2012; Smith, 2011; Yarrow, 2019). Esta subtração ficou subjacente às minhas primeiras interações com os colaboradores da escavação:

15/01/2019

Chegamos à segunda semana de escavações e percebo que está sempre mais difícil parar toda hora e dizer que “isso é importante” ou “não joguem aquilo fora”, e ouvir: “mas tá quebrado”, “é só um pedacinho, não vai servir”. Já mostrei fotos de material arqueológico na tela do computador, já tomei muito café e contei novas piadas [nota mental: eu talvez não seja bom contando piadas]. Passei a iniciar os dias de trabalho com uma espécie de recapitulação do que já havia falado no dia anterior, nova estratégia.

Cinco dias desde a minha constatação de que as pessoas se sentiam obrigadas a me ouvir, mas sem qualquer interesse. O excerto acima mostra que minhas estratégias continuavam falhando. Baseei minha postura seguinte na ideia de Multivocalidades, sendo esta a qualidade de permitir que muitas vozes, mesmo dissonantes, participem de um mesmo esforço de conferir significados a experiências que são coletivas (Ferreira et al., 2014; García et al., 2015; Gnecco, 1999; Rivolta et al., 2014). Uma prática arqueológica que leve em conta Multivocalidades seria aquela em que a reconstituição do passado desse conta de capturar os conflitos, divergências, modos de vida distintos e distintas maneiras de conceber a realidade e as relações sociais (Schaan, 2012). Seria uma arqueologia que entendesse que o passado é sempre pensado a partir do presente (Moore, 2006; Moore et al., 2020), e, portanto, dos contextos sociais e políticos de uma dada realidade. Reconhecer que a ciência ocidental é parte de um “sistema cultural” (Geertz, 1983; Geertz, 2008) ocidental, é um primeiro passo para uma abertura da arqueologia a outras formas de construir o conhecimento e significar o mundo.

Além disso, uma vez que as arqueólogas e os arqueólogos fazem parte de disciplinas científicas, suas narrativas sobre o passado baseiam-se nessa mesma ciência que representam (Wittgenstein, 1953). A ciência como a conhecemos é uma construção cultural do “ocidente”, que colonizou tantas sociedades nativas impondo não somente novas ordens sociais e políticas, mas uma nova moral, religião e modos de pensar o mundo. Em um mundo pós-colonial, multicultural, portanto, a imposição da ciência ocidental é uma violência epistêmica que renova a hierarquia colonial (Gnecco, 1999, 2009, 2010, 2013).

Respeitar a diversidade cultural não significa concordar. Não é necessário concordar com a opinião de outra pessoa para respeitá-la e considerá-la legítima. Muito frequentemente tendemos a desconsiderar opiniões diferentes da nossa, desqualificando a opinião do outro como representante de um saber legítimo. Na sociedade ocidental, o método científico é considerado como o único apropriado para estudar, conhecer e explicar os fenômenos do mundo. Sonhos, por exemplo, não são considerados como meios científicos de conhecimento, ainda que a análise dos sonhos seja objeto de estudo da Psicologia e Psicanálise voltadas para o conhecimento individual. Frequentemente sonhos são relatados em nossas interações com as pessoas que nos auxiliam nas escavações, ou que visitam os sítios arqueológicos.

Durante os trabalhos no Sítio Sesc Ver-O-Peso, certa manhã, um dos colaboradores disse ter sonhado com um pote de ouro que estaria enterrado no casarão e que nós o encontraríamos em breve. Ainda na parte da manhã encontramos 3 moedas durante as escavações e todos os colaboradores passaram a aludir ao sonho sobre o pote de ouro. Que jamais foi encontrado, mas prometi pagar uma Coca-Cola caso encontrássemos mais moedas no mesmo dia (a Coca-Cola era a “moeda” mais apreciada pelos meus colaboradores, e eles estavam sempre encontrando ocasiões de me fazer pagar por ela).

Essa situação fala menos sobre o sonho como matéria de conhecimento do que como maneira de participar, de ser ouvido em uma situação em que a arqueologia se coloca em conflito com maneiras locais de se relacionar com o desconhecido. Mesmo sem grandes tensões, eu continuei percebendo que o trabalho que fazíamos, a despeito de meus esforços explicativos, continuava sem fazer sentido para as pessoas que trabalhavam comigo. A esta altura as escavações já tinham recebido uma visita fiscalizadora do IPHAN, além de alguns estudantes da UFPA. Nestas ocasiões os trabalhos paravam e eu notava que minha explicação era seguida por todos, sempre como se fosse a primeira vez que eles estavam ouvindo sobre o assunto. Mas havia um certo orgulho quando eu nomeava especificamente um deles por ter encontrado um objeto em particular, ou quando eu dizia quem estava trabalhando numa trincheira, ou ajudando na lavagem e separação dos objetos (Error! Reference source not found. e Error! Reference source not found.).

Figura 4 – Escavação de uma trincheira dentro do sítio.



Figura 5 – Mostra dos primeiros materiais desenterrados.



Fotos: acervo pessoal.

A prática arqueológica em meio urbano, e não somente, tradicionalmente acontece com a participação de operários das empresas de engenharia contratadas pelos empreendedores, como figurantes da cena principal, no papel de trabalhadores braçais – de escavadores, peneiradores e carregadores de ferramentas e materiais arqueológicos. Com a obrigatoriedade do desenvolvimento de programas de educação patrimonial dentro dos projetos de arqueologia, entretanto, os trabalhadores passaram a ser foco de ações específicas. Dificilmente, no entanto, foi alterado seu papel secundário. De figurantes passaram a espectadores. Passaram a dizer-lhe como se comportar frente ao patrimônio arqueológico, ou os acusaram de destruir o patrimônio, e como ocorre em muitas comunidades fora dos centros urbanos, aos trabalhadores também em alguns trabalhos arqueológicos lhes mandaram ler cartilhas para se informar sobre arqueologia e legislação (Hilbert, 2006). Além disso, o trabalho arqueológico tende a mudar o nome de coisas e lugares, antes conhecidos por todos: o canteiro de obra virou sítio arqueológico; os cacos viraram material arqueológico e ganharam uma importância até então inaudita.

Percebi que o principal motivo pelo qual eu não via o interesse dos interlocutores pelo material ou mesmo pelo trabalho arqueológico que eu coordenava era a distância... os colaboradores estavam longe de entender o que eu chamava de material arqueológico, não reconheciam os cacos, garrafas, vestígios de louças ou moedas como algo além do que eles são: cacos, garrafas e moedas – por vezes, lixo. Nesse ponto decidi apresentar a todos os mesmos objetos, mas convertidos em material arqueológico dentro de uma vitrine expositiva (**Figura 6 e Figura 7**).

Como nos lembra Gnecco (2009), na confrontação entre conhecimentos “universais”, trazidos pelo arqueólogo, e os conhecimentos “locais”, os primeiros são considerados conhecimento e os segundos “saberes”. “Ao primeiro se outorga legitimidade cognitiva e ao segundo exotismo antropológico” (Gnecco, 2009, p. 21). Ainda segundo Gnecco, a alternativa seria promover a complementaridade dos saberes, ao invés do monolinguismo (Gnecco, 2009).

As imagens que seguem e os trechos do meu diário de campo demonstram um momento de aproximação entre a cultura material e colaboradores no processo de desenterrá-la.

Figura 6 – os colaboradores foram ver junto comigo uma exposição de material arqueológico que fica num centro cultural bem na frente do local onde estávamos escavando.



Foto: acervo pessoal.

18/01/2019

É uma sexta-feira qualquer de um janeiro chuvoso. Estamos no fim da segunda semana de escavações e hoje irei mostrar aos senhores que trabalham comigo uma vitrine com materiais arqueológicos expostos nos antigos armazéns do porto de Belém, hoje um dos pontos turísticos mais celebrados da capital. Encerramos o expediente 1h antes, às 15h, não estava chovendo, e depois que todos “se arrumaram” (houve uma recusa geral em ir diretamente da obra), fomos à Estação das Docas<sup>6</sup>, no armazém onde fica a mostra de peças arqueológicas escavadas no período da requalificação do espaço. Passei 15 minutos falando de como foi o trabalho naquele lugar, falei do material que estava exposto, e após isso, uma chuva de perguntas sobre o material – todas as perguntas que não foram feitas durante nossas duas semanas trabalhando juntos.

Um perguntou: o nosso material vai ficar bonito assim?

<sup>6</sup> Inaugurada em maio de 2000, a Estação das Docas é um complexo turístico resultado da restauração dos armazéns do porto da capital paraense, pelo governo do Estado e hoje é administrada por uma parceria público privada – a empresa Pará 2000.

Outro: esse aqui parece caro, o nosso é caro?

Um outro fez a seguinte observação: muita coisa igual o que nós tem lá.

Outros apontando para garrafas iguais as que tínhamos encontrado, ou para os padrões decorativos das louças indicando que tínhamos as mesmas.

De repente a curiosidade sobre o material arqueológico surgiu, ou melhor, despertou. A possibilidade de ver o material que eles estavam escavando, ganhando a mesma luz e atenção que os vestígios que eles estavam vendo, os animava. Vários olhavam para os artefatos expostos e se desafiavam a encontrar coisas semelhantes no casarão que estavam escavando.

Figura 7 – Os colaboradores se detiveram junto à vitrine expositiva e conseguiram ver um material muito similar ao que estavam escavando diariamente, mas já remontados, com iluminação cênica e com o status de material arqueológico.



Foto: acervo pessoal.

23/01/2019

Nos dias que seguiram a ida à Estação das Docas as conversas mudaram. Havia um valor, uma importância nova ao material que estávamos encontrando e à forma como escavávamos: cuidado para não quebrar mais. Seu Ney, recolhi isso aqui, encontrei isso, olha isso aqui... muitos querendo encontrar coisas que depois ficariam expostas.

Esta situação, paradigmática do trabalho de campo, minha versão pessoal de ter *anthropological blues* (Da Matta, 1978), demonstrou que, desde o princípio, o que estava em jogo eram os diferentes valores e hierarquias entre a mirada arqueológica sobre o material de escavação e a dos trabalhadores. Ao verem o que outrora consideravam lixo ser disposto em uma vitrine, num dos locais de prestígio e distinção econômicos da cidade – a Estação das Docas – o trabalho que os operários vinham fazendo passou por uma operação ressemantizadora. O próprio gesto de se arrumar antes de se dirigir ao espaço é elucidativo do lugar que este ocupa no imaginário social das pessoas circulando na cidade. Em suma, o salto simbólico que eu não fora capaz de fazer até aquele momento era um salto de poder. O tipo de poder apenas outorgado pela materialidade do patrimônio do passado inserida em lugar de destaque, uma vitrine, em um local de expressão das desigualdades do tempo presente.

### **Sobre sítios arqueológicos, escavações arqueológicas, o centro histórico de Belém e algumas discussões possíveis**

A ocupação colonial e a fundação da cidade de Belém datam, segundo a historiografia amazônica da primeira metade do século XVII, dentro do contexto de efetivação da empresa colonial portuguesa na Amazônia e as narrativas sobre a formação do primeiro povoado chamado “Feliz Lusitânia” em 1616; posteriormente, a cidade do Pará e Santa Maria de Belém do Grão-Pará podem ser encontradas em diversos autores que rememoram a epopeia do navegador português Francisco Caldeira de Castelo Branco que partiu de São Luís do Maranhão para efetivar a ocupação da região (Baena, 1969; Baena, 2004 [1885]; Barata, 1973; da Cruz, 1971; Meira Filho, 2015). É em uma porção do Bairro da Campina, centro histórico de Belém, área de antiga ocupação colonial, que se insere o Sítio Arqueológico Sesc Ver-o-Peso, no arrabalde imediato do icônico Mercado paraense e seu complexo (Campelo, 2000, 2002, 2010; do Nascimento & Rodrigues, 2011; Freitas & Freitas, 2017).

Britto & Silveira (2014, p. 145) apontam que a paisagem do Ver-o-Peso (e seus arredores) está ligada com a história de Belém e “sua expansão urbana a partir do núcleo de fundação da cidade, que hoje corresponde aos bairros mais antigos: Cidade Velha e Campina/Comércio”. Dentro dos projetos de requalificação de alguns sítios históricos na capital, temos os trabalhos na área do Porto de Belém, onde hoje está a Estação das Docas, e as escavações dentro do complexo Feliz Lusitânia (Marques, 2003, 2005, 2006, 2010), a partir das quais foi posta em evidência uma variada cultura material que remete ao período colonial.

Quando criança, lembro que a Campina, ou Comércio, era chamada pela minha Avó, e por minha família, de “lá embaixo”. De fato, quando alguns belemenses dizem “vai (vou) lá embaixo” podem indicar diversas possibilidades, mas em geral se referem a uma ida ao centro comercial antigo da cidade, invariavelmente passando pelo Ver-o-Peso. Uma ida ao comércio, ao Ver-o-Peso, acaba sendo uma experiência, que pode ser banal pela familiaridade, ou extraordinária pelo ineditismo, como observei em uma das estratégias de interação com meus colaboradores.

Do ponto de vista da arqueologia várias foram as intervenções no Centro Histórico da capital paraense, praticamente todas compulsórias<sup>7</sup>, sem qualquer participação das pessoas ao redor e com poucos de seus resultados publicados até hoje (Gomes, 2023). Uma das mais antigas foi aquela realizada no largo do Carmo, em frente à igreja homônima, sob os auspícios do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG (Guapindaia et al., 1996; Kern, 1996). Ainda na Cidade Velha, foram pesquisados e escavados o pátio interno do casarão onde encontra-se o Instituto Histórico e Geográfico do Pará – IHGP e o interior da Casa Rosada, hoje sede do Fórum Landi.

O que se observa no centro histórico de Belém, nos últimos anos, é que os trabalhos arqueológicos continuam ligados a emergências, quase sempre na ordem do compulsório. Em geral grandes obras de requalificação conduzidas pelo poder público, mas que não incluíram as pesquisas arqueológicas dentro dos projetos executivos e das quais pouco se sabe, seja do destino do material escavado, seja das inferências que porventura tiveram as arqueólogas e arqueólogos que coordenam ou coordenaram estes trabalhos (Gomes, 2018; Gomes et al., 2019; Gomes et al., 2022; Lopes et al., 2021, 2022; Seabra, 2020a, 2020b, 2020c; 2020d; Silva, 2018, 2019 Para citar somente os mais recentes).

Mesmo poucos, há trabalhos que se dissociam dos exemplos acima, como o de Costa (2007) que dentro do Feliz Lusitânia, investigou os litígios ligados à derrubada do muro que protegia o Forte do Presépio, para entender as relações sobre patrimônio e poder nesse projeto (Lopes, 2011). Lopes (2011, 2013) pesquisou a forma como o Colégio e a Igreja dos Jesuítas, desde o período colonial da capital paraense, ancorado nos métodos da Arqueologia da Arquitetura, se impõe naquilo que chamou de “paisagem de poder” do centro histórico de Belém – não obstante, Lopes ainda, fazendo uma relação analítica, tentou integrar suas inferências com a criação do projeto Feliz Lusitânia, uma grande obra de restauro e requalificação da qual a igreja objeto de sua pesquisa fez parte. Fernandes

<sup>7</sup> Em artigo recém publicado o autor, tendo por objeto sempre as escavações levas a cabo no sítio SESC Ver-o-Peso, trata da compulsoriedade dos trabalhos arqueológicos no centro histórico da capital paraense, além de um estudo da construção social da paisagem histórica desta área (Ver Gomes 2023).

(2013, 2014) se debruçou sobre o largo do Carmo e a memória do sítio arqueológico da Igreja do Rosário dos Homens Brancos. Fernandes trabalhou as relações que os moradores do entorno do sítio arqueológico construíram com o local e uma de suas conclusões é que as pesquisas anteriores, sem ter levado em consideração os usuários da área, tentaram afastar as pessoas que vivem ao redor e transformar a área numa atração turística.

Também buscando relacionar as percepções das pessoas com a área, em área contígua à praça do Carmo Campos Costa (2019), entrou no beco homônimo, e investigou a antiga zona portuária nos arrabaldes da Igreja do Carmo e do Porto do Sal, para pesquisar como as pessoas que habitam aquele espaço transformaram trapiches em lar, onde vivem e trabalham em uma relação quase simbiótica com as águas, um dos agentes a moldar a paisagem.

Uma distinção, contudo, fica clara. As pesquisas arqueológicas não ligadas ao compulsório, em geral, têm trabalhado com a arquitetura e a paisagem, prescindindo muitas vezes do conceito de sítio arqueológico, tratando a arquitetura e a paisagem como artefatos (ou super artefatos), objetos de estudo dentro da arqueologia da arquitetura, com suas metodologias próprias, apartadas do ato de escavar. Os trabalhos de Costa (2007), Lopes (2013), Fernandes (2014) e mais recentemente Seabra (2019) e Campos Costa (2019) são exemplares no estudo de objetos arqueológicos, trazendo discussões sobre percepções sobre o patrimônio, paisagem cultural, apropriação do patrimônio e principalmente arqueologia da arquitetura como metodologia de análise. À exceção de Fernandes (2014) todas as outras pessoas pesquisadoras desconsideraram o conceito de sítio arqueológico.

É possível perceber que novas formas de aproximar as pessoas das pesquisas arqueológicas estão sendo testadas. Por exemplo, Fernandes (2019), em suas primeiras reflexões de sua pesquisa doutoral procurou, usando a arqueologia e a materialidade da capela Pombo, um prédio quase em ruína protegido pelo Estado através do tombamento, estudar sua inserção na paisagem de Belém, bem como buscou analisar a biografia do edifício e sua relação com as pessoas que frequentam o centro comercial e histórico de Belém. Todavia, ao conceituar a Capela Pombo como sítio arqueológico (Fernandes, 2022) a autora se afasta de seu intento, posto que cria uma categoria desconhecida e desnecessária à discussão que incitou sua pesquisa. Aliás, ao chamar a ermida de Sítio Arqueológico, a autora pode ter contradito parte de suas conclusões.

A arqueologia – e as pesquisas levadas a cabo por esta ciência – serve para contar histórias (Schaan, 2009b), e um dos principais intuitos de minha pesquisa é corroborar com este gesto intelectual. Cada vestígio escavado, cada caco ou garrafa servem para contar a história de mulheres

e homens do passado e a forma como eles se relacionavam em um tempo distinto numa paisagem. Mas antes, interessou-me a contemporaneidade, inquietaram-me as percepções das pessoas sobre o trabalho que eu estava desenvolvendo. Essa inquietação se deu muito por conta da constante resignificação e valor que algumas camadas da sociedade dão à lugares que são legitimados pela arqueologia (Mathers et al., 2005; Weiss, 2006). Visivelmente o que a arqueologia e os estudos que tratam do patrimônio cultural urbano consideram importante e de valor são elementos frequentemente afastados de parte das pessoas que fruem pelos mesmos lugares. O sentido dado às coisas do passado acaba por ser díspar entre esses grupos (Bezerra, 2013). O porquê preservar o passado transforma-se em uma imposição, seja da academia, seja do Estado (Rocha & Eckert, 2006).

### **Sobre as percepções, junções e disjunções entre Etnografia e Arqueologia**

Visualmente a paisagem do centro histórico de Belém, especificamente no entorno imediato do Ver-o-Peso, quase atordoa, dada a multiplicidade de estímulos oferecidos. O Boulevard Castilhos França, onde se localiza o Sesc Ver-o-Peso, em frente à Estação das Docas, e sua janela para a Baía do Guajará, os arredores do Ver-o-Peso, um complexo composto por várias unidades quase autônomas – mas indistintamente ligadas – não são somente um lugar, são uma experiência que junta paisagem, com uma arquitetura icônica para a cidade, e pessoas produzindo sons, cheiros, cores, texturas e diversos sabores; nas palavras de (Ingold, 1993) uma “*taskscape*”<sup>8</sup> (Edgeworth, 2016; Hicks, 2016), possível de ser percebida a partir dos seus habitantes e frequentadores, da economia mobilizada em seus espaços, pela natureza que o circunda e dele faz parte e também seus usos como um espaço público (Ingold, 1993, pp. 158-160).

Andando por lá, é possível sentir-se como Hamilakis (2014), quando passeava por Londres num ensolarado e quente novembro, descrevendo suas percepções e depois escrevendo sobre a era da sensorialidade<sup>9</sup>, onde os “sentidos” estão estimulados em todos os lugares: nas propagandas, em uma seção de supermercado com o cheiro de pão quentinho, nos corredores dos shoppings, em museus, galerias, patrimônios culturais e em diversas literaturas e discussões acadêmicas (Hamilakis, 2014, pp. 59-60). Hamilakis (2014) propõe discussões sobre as possibilidades de perceber os espaços pelos sentidos e o faz pondo a arqueologia como a lente para as inferências.

<sup>8</sup> O termo *taskscape* não tem nenhuma tradução possível em português que servisse a explicar seu uso aqui. O termo proposto por Tim Ingold (1993), derivou da desconstrução do termo *landscape*, paisagem, e desde então criou grande interesse e encontrou uma aplicação considerável, para se referir a todo o conjunto de tarefas ou ações que uma sociedade, comunidade ou indivíduo realiza em um espaço (Darvill, 2008).

<sup>9</sup> Ver Porcello; Meintjes; Ochoa & Samuels (2010) em suas interessantes discussões sobre o interesse pela sensorialidade na antropologia – A Organização do mundo sensorial.

Esse mesmo autor faz uma instigante reflexão sobre “Arqueologia Etnográfica”, a qual classifica como um emergente campo interdisciplinar/transdisciplinar, que pode propiciar uma colaboração maior entre antropologia e arqueologia; sendo a Arqueologia Etnográfica (e não etnoarqueologia) definida como um “espaço transcultural para múltiplos encontros, conversas e intervenções, envolvendo pesquisadores de diversas disciplinas e públicos diferentes, e centrados em materialidade e temporalidade” (Hamilakis, 2011, p. 399). As reflexões de Hamilakis (2011, 2014); Hamilakis and Anagnostopoulos (2009), e outros pesquisadores que têm discutido as intercessões entre Etnografia e Arqueologia (Castañeda, 2006; Castañeda, 2008; Castañeda, 2009; Castañeda et al., 2008; Edgeworth, 2003, 2006; Schaan, 2014), têm-me servido de questão para, a partir da Etnografia e a Arqueologia, refletir sobre os usos e apropriações feitos desta parte do centro histórico de Belém e a principal conclusão que cheguei é que as apropriações mudam com o tempo, os usos são diversos e variam muito de acordo com o grau de instrução, as oportunidades de interação com o patrimônio cultural e vestígios arqueológicos, bem como com as interferências que o Estado ou alguns projetos de requalificação trazem à paisagem local.

O bairro da Campina, no centro histórico de Belém, e seus arredores se prestam muito a ser objeto de estudo de uma Arqueologia Etnográfica, que tem sido definida como uma prática inovadora e híbrida, um método que combina procedimentos e ideias da arqueologia e da antropologia (Hamilakis, 2011; Hamilakis & Anagnostopoulos, 2009). Para Hamilakis (2011) a definição anterior, pode limitar o potencial da Arqueologia Etnográfica, evitando que os pesquisadores que a utilizam explorem não só as implicações epistemológicas, mas também ontológicas, desse campo emergente, tanto para a arqueologia quanto para a antropologia. O autor argumenta, que Arqueologia Etnográfica é (e pode ser) muito mais do que uma prática e um método; pode ser um espaço transdisciplinar e transcultural, uma localidade e um terreno que permite reuniões múltiplas, conversas e intervenções.

A produção deste espaço, que é definido pela materialidade e pela temporalidade, é possível devido às transformações epistêmicas e interpretativas que suas disciplinas primárias, arqueologia e antropologia, sofreram nos últimos 20 anos e por causa das intervenções sociais sobre o trabalho acadêmico e a prática de pessoas e grupos desprotegidos (Hamilakis, 2011, p. 405).

Enquanto ainda é comum que muitas Arqueologias detenham-se no estudo de artefatos, de maiores ou diminutas dimensões, e muitas vezes, imbuídas por um fetiche pela cultura material, possam deslizar na desconsideração das sujeitas e dos sujeitos que a produziram (Gomes & Lopes, 2012a, 2012b; Lopes & Gomes, 2012), quando associadas a estudos etnográficos, o papel das pessoas tende a ficar claro, até porque os pesquisadores, como etnógrafos, deverão se colocar “a tarefa de não

só compreender o efeito de certas práticas e artefatos na vida das pessoas, mas também recriar alguns desses efeitos no contexto da escrita sobre eles” (Strathern, 2014, p. 315).

“A etnografia consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa” (Rocha & Eckert, 2003, p.3), todavia, como adverte Peirano (2014), a etnografia não deve ser entendida somente como método, mas como empirismo, portanto, como a ideia-mãe da antropologia. Ingold (2008) por outro lado, admitindo que Etnografia e Antropologia são campos de conhecimentos próximos, adverte que Etnografia não é Antropologia (Ingold, 2008, 2014, 2017), e vaticina:

“A etnografia visa descrever a vida tal como é vivida e experimentada, por um povo, em algum lugar, em algum momento. A antropologia, ao contrário, é uma investigação, uma pesquisa, sobre as condições e as possibilidades da vida humana no mundo. A antropologia e a etnografia podem ter muito a contribuir entre si, mas seus objetos e objetivos são diferentes. A etnografia é um fim em si mesmo; não é um meio para fins antropológicos” (Ingold, 2017, p. 21 Livre tradução minha).

As ponderações sobre ser a Etnografia a mesma coisa que Antropologia, ou ainda, se aquela pode ser vista como método, tem suscitado discussões interessantes nas quais a Antropologia e a Etnografia ganham cores pouco ortodoxas e uma multiplicidade de possibilidades (Goldman, 2006; Magnani, 2009; Uriarte, 2012). Para Strathern (2014, p. 345), na medida em que os “locais em que atua o(a) etnógrafo(a) podem ser vistos como alternantes, cada um deles oferece uma perspectiva sobre o outro”, e sobre o mundo. Logo, fica difícil dissociar um campo do outro.

Se não é fácil dissociar a Etnografia da Antropologia, conforme exposto anteriormente acerca de uma definição de “Arqueologia Etnográfica”, é singular constatar que a etnografia e a arqueologia não são campos de estudos estranhos um ao outro. Há bastante tempo que trabalhos de arqueologia buscam na etnografia uma maior compreensão, uma maior aproximação com as pessoas que estão próximas ou utilizando sítios arqueológicos (Castañeda et al., 2008; Hollowell & Nicholas, 2009; Pyburn, 2009). Como mencionado, há muitas reflexões sobre o uso da etnografia no fazer arqueológico, com pesquisas muitas vezes tendo o sítio a escavar ou escavado, como o lugar privilegiado onde entrevistas e observações são realizadas, fazendo deste, espaço ideal para as junções e disjunções das duas disciplinas (Cabral & Saldanha, 2009; Castañeda, 2006; Castañeda, 2008; Castañeda et al., 2008; Gomes & Lopes, 2012a, 2012b; Hamilakis & Anagnostopoulos, 2009; Hamilakis et al., 2009; Lopes & Gomes, 2012; Pyburn, 2009; Ribeiro, 1990). As reflexões acima mencionadas serviram-me, a partir da Arqueologia Etnográfica, para repensar minha prática

arqueológica e investigar os usos e apropriações feitos pelas pessoas, do espaço que eu chamei de sítio arqueológico.

Yarrow (2019), na introdução a seu trabalho sobre a importância de explorações etnográficas em projeto de conservação/renovação de edifícios históricos, põe-se a pergunta que segue: por que os edifícios antigos são importantes? E eu adiciono outras para continuar esta reflexão: por que certos conjuntos arquitetônicos, como aquele que constitui o casario ocupado pelo SESC, ganham certa importância em alguns discursos? E qual o significado do meu trabalho enquanto arqueólogo para consolidar a importância que é dada ou construir algum sentido de valor a um bem histórico?

Em um dos dias de escavação no SESC, após eu ter levado todos os meus colaboradores, cerca de 16 pessoas, às vitrines onde estão expostos objetos arqueológicos na Estação das Docas, ouvi: “Isso tem importância porque o senhor diz que tem!”. Essa foi a resposta que um dos colaboradores na escavação, me deu quando lhe perguntei “por que era importante fazer o que estávamos fazendo?”. Fiz a pergunta após ele achar um anel, durante as escavações, e vir me entregar todo excitado, perguntando se esse achado não valeria uma Coca-Cola. Já fazia quase 1 mês que escavávamos juntos e ainda assim a importância do trabalho era ditada por minha autoridade.

De outro colaborador eu ouvi: “isso é muito importante, mas não tem valor, ninguém pagaria nada”. Desta vez era outro colaborador, um senhor mais velho, que me dizia algo sobre o valor dos objetos que desenterrávamos. Notei, contudo, que a noção de valor e importância podiam não se confundir mesmo quando eu lidava com os engenheiros e arquitetas. Para o engenheiro responsável pela obra, a arqueologia era muito importante, pois só esse trabalho suspenderia o embargo às obras imposto pelo IPHAN, mas não tinha valor, pois não traria nenhum benefício ao futuro prédio. Segundo ele, uma árvore frutífera seria mais interessante, pois traria sombra e frutas, e não custaria o mesmo que meus serviços.

Tendo em vista as muitas conversas e discussões várias que tive com as pessoas que visitaram ou trabalharam durante as escavações tenho a impressão que, salvo os profissionais que trabalham diretamente com a temática da preservação, mas que podem estar partidários do discurso “oficial”, como os educadores dos museus e os acadêmicos, docentes ou discentes universitários, as outras pessoas não têm sedimentados conceitos sobre patrimônio cultural ou ainda sobre a importância que objetos arqueológicos [e o trabalho arqueológico] possam ter. Não percebi ninguém fazendo qualquer associação entre o prédio que está sendo restaurado com as pessoas do passado que o construíram e o utilizaram.

O que pude observar no imaginário de meus colaboradores, presente também em outras tantas pessoas que fruem a cidade, é que o que é velho, precisa virar novo ou desaparecer. Muitas vezes o discurso autorizado (Smith, 2011) sobre o patrimônio impõe às pessoas a ideia do que será e deverá ser preservado e ainda o porquê isso será feito. Durante as escavações, em diversas interações com as pessoas que me cercavam, percebi que o entendimento sobre o que estava acontecendo ali era dado por mim, e que o entendimento que eu tinha vinha da academia e da observância das leis.

Não posso dizer que ao final das escavações os meus colaboradores estavam todos convencidos sobre o valor do patrimônio arqueológico, ou mesmo se eram capazes de dar importância ao trabalho que fizemos – era perceptível contudo um alívio, pois “finalmente eles poderiam trabalhar”. Mas, ao saber que o Sesc tinha interesse em fazer uma exposição do material escavado, semelhante a que eles visitaram na Estação das Docas, consegui perceber uma excitação. Aqui cabe uma *mea-culpa*: depois da conclusão das escavações, o material escavado foi completamente apartado dos colaboradores. As etapas seguintes, das quais tanto falei em nossas conversas, não foram possíveis de serem compartilhadas com eles. Nunca mais os encontrei, dado que as obras foram concluídas e eles foram dispersos por outras empreitadas cidade a fora.

#### **Sobre este epílogo – ou como não concluir (ainda) esta discussão**

01/03/2019

Foram mais de 2 meses de escavações e muitas chuvas. Com o tempo o café, que era doce e horrível, melhorou consideravelmente, as conversas também ficaram melhores, já havia quem risse das minhas piadas [nota metal: piadas melhoram com o tempo e com alguma intimidade, pois as pessoas passam a rir de você e não das piadas em si] e resta a expectativa sobre o que será exposto – expectativa esta que não tenho como dar vazão.

Para muitas antropólogas(os) e arqueólogas(os), o trabalho de campo funciona como uma espécie de rito de iniciação na formação disciplinar: por meio dele, sedimentam-se ou modificam-se as percepções e significados atribuídos ao tema de pesquisa. Como se vê pelo trecho do diário acima destacado, comigo não foi diferente. Se o contato inicial com os trabalhadores produziu uma informação aguda sobre as dissonâncias entre nossas percepções acerca do material de escavação, a partilha do tempo (Oliveria, 2004) alterou aos poucos nossa interação, nossa comunicação, nossa linguagem. Numa espécie difícil de operação hermenêutica, fomos aos poucos alcançando um sentido imperfeitamente comum de experiência cotidiana. Há fenomenologia nisto: o passar dos dias

produziu entre nós um laço relacional. Uma fronteira se estabeleceu no espaço da alteridade entre nós.

Nas páginas precedentes eu apresentei uma discussão possível (a primeira) a partir da pesquisa arqueológica realizada por mim no sítio Sesc Ver-o-Peso e como eu tenho pensado esta pesquisa a partir de uma Arqueologia Etnográfica, nos moldes de Hamilakis (2011) e tendo em vista a ideia de Multivocalidades (Ferreira et al., 2014; García et al., 2015; Gnecco, 1999, 2010; Rivolta et al., 2014; Schaan, 2009a). Apontei as possibilidades que um trabalho etnográfico na pesquisa arqueológica pode trazer para uma compreensão plural sobre o patrimônio e sua importância para as pessoas.

No caso específico do centro histórico de Belém, a despeito de algumas pesquisas arqueológicas terem sido realizadas em muitos lugares, não há muito material produzido que nos conduza a pensar a experiência arqueológica em conjunto com as pessoas. Smith (2011, p. 60) nos diz que “o patrimônio é uma experiência, e como representação social e cultural é algo em que as pessoas se envolvem ativamente”; mas para que esse envolvimento ocorra é necessário que se oportunizem espaços de interação, que as escavações sejam abertas e que as pessoas que trabalham nestas pesquisas, como colaboradores não experts possam também construir entendimentos sobre o que se pesquisa.

O trabalho arqueológico executado por mim no Sítio Sesc Ver-o-Peso é sem dúvida uma forma de realizar o que penso como prática arqueológica, jamais apartada das pessoas envolvidas no processo (Gomes & Lopes, 2012a, 2012b). Desde o início, com a elaboração do projeto (Gomes, 2018), antes mesmo de entender que esse Sítio se converteria como objeto de minha futura tese, eu já sabia que queria fazer um trabalho envolvendo as pessoas, levando em consideração as apreensões delas na execução da pesquisa.

Contar uma história é também escolher a forma e, invariavelmente, privilegiar aspectos em detrimento de outros (Autor, 2013). Tal qual em outros trabalhos como arqueólogo, ao olhar para um fragmento, procurei sempre, para além da forma, da pasta, da decoração, ver a mulher, o homem, a criança, o idoso que habitaram e se relacionaram com aquele espaço (Autor, 2013). E durante as escavações, recebendo o maior número de pessoas possível, procurei desmistificar a imagem sisuda do arqueólogo e seu trabalho, trazendo as noções de patrimônio e preservação para o mais próximo possível do público. Este artigo é a primeira parte de uma história que há de ter mais capítulos e personagens, mesmo se o cenário continuará sendo o mesmo.

Agradecimentos:

## Referências

- Baena, A. L. M. (1969). *Compêndio das eras da província do Pará*.
- Baena, A. L. M. (2004 [1885]). *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Senado Federal.
- Barata, M. (1973). *Formação histórica do Pará: obras reunidas*.
- Bezerra, M. (2013). Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*(7), 107-122.
- Britto, R. M. d., & Silveira, F. L. A. d. (2014). As poéticas das paisagens do Ver-o-Peso, Amazônia: reflexões sobre a exposição museológica da IPHAN-PA. *ILUMINURAS*, 15(35).
- Cabral, M. P., & Saldanha, J. D. d. M. (2009). Um sítio, múltiplas interpretações; o caso do chamado "stonehenge do Amapá". *Revista Arqueologia*, 22(1), 115-123.
- Cachado, R. (2021). Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociologia & Antropologia*, 11(2), 551-572. <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11i2>
- Campelo, M. M. (2000). *Em busca de um patrimônio: Inventário Sócio-cultural da Feira do Ver-o-Peso - Relatório Final* (Inventários, Issue).
- Campelo, M. M. (2002). Feira do Ver-o-Peso: cartão postal da Amazônia ou patrimônio da humanidade. *Humanitas, Belém*, 18(2), 149-170.
- Campelo, M. M. (2010). Conflito e espacialidade de um mercadoparaense. *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. Belém: NAEA, 41-68.
- Campos Costa, S. (2019). *Porto, Água e Vida: Paisagem, Sensorialidades e Transformações de uma Zona Portuária Amazônica (Cidade Velha, Belém, Pará)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
- Castañeda, Q. E. (2006). The Invisible Theatre of Ethnography: Performative Principles of Fieldwork. *Anthropological Quarterly*, 79(1), 75-104.
- Castañeda, Q. E. (2008). The 'ethnographic turn' in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*, 25-62.
- Castañeda, Q. E. (2009). The 'Past' as Transcultural Space: Using Ethnographic Installation in the Study of Archaeology. *Public Archaeology*, 8(2), 262-282. <https://doi.org/10.1179/175355309x457277>
- Castañeda, Q. E., Handler, R., Hollowell, J., Leone, M. P., Nicholas, G., Pyburn, K. A., & Zimmerman, L. J. (2008). *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. AltaMira Press.
- Costa, D. F. d. C. (2007). *Além da pedra e cal: a (re)construção do Forte do Presépio (Belém do Pará, 2000-2004)* [Dissertação de Mestrado, Ufpa]. Belém.
- da Cruz, E. H. (1971). *As edificações de Belém, 1783-1911*. Conselho Estadual de Cultura.
- Da Matta, R. (1978). O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional: Nova Série: Antropologia*(27).
- Darvill, T. (2008). *Concise Oxford Dictionary of Archaeology*. OUP Oxford.
- do Nascimento, L. T. A., & Rodrigues, C. I. (2011). Sociabilidades no mercado de peixe do Ver-o-Peso: das práticas cotidianas à Festa de Nossa Senhora de Nazaré. *Revista Pós Ciências Sociais*, 8(16).
- Edgeworth, M. (2003). *Acts of discovery: an ethnography of archaeological practice*. Archaeopress : Available from Hadrian Books.
- Edgeworth, M. (2006). *Ethnographies of archaeological practice: cultural encounters, material transformations*. AltaMira Press. Table of contents <http://www.loc.gov/catdir/toc/ecip062/2005031723.html>

- Edgeworth, M. (2016). Phenomenology of Landscapes and Taskscapes in Excavation Archives. *Norwegian Archaeological Review*, 49(1), 26-29. <https://doi.org/10.1080/00293652.2016.1164233>
- Fernandes, G. C. B. (2013). *Janela pra que te quero? Usos e desusos da arqueologia urbana na Praça do Carmo em Belém – PA* [Qualificação de mestrado, Universidade federal do Pará]. Belém.
- Fernandes, G. C. B. (2014). “Um buraco no meio da praça”: múltiplas percepções sobre um sítio arqueológico em contexto urbano amazônico – o caso de Belém, Pará [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
- Fernandes, G. C. B. (2019). Cultura Material e Arqueologia no Contemporâneo: O Caso da Capela Pombo Em Belém/Pará/Amazônia. *Revista Mosaico - Revista de História*, 12, 46-67. <https://doi.org/10.18224/mos.v12i0.6736>
- Fernandes, G. C. B. (2022). *Arqueologia Contemporânea e suas possibilidades: o caso da Capela Pombo em Belém-Pa* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
- Ferreira, L. M. (2008). Sob fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, 3(1[3]), 81-92. <https://doi.org/10.20396/rap.v3i1.8635804>
- Ferreira, L. M., Montenegro, M., Rivolta, M. C., & Nastri, J. (2014). *Multivocalidad y activaciones patrimoniales en arqueología : perspectivas desde Sudamérica*. Fundación de Historia Natural Félix de Azara.
- Freitas, N., & Freitas, N. (2017). Educação em espaços não formais: a produção de roteiro científico para o mercado do Ver-O-Peso. *Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências*, 8(17), 95-106.
- García, C. G., Martínez, D. B., & Baptista, B. V. (2015). *Patrimonio y Multivocalidad: Teoría, práctica y experiencias en torno a la construcción del conocimiento en Patrimonio*.
- Geertz, C. (1983). *Local knowledge: further essays in interpretive anthropology*. Basic Books.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC Editora.
- Gnecco, C. (1999). *Multivocalidad histórica: hacia una cartografía postcolonial de la arqueología* (1. ed.). Departamento de Antropología, Universidad de Los Andes.
- Gnecco, C. (2009). Caminhos de la Arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 4(1), 15-26.
- Gnecco, C. (2010). Da Arqueologia do Passado à Arqueologia do Futuro: anotações sobre multiculturalismo e multivocidade. *Amazônica*, 2(1), 92-103.
- Gnecco, C. (2013). Arqueologia multicultural. Notas intempestivas. *Complutum*, 23(2). [https://doi.org/10.5209/rev\\_CMPL.2012.v23.n2.40877](https://doi.org/10.5209/rev_CMPL.2012.v23.n2.40877)
- Goldman, M. (2006). Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, 10(1).
- Gomes, N. (2013). *Arqueologia e cultura material – uma História contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho – Ro)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
- Gomes, N. (2018). *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial, anexo II do SESC Boulevard* [Projeto de Pesquisa]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGLI0dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcirc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLI0dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcirc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub)
- Gomes, N. (2023). A paisagem histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a Arqueologia com isso?. *Revista de Arqueologia*, 36(2), 243-273. <https://doi.org/10.24885/sab.v36i2.1098>

- Gomes, N., Costa, D. F. d., & Sóstenes, S. (2019). *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial no anexo II do SESC Boulevard* [Relatório Preliminar]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGLl0dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLl0dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub)
- Gomes, N., & Lopes, R. C. d. S. (2012a). Cacareco de índio e artefato arqueológico: conversas entre arqueólogos e a família Souza no Sítio Cedro, Santarém – Pará. *Revista de Arqueologia Pública*, 5(1), 20-31. <https://doi.org/https://doi.org/10.20396/rap.v5i1.8635748>
- Gomes, N., & Lopes, R. C. d. S. (2012b). Os co-trabalhadores do Cedro - uma possibilidade de Arqueologia Pública. In D. P. Schaan (Ed.), *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará* (pp. 73-92). GKNoronha.
- Gomes, N., Seabra, A. C. d. S., Pina, A. D. d. V., & Araujo, T. S. (2022). *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial anexo II do SESC Boulevard* [Relatório Final de Análise]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_exibir.php?wt7h6hFBI\\_9S3DJjGLl0dpQiiSEQL4RcICP821UP\\_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_exibir.php?wt7h6hFBI_9S3DJjGLl0dpQiiSEQL4RcICP821UP_Zu3te9Mz8pMgdSFPXZPRHsDc8jMQ17erGYJfOcrc-boq9IGFomzoF0TDY6ESOMhrZnF8DLWNCewd9gR0ttJtAub)
- Guapindaia, V., Marques, F. L. T., & Magalhães, M. P. (1996). *Resgate arqueológico da Igreja de N. S. do Rosário dos homens brancos, em Belém, Pará* (Caminhos da cultura, Issue).
- Hamilakis, Y. (2011). Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Anthropology. *Annual Review of Anthropology*, 40(1), 399-414. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-081309-145732>
- Hamilakis, Y. (2014). Recapturing Sensorial and Affective Experience. In Y. Hamilakis (Ed.), *Archaeology and the Senses: Human Experience, Memory, and Affect* (pp. 57-110). Cambridge University Press. <https://doi.org/DOI: 10.1017/CBO9781139024655.004>
- Hamilakis, Y., & Anagnostopoulos, A. (2009). What is Archaeological Ethnography? *Public Archaeology*, 8(2), 65-87. <https://doi.org/10.1179/175355309x457150>
- Hamilakis, Y., Anagnostopoulos, A., & Ifantidis, F. (2009). Postcards from the Edge of Time: Archaeology, Photography, Archaeological Ethnography (A Photo-Essay). *Public Archaeology*, 8(2), 283-309. <https://doi.org/10.1179/175355309x457295>
- Hicks, D. (2016). The Temporality of the Landscape Revisited. *Norwegian Archaeological Review*, 49(1), 5-22. <https://doi.org/10.1080/00293652.2016.1151458>
- Hilbert, K. (2006). Qual o Compromisso Social do Arqueólogo Brasileiro? *Revista Arqueologia*, 19, 89-101.
- Hollowell, J., & Nicholas, G. (2009). Using Ethnographic Methods to Articulate Community-Based Conceptions of Cultural Heritage Management. *Public Archaeology*, 8(2), 141-160. <https://doi.org/10.1179/175355309x457196>
- Holtorf, C. (2012). The Heritage of Heritage. *Heritage & Society*, 5, 153-174. <https://doi.org/10.1179/hso.2012.5.2.153>
- Ingold, T. (1993). The temporality of the landscape. *World Archaeology*, 25(2), 152-174. <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>
- Ingold, T. (2008). Anthropology is not ethnography. *Proceedings of the British Academy*.
- Ingold, T. (2014). That's enough about ethnography! *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 4(1). <https://doi.org/10.14318/hau4.1.021>
- Ingold, T. (2017). Anthropology contra ethnography. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 7(1), 21-26. <https://doi.org/10.14318/hau7.1.005>

- Kern, A. A. (1996). *Intervenção arqueológica na Igreja do Rosário dos homens brancos, Largo do Carmo, Belém-Pará - Relatório de assessoria em arqueologia histórica* (Caminhos da cultura, Issue).
- Lopes, P. R. d. C., Fonseca Júnior, A. d. F. J., & Mendes, K. L. M. (2021). *Pesquisa de Avaliação do Patrimônio Arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará* [Projeto de Pesquisa]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Lopes, P. R. d. C., Fonseca Júnior, A. d. F. J., & Mendes, K. L. M. (2022). *Acompanhamento Arqueológico, Cemitério da Soledade* [Relatório Parcial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Lopes, R. C. d. S. (2011). "Indigiado estúpido": Arqueologia e significados acerca do muro do Forte do Presépio (Belém - Pará). *Amazônica*, 3(2), 370-390.
- Lopes, R. C. d. S. (2013). "*O melhor sítio da terra*": *Colégio e igreja dos jesuítas e a paisagem de Belém do Grão-Pará (Um estudo de arqueologia da arquitetura)* [Dissertação de mestrado, Universidade federal do Pará]. Belém.
- Lopes, R. C. d. S., & Gomes, R. N. d. C. (2012). *De roça a sítio: o saber local e pesquisas arqueológicas* I Congresso Pan-Amazônico e VII Encontro da Região Norte de História Oral, Belém.
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129-156.
- Marques, F. L. T. (2003). *Pesquisa arqueológica na área do Forte do Castelo, em Belém, PA - Monitoramento Arqueológico*.
- Marques, F. L. T. (2005). Prospecção Arqueológica no Palácio Episcopal de Belém. In S. E. d. C. d. Estado (Ed.), *Feliz Lusitânia/ Museu de Arte Sacra* (Vol. 3, pp. 1-308). Secult/PA.
- Marques, F. L. T. (2006). Investigação Arqueológica na Feliz Lusitânia. In S. E. d. C. d. Estado (Ed.), *Feliz Lusitânia/Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champanhat* (Vol. 4, pp. 147-187). Secult/PA.
- Marques, F. L. T. (2010). Um sítio indígena sob a Feliz Lusitânia: Descobertas recentes em Arqueologia Urbana em Belém do Pará. In L. T. L. Simonian (Ed.), *Belém do Pará: história, cultura e sociedade* (Vol. 1, pp. 49-58). Ed. da UFPA.
- Mathers, C., Darvill, T., & Little, B. J. (2005). *Heritage of value, archaeology of renown: reshaping archaeological assessment and significance*. University Press of Florida. Contributor biographical information <http://www.loc.gov/catdir/enhancements/fy0812/2004058120-b.html>
- Publisher description <http://www.loc.gov/catdir/enhancements/fy0812/2004058120-d.html>
- Meira Filho, A. (2015). *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará: fundação e história, 1616-1823*. M2P Arquitetura e Engenharia.
- Moore, T. (2006). *Following the digger: the impact of developer-funded archaeology on academic and public perceptions of cultural landscapes* 10th International Seminar of Forum UNESCO University and Heritage: Cultural Landscapes in the 21st century., International Centre for Cultural Heritage Studies (ICCHS), University of Newcastle, UK. <http://dro.dur.ac.uk/22898/>
- Moore, T., Guichard, V., & Álvarez Sanchis, J. (2020). The place of archaeology in integrated cultural landscape management. A case study comparing landscapes with Iron Age oppida in England, France and Spain. *Journal of European landscapes*, 1, 9-28.

- Oliveria, J. P. d. (2004). Pluralizando tradições etnográficas: sobre um certo mal-estar na antropologia. In E. J. Langdon & L. Garnelo (Eds.), *Saúde dos Povos Indígenas: Reflexões sobre antropologia participativa* (pp. 9-34). Contra Capa.
- Peirano, M. (2014). Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, 20(42), 377-391.
- Porcello, T., Meintjes, L., Ochoa, A. M., & Samuels, D. W. (2010). The Reorganization of the Sensory World. *Annual Review of Anthropology*, 39(1), 51-66. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.012809.105042>
- Pyburn, K. A. (2009). Practising Archaeology — As if it Really Matters. *Public Archaeology*, 8(2), 161-175. <https://doi.org/10.1179/175355309x457204>
- Reis, J. A. d. (2007). “Lidando com as coisas quebradas da história”. *Revista Arqueologia Pública*, 2(1[2]), 33-44. <https://doi.org/10.20396/rap.v2i1.8635809>.
- Ribeiro, B. G. (1990). Perspectivas Etnológicas para Arqueólogos (1957-1988). *BIB*, 29, 17-77.
- Rivolta, M. a. C., Montenegro, M. n., Ferreira, L. c. M., Natri, J., & Tantaleán, H. (2014). *Multivocalidad y activaciones patrimoniales en arqueología: perspectivas desde Sudamérica*. Facultad de Ciencias Sociales, Fundación de Historia Natural Félix de Azara. Table of contents only <http://www.loc.gov/catdir/toc/gc01/9789873781087.pdf>
- <http://core.cambeiro.com.ar/0-177752-0.pdf>
- Rocha, A. L. C. d., & Eckert, C. (2003). Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *Revista Iluminuras*, 4(7).
- Rocha, A. L. C. d., & Eckert, C. (2006). A cidade e suas crises, o patrimônio pelos viés da memória: Porque que e como preservar o passado? *Habitus, Goiânia*, 4, 455-470.
- Rocha, A. L. C. d., & Eckert, C. (2008). Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre.. N. 21 (2008)*, 23 p.
- Schaan, D. P. (2006). Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Arqueologia Pública*, 1, 19-30.
- Schaan, D. P. (2009a). *Arqueologia e Multivocalidade: Desafios Contemporâneos EIA - Encontro de Arqueologia Amazônica, Manaus, Brasil*.
- Schaan, D. P. (2009b). Reflexões de uma arqueóloga e mulher na Amazônia. In L. Domínguez, P. P. A. Funari, A. V. d. Carvalho, & G. B. Rodrigues (Eds.), *Desafios da Arqueologia - Depoimentos* (pp. 89-99). Habilis.
- Schaan, D. P. (2012). *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará* (1ª edição. ed.). GKNoronha. Table of contents only <https://www.loc.gov/catdir/toc/fy16pdf03/2015335328.html>
- Schaan, D. P. (2014). Arqueologia para etnólogos: colaborações entre arqueologia e antropologia na Amazônia. *Anuário Antropológico*(v.39 n.2), 13-46. <https://doi.org/10.4000/aa.1243>
- Seabra, A. C. d. S. (2019). *Arquitetura disciplinar na Amazônia: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba – Belém – Pará* [Dissertação de Mestrado, UFPa]. Belém.
- Seabra, A. C. d. S. (2020a). *Projeto Arqueológico para as obras de requalificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA* [Relatório Parcial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Seabra, A. C. d. S. (2020b). *Projeto Arqueológico para obras de qualificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA* [Projeto de Pesquisa]. Inédito. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_)

- externa=protocolo\_pesquisar&acao\_origem\_externa=protocolo\_pesquisar&id\_orgao\_acesso\_externo=0
- Seabra, A. C. d. S. (2020c). *Projeto de Acompanhamento Arqueológico e Arqueologia Pública nas Obras de Reforma e Restauro do Solar da Beira* [Relatório Final]. Inédito. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Seabra, A. C. d. S. (2020d). *Projeto de Acompanhamento Arqueológico e Arqueologia Pública nas Obras de Reforma e Restauro do Solar da Beira* [Projeto de Pesquisa]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Shepherd, N. (2009). Cuando la Mano que Sostiene el Palustre es Negra. *Prácticas Disciplinarias de Auto-Representación y el Asunto de la Mano de Obra “Nativa” en Arqueología Suramericana*, 5(1), 3-20.
- Silva, A. B. C. d. (2018). *Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro* [Projeto de Acompanhamento Arqueológico]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Silva, A. B. C. d. (2019). *Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro* [Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Relatório Laboratorial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
- Silva, F. A., Bepalez, E., & Stuchi, F. F. (2011). Arqueologia colaborativa na amazônia: Terra indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará. *Amazônica*, 3(1), 32-59.
- Smith, L. (2011). El “espejo patrimonial”. ¿Ilusión narcisista o reflexiones múltiples? *Antipoda Rev. Antropol. Arqueol.*(12), 39-63. <https://doi.org/https://doi.org/10.7440/antipoda12.2011.04>
- Sontag, S. (2016). *Sobre la fotografía*. Penguin Random House Grupo Editorial España. <https://books.google.com.br/books?id=Ry8IU0I04pYC>
- Strathern, M. (2014). O efeito etnográfico e outros ensaios. *São Paulo: Cosac Naify*.
- Troncoso, L. d. P. S. (2019). Horizontes mineradores: arqueologia da mineração e a gestão do patrimônio arqueológico sob a ótica do licenciamento ambiental. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. São Paulo.
- Uriarte, U. M. (2012). O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*(11).
- Weiss, L. (2006). Heritage of Value, Archaeology of Renown: Reshaping Archaeological Assessment and Significance. *American Anthropologist*, 108(2), 425-426. <https://doi.org/https://doi.org/10.1525/aa.2006.108.2.425.1>
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. B. Blackwell.
- Yarrow, T. (2019). How conservation matters: Ethnographic explorations of historic building renovation. *Journal of Material Culture*, 24(1), 3-21. <https://doi.org/10.1177/1359183518769111>

## Artigo II A paisagem histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a Arqueologia com isso?

Este artigo foi submetido à Revista de Arqueologia da Sociedade Brasileira de Arqueologia e após revisão de pareceristas *ad hoc* foi publicado no Numero 23, volume 2 de maio-agosto 2023.

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 2 Maio - Agosto 2023

ARTIGOS

## A PAISAGEM HISTÓRICA DA CAPITAL PARAENSE E SUAS INTERRELAÇÕES COM AS PESSOAS: E A ARQUEOLOGIA COM ISSO?\*

Ney Gomes\*

### RESUMO

Este artigo discute intervenções arqueológicas compulsórias em contexto urbano, e analisa a paisagem histórica da capital do Estado do Pará. Buscou-se integrar os dois temas: pesquisa arqueológica compulsória e a análise da paisagem no Centro Histórico de Belém. O enfoque da análise será a progressiva intervenção na paisagem urbana de Belém e o modo como tal intervenção altera sobremaneira a experiência e circulação da população nos espaços. Além da discussão sobre a arqueologia no Centro Histórico, analiso a construção social de sua paisagem, sua historicidade e a relação desta com o que chamamos patrimônio cultural. O artigo aponta que intervenções foram feitas à revelia da participação popular, e, muitas vezes, reprodutora de relações de poder assimétricas.

**Palavras-chave:** arqueologia compulsória; arqueologia urbana; paisagem; Belém do Pará.

\* Este artigo faz parte de minha pesquisa de doutorado, que só foi possível graças à bolsa de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da qual desfrutei de 2017 a 2021 e do financiamento do Sesc Pará para as escavações e análises do material arqueológico.

\*\* Doutorando em Antropologia, com área de concentração em Arqueologia no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). E-mail: [ney.gomes@gmail.com](mailto:ney.gomes@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3145-9415>.



## THE HISTORICAL LANDSCAPE OF THE CAPITAL OF PARÁ AND ITS INTERRELATIONSHIPS WITH PEOPLE: WHAT DOES ARCHAEOLOGY HAVE TO DO WITH IT?

### ABSTRACT

This article discusses compulsory archaeological interventions in an urban context and analyses the historical landscape of the capital of the State of Pará. The aim was to integrate the two themes: compulsory archaeological research and landscape analysis in the Historic Center of Belém. The focus of the analysis will be the progressive intervention in the urban landscape of Belém and how such intervention significantly alters the experience and circulation of the population in these spaces. In addition to discussing archaeology in the Historic Center, I analyze the social construction of its landscape, its historicity, and its relationship with what we call cultural heritage. The article indicates that interventions were made without popular participation and often reproduced asymmetrical power relations.

**Keywords:** compulsory archaeology; urban archaeology; landscape; Belém of the state of Pará.

## EL PAISAJE HISTÓRICO DE LA CAPITAL PARAENSE Y SUS INTERRELACIONES CON LAS PERSONAS: ¿QUÉ TIENE QUE VER LA ARQUEOLOGÍA CON ESTO?

### RESUMEN

Este artículo discute intervenciones arqueológicas compulsorias en contexto urbano y analiza el paisaje histórico de la capital del Estado de Pará (Brasil). Se buscó integrar los dos temas investigación arqueológica compulsoria y el análisis del paisaje en el Centro Histórico de Belém. El enfoque del análisis se centrará en la progresiva intervención en el paisaje urbano de Belém y en el modo en que tal intervención produce cambios en la experiencia y circulación de la población por los espacios. Además de la discusión sobre la arqueología en el Centro Histórico, se analiza la construcción social de su paisaje, su historicidad y su relación con lo que llamamos patrimonio cultural. Este artículo señala que las intervenciones se realizaron a espaldas de la participación popular y, muchas veces, reproducen relaciones de poder asimétricas.

**Palabras clave:** arqueología compulsoria; arqueología urbana; paisaje; Belém do Pará.

## RUMO AO CENTRO HISTÓRICO – OU À GUIZA DE INTRODUÇÃO

Em Belém é mais um ordinário dia quente e úmido de um julho qualquer, estou andando pelas ruas da cidade desde as nove da manhã, ao meu lado, com mil perguntas e toneladas de entusiasmo, minha amiga Rafa, que me visita e quer conhecer “toda a Belém e sua cultura”. Eu, disposto a mostrar os orgulhos da cidade das mangueiras, início nosso *tour* dentro de um Pedreira-Lomas em direção à Estação das Docas, para, dentro do meu roteiro “bem pensado”, mostrar-lhe o rio, mas amenizar o impacto do Ver-o-Peso e o caos do centro histórico — do comércio, como o chamamos. Sim, amenizar era a palavra mais eufêmica que me vinha à cabeça quando eu pensava em levar pessoas ao Centro Histórico de Belém e à famosa feira paraense. Aqui, cabem duas ou três confissões: 1. eu jamais havia comido no Ver-o-Peso antes da visita da Rafa; 2. eu em geral não gosto de andar pelo comércio; 3. e nunca, paraense sendo, vi um pôr-do-sol, ou nascer da chuva, tomando uma gelada no “veropa”, programa típico de muitos belemenses (GOMES, 2018a, trecho adaptado da nota de pesquisa publicada neste ano, por ocasião do “Seminário Discente: Caminhos das Arqueologias”, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA).

A presença da Rafa na cidade será o ponto de partida para o caminho que percorrerei ao longo deste artigo: por meio da escrita, como fazem os romancistas, almejo transportar a leitora e o leitor para o ambiente do Centro Histórico de Belém, em uma espécie de caminhada semelhante à que fiz com a Rafa. Há, no entanto, um ponto a ser considerado: não me situo, neste trabalho, apenas como observador vagante. Minha relação com o patrimônio é interventiva, mediada por minha posição como (também) antropólogo/arqueólogo-pesquisador. Por esse motivo, em diálogo com o escopo mais propriamente descritivo, usarei a bibliografia e a crítica arqueológica para elucidar as progressivas transformações na paisagem do Centro Histórico de Belém, na contemporaneidade e em seu desdobramento historiográfico. Estabelecerei nexos quanto ao lugar que pode ocupar a arqueologia mediante estas intervenções, bem como o quanto elas têm, historicamente, reproduzido e reificado a autoridade estatal e os projetos de cidade de grupos privilegiados do ponto de vista econômico na cidade. Por meio desse caminhar em palavras, desejo contribuir para a produção de formas mais autônomas de se pensar a paisagem, mais horizontais quanto às expectativas das pessoas que nela fruem, e menos autoritárias e hegemônicas.

A visita da Rafaella, anedótica que possa parecer, serve muito às discussões que farei adiante, e em particular é importante sua presença, pois traz à tona duas perspectivas simultâneas: a dela, como turista e uma amiga visitando, sobre conhecer Belém e como esse conhecimento está ligado à possibilidade de explorar os lugares e as paisagens onde eu iria realizar minhas pesquisas; e a minha própria, como nativo de Belém, mas sem uma relação íntima com grande parte daqueles locais. Acredito que este duplo efeito pode permitir à leitora e ao leitor entrever as ambivalências e multiplicidades de formas como as pessoas podem se relacionar com paisagens e patrimônios (ARROYO-KALIN, 2016; TILLEY; CAMERON-DAUM, 2017).

Em se tratando do Centro Histórico de Belém, é algo que tem tomado minha atenção enquanto pesquisador — e que penso ser passível de debate para os limites deste artigo. Um de meus interesses é que seja possível, por meio da descrição e análise

da paisagem, com utilização de algumas cartografias e iconografias (SAN-ANTONIO-GÓMEZ; VELILLA; MANZANO-AGUGLIARO, 2014), além de percepções etnográficas, imaginar ruas, espaços, cheiros, cores, pessoas. Ainda que com as limitações de meu olhar antropológico, penso que posso sugerir uma fresta de observação do patrimônio cultural e as contradições e hierarquias que o cercam.

Rafaella me visitou meses depois de eu começar minha pesquisa doutoral e alguns antes de eu escavar o sítio Sesc Ver-o-Peso, que veio a se tornar o ponto propulsor de minhas reflexões para este artigo e a pesquisa como um todo. A está altura meu intuito inicial era fazer uma leitura da paisagem do Ver-o-Peso, aliada a uma etnografia visual, com as pessoas que o frequentam ou que lá trabalham. Contudo, surgiu a oportunidade de escrever um projeto para escavar um casarão, muito próximo à famosa feira paraense, que sofreria obras de readequação e restauro para abrir um anexo de uma unidade do Sesc<sup>1</sup>. Quando deste passeio com a Rafa, eu me encontrava escrevendo o projeto de pesquisa da escavação, a ser submetido ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e havia escrito um projeto de doutorado sobre a área, mas fazia anos que não visitava aquela parte da cidade — todas as minhas observações eram fruto de leituras e lembranças, a despeito de eu ser de Belém e ter voltado a morar na cidade há pouco.

Levar minha amiga para passear, atividade que faço sempre com prazer quando recebo visitas, era, contudo, diferente. Ela havia pesquisado a cidade antes, não queria pegar Uber ou táxi, não estava com medo do calor ou interessada em achar lugares assépticos. Com a Rafa, de forma quase ingênua — alienada, por que não? — fui redescobrir minha cidade.

Ao destacar este “primeiro encontro” com meu objeto de pesquisa a partir da visita da Rafa, tento recriar na imaginação de quem me lê os contextos que me forneceram espaços mínimos para o registro de processos e estratégias interpretativas. A narração de minha visita ao centro histórico com a Rafa também serve para lembrar que, embora o texto principal seja escrito por um pesquisador antropólogo-arqueólogo, ele se baseia em diversas experiências que, por vezes, se afastam dos cânones acadêmicos e está ancorado no trabalho de muitas outras pessoas que fruem a paisagem da qual trato (BENDER *et al.*, 2007).

Neste artigo também tratarei das demandas de trabalho arqueológico na área urbana de Belém, especificamente o centro histórico tombado e seu entorno (Figura 1), e destacarei o Projeto de Arqueologia e Educação Patrimonial executadas no sítio Sesc Ver-o-Peso (GOMES, 2018b, 2020; GOMES; COSTA; GOMES *et al.*, 2022; SÓSTENES, 2019). Apresentarei alguns outros trabalhos arqueológicos, todos ligados ao compulsório — trato por compulsórios os trabalhos ligados ao licenciamento de obras ou que tenham sido objetos de alguma imposição legal, e por acadêmicas as pesquisas orientadas dentro de programas de pós-graduação com área de concentração em arqueologia que tenham por objeto o centro histórico da capital paraense — para em seguida problematizar a forma como esta compulsoriedade impacta, seja na qualidade dos trabalhos de arqueologia, seja na percepção das pessoas sobre o patrimônio cultural arqueológico da cidade e sua paisagem histórica.

---

<sup>1</sup> O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) via irregularidades no andamento das obras sem acompanhamento arqueológico, tendo em vista que o empreendimento se encontra em área tombada em esfera federal.

**Figura 1.** Localização do Centro Histórico Tombado de Belém (destacado em vermelho) e seu entorno (no tracejado em preto).



Fonte: Mapa elaborado por Rafael Silva com base nos dados do IPHAN e do IBGE.

Por esta ocasião evitarei o uso dos termos arqueologia de contrato, arqueologia preventiva ou resgate arqueológico, em oposição às pesquisas acadêmicas, seja por entender que esta distinção está ultrapassada, seja porque não penso que ela traga luzes ao argumento que defenderei aqui (CALDARELLI, 2009, 2015; CALDARELLI; NEVES; COSTA, 1988; GNECCO, 2018). Preferirei analisar as questões que norteiam o trabalho arqueológico nos projetos executados no Centro Histórico de Belém e seu arrabalde, no que tange ao cumprimento da legislação, à necessidade de preservação do patrimônio arqueológico para as pessoas, passando pela divulgação das pesquisas e pelas ações de Educação Patrimonial ou Arqueologia Pública. Nesse sentido, para os fins de minha pesquisa, me interessam mais os usos e disputas políticas que articulam o fazer arqueológico, na medida em que envolvem múltiplos agentes sociais, com interesses, muitas vezes, conflitantes: interesses estatais, legislações em curso, processos burocráticos, concepções multifacetadas sobre o que significaria “patrimônio” e, acima de tudo, quem são as pessoas autorizadas, em relações de poder assimétricas, a estabelecer laços sociais com ele (CASTANEDA, 2006; GNECCO, 2008, 2013, 2015, 2019; HERNANDO, 2006; 2015; KELLY *et al.*, 2019; SMITH, 2004, 2006, 2011; SMITH; SHACKEL; CAMPBELL, 2011; SMITH; WATERTON; WATSON, 2012).

Na seção seguinte tratarei da paisagem do Centro Histórico de Belém, sua historicidade e construção social, especificamente a área onde está inserido o Sítio Sesc Ver-o-Peso. Quero entender a maneira como a história daquela paisagem, a partir de uma visão arqueológico/antropológica, está sendo “escrita” e é apresentada às pessoas. Partindo de uma perspectiva pós-processual, acredito que a narrativa e a representação do passado não são simplesmente meios neutros para transmitir informações, mas são atos criativos que ativamente produzem e fortalecem a percepção do passado, em vez de apenas transmiti-lo entre escritores e leitores (BENDER *et al.*, 2007; HODDER, 1986; 1995; LEONE *et al.*, 1987).

Nesse sentido, algumas das minhas palavras-chave serão paisagem, patrimônio e arqueologia, explorando suas inter-relações e distinções. Embora estes temas já tenham

sido abordados antes, eles têm ganhado cada vez mais importância e produções recentes, especialmente na prática arqueológica contemporânea, no contexto das discussões sobre preservação e uso dos sítios históricos em várias cidades na Amazônia, também pela possibilidade de aproximar o fazer arqueológico das pessoas (LEONE *et al.*, 2008), evitando as tensões entre pesquisadores e instituições — no meu caso o IPHAN — que têm por objetivo a salvaguarda do patrimônio arqueológico, e justamente as pessoas que já mantêm relações de fruição com esses bens (BEZERRA, 2012, 2013, 2015; CABRAL; GOMES; LOPES, 2012a, 2012b; GOMES, 2013; LOPES; GOMES, 2012; RIBEIRO, 1990; SALDANHA, 2009).

Analisei a paisagem do Centro Histórico de Belém, mostrando como essa paisagem, destarte como quase todas as paisagens, impacta de formas diferentes, diferentes pessoas: seja um morador local que revisita lugares, sejam os que lá trabalham, seja uma turista. Argumentarei ainda, no tocante à arqueologia feita na área, que não há necessidade de distinguir entre pesquisas arqueológicas compulsórias e acadêmicas, mas a forma como projetos de restauração e as três esferas de governo têm conduzido essas pesquisas não só impede as pessoas de acessarem o patrimônio cultural arqueológico, mas também cria obstáculos para sua difusão como conhecimento e necessidade de preservação.

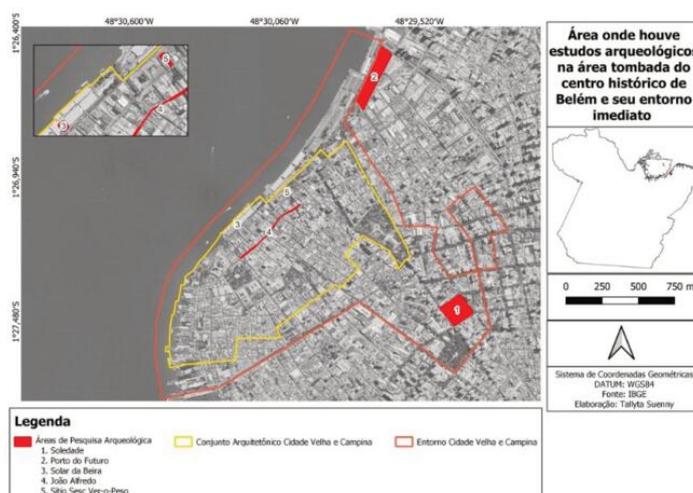
#### TRABALHOS COMPULSÓRIOS NO CENTRO HISTÓRICO – OU SOBRE COMO MANTER O PATRIMÔNIO AFASTADO DAS PESSOAS QUE TÊM O DIREITO DE FRUÍ-LO

O Projeto de Arqueologia e Educação Patrimonial que oportunizou a escavação no Sítio Sesc Ver-o-Peso buscou produzir nexos de relação com as pessoas em volta das obras — mas principalmente com as que as executavam — com pesquisas anteriores sobre o Centro Histórico de Belém e a bibliografia especializada sobre o tema. Foi um percurso de trabalho que durou dois meses e contou com a colaboração de um grupo de trabalhadores, em sua maioria operários da construção civil contratados para executar a obra de requalificação e reforma do espaço. Este projeto viria a originar o *corpus* de minha pesquisa. Da escavação resultou uma grande coleção de objetos, bem como a produção de uma série de relatórios para órgãos especializados. Parte desta empreitada se encontra descrita em profundidade em artigo no prelo. Do ponto de vista legal e formal, o projeto de arqueologia no Sesc Ver-o-Peso alcançou seus objetivos, descritos no documento inicial que ensejou o projeto (GOMES, 2018b; GOMES; COSTA; SÓSTENES, 2019; GOMES *et al.*, 2022). Praticamente a extensão do casarão foi escavada, unidades amostrais foram abertas, e seguindo a metodologia apontada no referido projeto, os objetos escavados foram coletados (GOMES; COSTA; SÓSTENES, 2019), passaram por acurada triagem e posterior curadoria, catalogação e análises de todos os vestígios, seguindo as recomendações da literatura especializada (GOMES *et al.*, 2022).

Foi possível, a partir da análise dos vestígios recuperados durante as escavações, perceber uma correlação muito estreita com a cultura material que vem sendo escavada em outras pesquisas na área abarcada pelo tombamento federal do Centro Histórico de Belém (Figura 2). Essa cultura material insere em Belém e outras cidades às margens de rios na Amazônia, no contexto das transações mercantis típicas da expansão capitalista e diversas formas de relação que se desenvolveram na região nos séculos XVIII, XIX e XX (COSTA, 2017a, 2022; GOMES, 2013; SYMANSKI; GOMES, 2012; MUNIZ; GOMES, 2017). O material também serviu como testemunha dos usos que o edifício teve ao longo dos anos e contribui para a biografia do prédio, sobre a qual tratarei em outra oportunidade. Tal qual descreveu Seabra (2020c) e equipe, no relatório de escavação sob sua responsabilidade no Solar da Beira, em área muito próxima ao casarão do Sesc:

o material recuperado data, principalmente, do século XIX e início do século XX, representando o período da Belle Époque belenense, época que a cidade importou muitos produtos da Europa, desde latas de comidas até o Mercado de Ferro, além disso, foi nesta época que Belém recebeu várias obras de revitalização. *Como exemplo, podemos citar a construção da Av. Boulevard Castilhos França, que tem em sua paisagem registro dessa época* (SEABRA, 2020c, p. 118, grifos nossos)

**Figura 2.** Belém, centro histórico tombado e o entorno, e as áreas onde houve trabalhos arqueológicos nos últimos 20 anos.



Acredito piamente que a Arqueologia e as pesquisas levadas a cabo por esta ciência servem para contar histórias (SCHAAN, 2009; GOMES, 2023). As pesquisas arqueológicas em centros urbanos como Belém podem ser usadas para contar muitas histórias, podendo até suprir lacunas deixadas pela historiografia. Contudo, os trabalhos precisam ser conduzidos com critérios, com tempo, obedecendo metodologias rigorosas e conduzidas por profissionais bem capacitados.

O que se observa nesta área, no entanto, é que os trabalhos arqueológicos que implicam escavações quase sempre estão ligados a emergências, na ordem do compulsório. Em geral são obras de requalificação, pequenas ou grandes, conduzidas pelo poder público, mas que não incluíram as pesquisas arqueológicas dentro dos projetos executivos, ou, se o fizeram, pouco se sabe, seja quanto ao destino do material escavado, seja no que tange às inferências que porventura tiveram as arqueólogas e arqueólogos que coordenam ou coordenaram estes trabalhos (GOMES, 2018b; LOPES; FONSECA JÚNIOR; MENDES, 2021, 2022a; SEABRA, 2020a, 2020b, 2020c, SILVA, 2018, 2019).

Nos primeiros anos do século XXI, Belém viu o nascimento de duas grandes obras de requalificação/restauro em seu centro histórico: o Feliz Lusitânia, na Cidade Velha e a Estação das Docas, na área portuária da Campina (MARQUES, 1999a, 1999b, 2003, 2005, 2006, 2010). Ambos os projetos foram acompanhados por pesquisas arqueológicas, talvez as mais extensas já feitas em um centro histórico amazônico. Nos dois casos as pesquisas geraram enormes acervos de cultura material, dos quais uma parte ínfima se encontra em exposição tímida. Os estudos foram pouco ou quase nada divulgados —

no caso da Estação das Docas, para além dos relatórios encaminhados ao IPHAN (MARQUES, 1999a, 1999b), não encontrei publicação acadêmica sobre as pesquisas na área. São poucos os belenenses que conseguem associar estes cartões postais da capital com o patrimônio arqueológico da cidade.

Marques foi o arqueólogo que coordenou praticamente todos estes trabalhos de arqueologia, tais como a escavação do pátio interno do casarão onde se encontra o Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) e o interior da Casa Rosada (estes dois não foram assinalados no mapa acima porque não encontramos os relatórios dos trabalhos, mas sabemos de sua realização), como toda a área do Feliz Lusitânia e a Estação das Docas. Infelizmente o arqueólogo não publicou suas pesquisas para além de relatórios técnicos entregues ao IPHAN e um volume publicado pela Secretária de Cultura do Estado do Pará (Secult-PA) (MARQUES, 2003, 2005, 2006, 2010). Marques também fez parte de uma das primeiras, senão a primeira, equipe que conduziu uma escavação no Centro Histórico de Belém, a escavação no largo do Carmo (GUAPINDAIA; MARQUES; MAGALHÃES, 1996; KERN, 1996).

Os dados das escavações coordenadas por Marques, seja no complexo Feliz Lusitânia, seja na Estação das Docas ou em outros logradouros do centro histórico da capital paraense, são escassos, mas a inferência é óbvia: não parece ter havido preocupação ou problematização do envolvimento das pessoas, das cidadãs ou cidadãos que passaram por aquelas áreas antes e durante os trabalhos. A arqueologia se manteve escondida, talvez por imposições dos cronogramas apertados e da lei, ou pela idiosincrasia comum aos projetos arqueológicos de não levar em conta o público (HERNANDO, 2006, 2015).

O fato é que, mesmo passadas quase duas décadas destes trabalhos, as pesquisas arqueológicas continuam a serem realizadas de forma compulsória, com pouco envolvimento público. Recentemente o Cemitério da Soledade começou a ser objeto de um amplo e multidisciplinar trabalho de requalificação, conduzido pela Secult-PA em parceria com a Prefeitura de Belém, que de largada foi embargado pelo IPHAN por falta de projeto arqueológico (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2021; IPHAN 2021a, 2021b)<sup>2</sup>. Em 11 de janeiro de 2023, véspera do aniversário de 407 anos de Belém, o Parque Cemitério da Soledade foi inaugurado, mas ainda uma vez a pesquisa arqueológica que foi feita e está sendo levada a cabo (LOPES; FONSECA JÚNIOR; MENDES, 2021, 2022c, 2022d), a julgar pelos relatórios disponíveis, praticamente não envolveu a comunidade, se limitando aos trabalhadores diretos na obra, alguns funcionários públicos ligados à própria Secult-PA e os estudantes do curso de restauro da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Não foi possível perceber, em nenhum dos documentos advindos desta pesquisa, mesmo no relatório de educação patrimonial (LOPES; FONSECA JÚNIOR; MENDES, 2022b), qualquer preocupação em abrir os trabalhos para um público maior ou mesmo ações que buscassem extrapolar os conhecimentos que estavam sendo produzidos a partir dos estudos arqueológicos na área. Há que se dizer ainda que esta obra recebeu enorme atenção da imprensa local, com muitos artigos e reportagens, e sua inauguração foi muito propagandeada, seja pela municipalidade, seja pelo governo estadual. Em tudo isso se deu enorme peso aos trabalhos de restauro dos túmulos e mausoléus, e praticamente nenhuma informação sobre a pesquisa arqueológica desenvolvida na área.

---

<sup>2</sup> As notícias sobre o embargo desapareceram dos portais de notícia, ficando estas, mas o processo continua registrado no IPHAN.

Bem na área de tombamentos do entorno do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico dos bairros da Cidade Velha e Campina, onde hoje se encontra o Parque Porto Futuro, foi feito acompanhamento arqueológico. No *site* do IPHAN é possível encontrar mais de dez volumes de relatórios de monitoramento arqueológico, mas para além dos trabalhadores da obra, nenhum outro público foi envolvido na pesquisa, e a cultura material proveniente das escavações não tem indicação de onde está custodiada (SILVA, 2018, 2019).

Sempre no centro histórico da capital paraense, por ocasião do recente restauro do Solar da Beira, no coração do Ver-o-Peso, Seabra e equipe fizeram ações do que chamaram Arqueologia Pública. Dada a icônica localização do Solar, os trabalhos de arqueologia que estavam sendo realizados, concomitantes com as obras, receberam alguma atenção da imprensa e foi possível aproximar um pouco a arqueologia do público, e a arqueóloga conseguiu envolver mais que os operários da obra. Contudo, nada se sabe sobre o material escavado, nenhuma informação sobre a cultura material foi publicada para além do relatório protocolado junto ao IPHAN (SEABRA, 2020c). A mesma arqueóloga conduziu um monitoramento arqueológico na rua João Alfredo (Figura 2), trabalho que recebeu uma atenção desmedida e crítica da imprensa, por conta de má informação, mas, ainda uma vez, a compulsoriedade foi a responsável pela não aproximação do público com o trabalho arqueológico (SEABRA, 2020a, 2020b).

O Governo do Estado do Pará anunciou para os próximos meses o início da segunda etapa do Porto Futuro, empreendimento que irá requalificar o restante da área portuária de Belém à continuação da Estação das Docas, e a Prefeitura da Capital já cercou toda a praça dos estivadores, como parte do projeto Boulevard Gastronômico, que requalificará toda a área em frente ao Sítio Sesc Ver-o-Peso na rua Boulevard Castilho França. Ambas as obras, por força da legislação, precisarão ser precedidas por pesquisas arqueológicas. O mais provável, porém, é que as pesquisas sejam feitas concomitantes às obras e, seja por idiosincrasias dos pesquisadores, ou por descaso do Estado e do município, o público será ainda uma vez, alijado dos estudos — e aqui, sem cinismo, espero estar errado.

As pesquisas no centro histórico paraense, na ordem do compulsório, têm sido resultado de um movimento de requalificações ancoradas por vezes numa ideia de preservação patrimonial que são comuns em muitas cidades históricas brasileiras, mas são poucos os projetos que permitem um estudo arqueológico mais consistente e que envolvam as comunidades que fruem estes espaços (COSTA, 2017a, p. 155). As pessoas que não conseguirão desfrutar do futuro Boulevard Gastronômico, ou do Porto Futuro II, como não conseguem fruir plenamente na Estação das Docas ou em alguns espaços dos museus do Feliz Lusitânia, vão encontrar desvios, e continuarão a chegar ao Ver-o-Peso ou outros lugares que as aceitam sem tantos impeditivos. E a ideia de preservação permanecerá algo de poucos para poucos. Quando me refiro à dificuldade de algumas pessoas de gozarem plenamente de espaços como a Estação das Docas, ou os restaurantes e cafés no Feliz Lusitânia, estou apontando uma divisão social dos espaços baseada em poder aquisitivo, já que estes espaços “turísticos” são caros e sua estrutura e operação acaba sendo intimidatória.

É possível ver uma clara distinção entre as pessoas que se sentam e consomem nos restaurantes e lojas da Estação das Docas ou da Casa das 11 Janelas, um dos Museus do Feliz Lusitânia, e isso ocorre em outros espaços musealizados na capital paraense, com os típicos frequentadores do Ver-o-Peso. A distinção está principalmente no fato de as que consomem não se sentirem intimidadas pelo espaço, pois sabem que podem pagar e são bem-vindas; já uma parte significativa da população, quando frequenta estes lugares, o fazem “à passeio”. Preservação parece, portanto, ter uma relação próxima com poder,

classe, raça, hierarquias sociais. Os elevados preços cobrados pelo consumo e circulação nas áreas que foram alvo de requalificação mudam não somente a paisagem: mudam também os grupos de pessoas que podem ou se sentem confortáveis em circular por ela. Há nisto um projeto e, em torno dele, cabe perguntar: segundo a lógica patrimonial vigente em Belém atualmente, quem tem realmente direito à cidade?

Figueiredo (2021a, 2021b, 2022a, 2022b) em recente estudo analisando o Programa de Aceleração do Crescimento: Cidades Históricas, o PAC 2, e suas intervenções em Belém, em especial na praça do Carmo, é peremptória em dizer que a participação popular nas intervenções feitas no centro histórico da capital paraense, a despeito dos discursos de preservação e democratização do patrimônio cultural, foi mínima e que em muitas medidas algumas das ações praticamente fizeram uma privatização de espaços públicos.

Fora da ordem do compulsório, outras pesquisas arqueológicas têm sido feitas no Centro Histórico de Belém. Contudo, invariavelmente estas pesquisas não têm financiamento para escavar e utilizam outras metodologias da arqueologia, como a análise da arquitetura ou da paisagem. Lopes (2011, 2013) e Fernandes (2013, 2014) revisitaram sítios anteriormente lócus de investigações arqueológicas. O primeiro, voltado para a igreja de Santo Alexandre, investigou a inserção deste edifício na paisagem de poder colonial e se serviu da arqueologia da arquitetura para estruturar suas reflexões. Já Fernandes (2013, 2014), estudando o largo do Carmo e a memória da Igreja do Rosário dos Homens Brancos, usou as investigações arqueológicas naquela Praça e a apreensão de ideias ligadas ao patrimônio arqueológico e sua preservação como as inquietações que motivaram sua pesquisa. Araújo da Silva (2013), partindo de uma análise paisagística do “bem morrer”, discutiu práticas mortuárias a partir da cultura material dos mausoléus no cemitério da Soledade.

Usando a arqueologia da paisagem e outros métodos, Campos Costa (2019) pesquisou o beco do Carmo, na Cidade Velha, investigando a antiga zona portuária próxima ao Porto do Sal. A autora chama os moradores da área de ribeirinhos urbanos e nos diz como estes desenvolveram formas de organização espacial, usos e sociabilidades particulares de uma *beirabilidade*, que conferem uma biografia à paisagem que vivem. Fernandes (2019, 2022) procurou, em pesquisa doutoral, por meio de um olhar arqueológico da materialidade e a presença de uma antiga capela privada, a capela Pombo, na Campina, bem tombado pelo Estado, demonstrar a biografia do edifício e os muitos usos e significados no passado e na contemporaneidade, além de indicar suas próprias percepções no trabalho de campo como observadora de seu objeto de pesquisa.

Muitos dos trabalhos citados acima são provenientes de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA-UFPA). E a partir do PPGA-UFPA, desde 2013 o professor Diogo Costa vem conduzindo diversas investigações no já notório sítio histórico do Engenho do Murutucu, área também tombada, mas afastada do centro da cidade (COSTA, 2017b). De fato, este sítio tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos orientados pelo professor e inúmeros aspectos diferentes têm sido abordados (AZULAI, 2018; OLIVEIRA MARTINS, 2015).

O Projeto de Arqueologia e Educação Patrimonial que ensejou a escavação do Sesc Ver-o-Peso também é fruto de uma pesquisa compulsória, contudo, buscou-se inseri-la no contexto de discussões da paisagem urbana, das relações das pessoas com/e nesta paisagem, além de ter utilizado da arqueologia etnográfica e do conceito de multivocalidades para melhor localizar as pessoas dentro da pesquisa.

Neste artigo, um dos conceitos de paisagem que utilizo é aquele de Sauer (1969), que destaca a importância da historicidade nos ambientes humanos. De acordo com o autor, as paisagens devem ser consideradas como ambientes culturais, resultado da integração de formas físicas e culturais ao longo do tempo. A perspectiva de Sauer (1969) sugere que

as paisagens devem ser compreendidas com suas características intrínsecas. Buscarei, desse modo, mostrar a historicidade da paisagem de parte da Campina. Ainda no tocante à paisagem deste bairro, compreendo-a como manifestação espacial da relação entre os homens e mulheres que nela circulam e dela usufruem — as ruas do comércio, os casarões em ruína, a feira, os mercados e praças e todo o seu entorno imediato constituem um dos muitos espectros do que essa paisagem foi e é (CRUMLEY; MARQUARDT, 1990). Tendo em vista que essa relação entre seres humanos e ambientes não cessa, a paisagem em questão está em constante e frenético movimento (SOUZA, 2005). Uma de minhas intenções foi investigar este movimento, que continua construindo e significando esta parte do Centro Histórico de Belém.

Como anteriormente mencionado, o Centro Histórico de Belém é um dos focos de estudos de arqueologia histórica na Amazônia Brasileira. O conjunto destas pesquisas contém tanto trabalhos compulsórios quanto acadêmicos; a escavação do Sítio Sesc Ver-o-Peso buscou combinar ambos. No âmbito do compulsório entram as emblemáticas pesquisas arqueológicas feitas no Complexo Feliz Lusitânia e Porto de Belém, bem como as investigações no cemitério da Soledade, Porto Futuro, Solar da Beira etc. As pesquisas acadêmicas vêm tomando fôlego a partir de trabalhos oriundos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPA — em que há uma área de concentração em arqueologia e linhas de pesquisa direcionadas ao estudo de cultura material e patrimônio, sobre as quais discorri brevemente anteriormente.

O projeto arqueológico no Sesc Ver-o-Peso foi conduzido com o objetivo formal de responder ao embargo do IPHAN, escavar o local e coletar os objetos para fins de estudo e conservação do patrimônio cultural da cidade. Sendo a falta de inserção das pessoas que frequentam o Centro Histórico de Belém na construção da ideia de patrimônio cultural um problema comum em projetos arqueológicos na área urbana, especialmente quando têm caráter compulsório, o referido projeto tentou contornar esse problema ao incluir a participação dos trabalhadores que executavam a obra, além de outros públicos na escavação e na produção de conhecimentos sobre a área, dando-lhes a oportunidade de conhecer e apreciar o patrimônio cultural da cidade de forma mais próxima<sup>3</sup>.

As escavações no Sítio Sesc Ver-o-Peso são um pequeno exemplo de que a compulsoriedade, ou mesmo os cronogramas impositivos, não servem de desculpa para a discricção com que certos projetos arqueológicos são levados a cabo, impedindo que a população tenha alguma interação que lhe permita conhecer ou apreciar o patrimônio cultural arqueológico da cidade. Na seção seguinte, buscando juntar argumentos, discutirei a construção social da paisagem local e a historicidade da região, mostrando a importância de tornar o patrimônio cultural arqueológico cada vez mais próximo das pessoas e não mantê-lo afastado daqueles que têm o direito de fruí-lo.

#### A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM – O CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM

Continuando no campo das confissões, eu diria ainda que não sou “dado às feiras, mercados” e congêneres, algo quase agorafóbico..., mas sigo com a história!

<sup>3</sup> Para contornar tal problema, adotei a perspectiva da Arqueologia e Multivocalidades, cuja práxis está descrita em artigo no prelo. Para mais sobre o assunto recomendo Gnecco (1999, 2010), Okamura e Matsuda (2011), Ferreira *et al.* (2014), García, Martínez e Baptista (2015), entre outros.

Passamos pela Estação das Docas e, depois da civilidade quase asséptica, me dirigi à “confusão”. Aos menos foi assim que meu espírito se preparou — nesta hora pensei em minha avó, que sempre insistia em me levar no Ver-o-Peso, malgrado meus protestos, e só me vem à cabeça a frase que ela poderia usar como admoestação: deixa de pavulagem menino, me admiro é de ti!

Quando se chega ao Ver-o-Peso pelo Boulevard Castilho França, nossos ouvidos são invadidos por uma mistura de sons: música alta, trânsito pesado, motores de barcos ao fundo, vozes oferecendo mercadorias, preços sendo gritados, risos, conversas sussurradas e outros rumores indistintos. Talvez porque pela primeira vez estava “levando alguém” ali — sempre fui só ou levado —, talvez por me dispor a estudar aquele espaço, eu comecei a construir uma expectativa e fui chamado de volta pela exclamação de excitação da Rafa: Por onde iremos começar? (GOMES, 2018a)

A passagem supracitada diz ainda, mais um pouco, das complexidades em jogo na paisagem do centro urbano de Belém: com uma caminhada curta, eu e a Rafa demos um salto sensorial expressivo. Mudaram os sons, os cheiros, as vestes, mudou mesmo a tônica da memória. Este tipo de contraste produz uma espécie de contradição à céu aberto: como lugares tão próximos podem coexistir com tanta diferença quanto à sua ocupação, como se um muro invisível os separasse? Deste tipo de separação urbana tácita e multiplicidade de modos de ocupação é que desejo partir, para a discussão desta sessão.

Como pesquisador visitante na University College London, sob a supervisão do Professor Chris Tilley, participei de seu curso semestral chamado *Social Construction of Landscapes*<sup>4</sup>, de onde vêm a maior parte de meus *insights* para escrever esta seção. Em uma das aulas encontrei o professor incapaz de carregar todas as coisas que ele trazia, entre as quais uma caixa plástica cheia de pedras e um balde com água. Para não me alongar, professor Tilley dissertou acerca de diferentes perspectivas sobre as paisagens, chamando atenção para o fato de que elas não são apenas cenários para a ação humana, posto que as pessoas as constroem e são construídas por elas. Para o professor, e eu fui convencido por ele, as paisagens articulam pessoas, lugares, movimentos, histórias e tradições, valores morais e políticos (TILLEY, 1994, 2006, 2012, 2017; BENDER *et al.*, 2007).

Mas e onde se encaixam a caixa de pedras, o balde com água e a excitação da Rafa andando pelo Centro Histórico de Belém? Falando sobre a mutabilidade da paisagem e sua impossibilidade de ser estática, o prof. Tilley chamou a todas em sua mesa, mostrou as pedras e perguntou o que víamos. Todas nós respondemos em uníssono: pedras? Ele nos falou de sua proveniência — eram pedras vindas da praia e continuou indagando, o que víamos... e então as coisas foram mudando... algumas pessoas começaram a ver praias, pedras quentes de sol, pedras molhadas — e ele pediu que as pegássemos e sentíssemos a temperatura, o toque, pediu que as molhássemos e observássemos as cores, se a textura era

<sup>4</sup> Segue a descrição que iniciava a ementa do curso: “*Landscapes are never inert: people engage with them, re-work them, appropriate and contest them. They form a fundamental way in which identities are created and disputed. Criss-crossing between history and politics, social relations and cultural perceptions, landscape is a concept of 'high tension'. It is also an area of study that blows apart the conventional boundaries between the disciplines. Landscapes form a subject of study for anthropologists, archaeologists, human geographers, art historians and historians and sociologists amongst others*”.

alterada e percebemos que a partir de cada lugar de referência, singularmente, tínhamos percepções muito díspares... para mim era difícil ver praia, pois nas plagas de onde venho as praias são compostas de areia fina e não de um amontoado de pedras polidas.

A paisagem do Centro Histórico de Belém sobre a qual me concentro, para mim, era uma lembrança presa no tempo da minha avó ou um lugar a ser evitado; no tempo presente virou parte de um estudo acadêmico, sujeito a teorias e métodos. Para a Rafa, era o desafio de um cenário novo, pesquisado na internet, com cheiros que iam mudando a cada rua dobrada, com sons e cores inéditos. Refletindo sobre os diferentes impactos que as “mesmas” paisagens pode suscitar nas pessoas, veio em mente a leitura recente da engraçada novela de Thomas Kingh (2020). Nela, um casal de indígenas, Mimi e Bird, está de viagem à Praga e decidem visitar Budapeste, ali ao lado. Por uma coincidência, destas que não saberia explicar, a chegada deles à estação de trem da capital húngara, em 2015, se deu no mesmo período que eu também visitava a cidade, no período de uma grave crise imigratória em que as autoridades da Hungria começaram a fechar fronteiras.

Mimi olha atordoada ao seu redor e, se antes estava excitada, vendo as pessoas que estavam construindo a paisagem, e a violência como isso se dava, agora se arrepende de ter ido e busca escapar. As duas personagens decidem pegar um táxi para “dar uma olhada”, nem que de longe, em alguns pontos turísticos marcados no guia e pegam o trem de volta à Praga na mesma noite. Eu, mais excitado que assustado, passei mais de uma semana em Budapeste, fui com calma aos lugares que Mimi queria ver e só viu da janela do táxi, e não tive como não sentir um aperto lendo o romance pensando em como ela, talvez depois do primeiro impacto, teria apreciado *Buda*, muito mais que *Pest*. Eu vi a “mesma” silhueta de cidade que o autor descreve, mas a paisagem certamente foi outra. Assim como, mesmo andando lado a lado com a Rafa, éramos impactadas de forma diferente, víamos coisas distintas. Neste sentido, aqui penso a paisagem antropológicamente (TILLEY, 2012; TILLEY; CAMERON-DAUM, 2017) como cultura material (TILLEY, 2020), mas voltarei a esse argumento mais à frente.

#### SOBRE A HISTORICIDADE DA PAISAGEM

Chegando ao complexo do Ver-o-Peso, cruzamos o estacionamento, desviando da parte onde vendem roupas, e fomos para próximo onde atracam alguns barcos de linhas intermunicipais [...]. À medida que a Rafa me fazia perguntas, ou que eu via algo e lhe queria explicar, fui percebendo o quanto desconhecido, e em alguma medida, novo aquele lugar era para mim. Mesmo se o tinha tantas vezes visitado, sempre sem nenhum interesse.

Os cheiros mudavam de seção a seção. Senti o inconfundível cheiro das águas turvas da baía do Guajará, depois cheiro de farinhas e camarões, maniva sendo moída, maniva sendo cozida — eu adoro explicar para os não paraenses sobre as particularidades da maniçoba e não deixo passar a possibilidade de ao menos seis pessoas terem morrido para que ela exista — piada velha. Havia ainda o odor agradável das ervas diversas dos banhos de cheiros, além da amabilidade que abraça de suas vendedoras — Rafa comprou um “achega-te a mim” e recebeu conselhos sobre o uso de outros “feitiços”. Seguindo pelo mundo dos cheiros, tinha

ainda o odor azedinho de tucupi, mandioca recém-descascada e barro queimado (GOMES, 2018a).

Vendo mallograda no Maranhão, por fictícias dificuldades que lhe oppoz o capitão-mór, uma projectada expedição ao interior, dirigiu-se ao Pará, onde campo mais vasto e, no seu parecer, não contestado, se lhe offerecia. A viagem era longa e incommoda. Trinta dias em pequenas embarcações, remadas por índios, e sacudidas por mares impetuosos e rijos ventos da costa. Trinta e duas bahias a vencer, em muitas das quaes se devia entrar e sair a favor das marés, por não ser possível de outra forma romper o extraordinario peso das águas. Chegava-se alfim á ponta de Separaré, sentinella avançada das terras do Pará no oceano. Ahi principiava a abrandar o furor das vagas; e, com o auxilio da corrente, quando enchia, em breve se descortinavam as ilhas verdejantes e, por entre ellas depois, a casaria da cidade, que já então, deixando o abrigo do forte, começava a extender-se para o septentrião, sempre á beira-rio (AZEVEDO, 1901, p. 53-54).

A paisagem que eu apresentei à Rafa, e que vivi e pesquisei, é muito diferente daquela alcançada pelos colonizadores que partiam de São Luiz em direção à Belém. Junto com minha amiga visitante, olhando para a Baía do Guajará, ficamos divagando sobre como seria para os europeus, acostumados a verem a “outra margem” de seus rios, se depararem com a quase infinitude das águas amazônicas. Nossa divagação foi freada pela fome que se nos abateu e fomos buscar nosso peixe frito, na paisagem que se movia.

Correndo o risco de ser pernóstico, digo a obviedade de que a paisagem onde está inserido o Sítio Sesc Ver-o-Peso faz parte de uma das ocupações coloniais mais antigas da Amazônia (MARQUES, 2003, 2006, 2010); e os registros arqueológicos têm demonstrado que as margens dos rios eram as porções mais densamente povoadas pelos povos originários quando do início das invasões europeias (NEVES, 2005, 2008). Desde o último quartel do século XIX que pesquisas arqueológicas têm se detido no estudo das populações nativas (MEGGERS, 1948; NEVES, 2005, 2007; ROOSEVELT, 1999; SCHAAN, 2010) e os recortes temáticos e temporais na Arqueologia têm passado em revista diversos aspectos sociais, econômicos e culturais da ocupação da Amazônia. Sejam os registros arqueológicos, seja a historiografia, nos dizem que anterior à fundação da cidade de Belém pelos europeus, a região era ocupada por grupos indígenas, que Meira Filho (2015) aponta como sendo os Tupinambá. Dada aniquilação da maior parte dos grupos nativos que ocupavam a região onde está Belém, não temos relatos de como essas pessoas descreviam a paisagem, seria anacrônico inclusive usar o termo como possibilidade de descrição do ambiente ou do espaço por aqueles povos, mas uma cartografia do século XVII aponta a denominação “Província dos Tupinambás” ao se referir ao Pará daquela época (Figura 3), e nos dá uma mostra de como os conquistadores descreviam a intricada geografia da área.

As cartografias, plantas e prospectos, além de imagens do passado, serão essenciais para que possamos fazer a digressão necessária e pensar a historicidade da paisagem da beira do rio e a consequente expansão urbana da Belém do passado. Chamada inicialmente de “Feliz Lusitânia” em 1616, depois de cidade do Pará e Santa Maria de Belém do Grão-Pará, são muitos os autores a contar os primeiros anos da conquista portuguesa (AZEVEDO, 1893; 1901; BAENA, 1969; 2004 [1885]; BARATA, 1973; MEIRA FILHO, 2015). Não me deterei a narrar com detalhes estes primeiros anos,

mas dando alguns saltos temporais, ancorado nas cartografias e outros documentos, vamos vendo e analisando as alterações na paisagem das margens da cidade. A Figura 4 nos mostra quatro séculos de alterações. O ponto verde em destaque no mapa atual com a demarcação do centro histórico tombado e suas imediações, conta por exemplo, que a área onde hoje está o Sesc Ver-o-Peso estava no passado banhada pelas águas da Baía do Guajará – retornaremos a isso em breve.

**Figura 3.** Planta datada de 1666, de autoria de João Teixeira Albernaz, referindo a "Provincia dos Tupinambás".



Fonte: Meira Filho (2015).

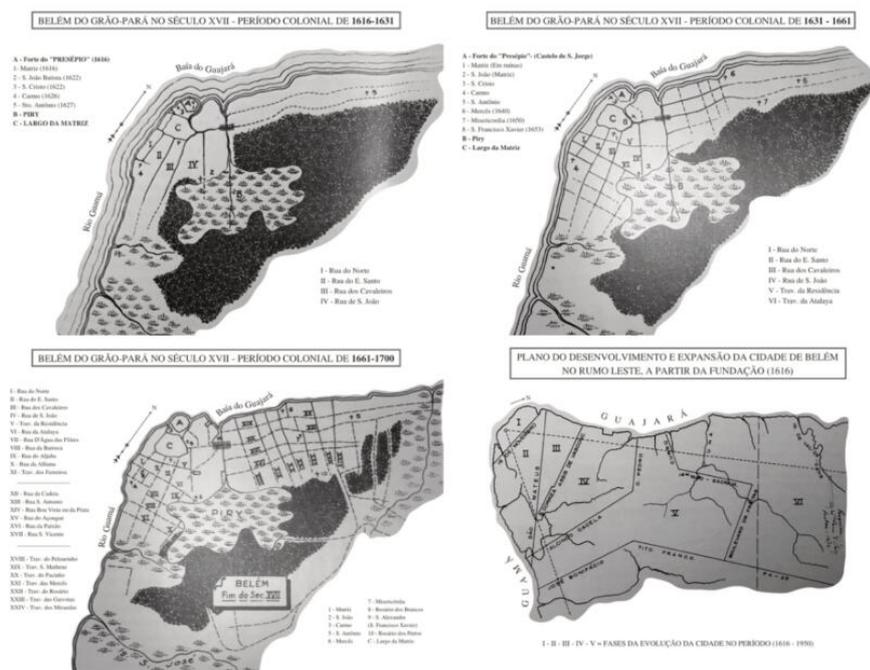
**Figura 4.** Composição de cartografias mostrando as transformações da beira rio dos bairros da Cidade Velha e da Campina.



Fonte: Mapa realizado por Silva (2023), sob orientação do autor, para este artigo. A planta de 1640 (Teekening van de Stat en de fort van Grand Para, 1584/1865) foi gentilmente cedida pelo The Hague National Archives of the Netherlands. A cartografia de 1753 (Planta geometrica da cidade de Belém do Gram Pará, 1753) provém do acervo da Fundação Biblioteca Nacional e, por fim, a planta de 1791 advém da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira (FERREIRA, 1791).

Sobre a expansão urbana de Belém, o registro dos estudos elaborados por Meira Filho (2015), como na Figura 5, nos permitem uma visualização e uma análise desse processo, sobretudo da área que se estende para parte baixa, ou área portuária da cidade. O primeiro croqui elaborado pelo referido autor mostra o perfil da cidade no recorte cronológico que abarca os primeiros 15 anos da ocupação portuguesa. Destaca-se no croqui a área delimitada pela baía do Guajará e pelo rio Guamá. No que tange à área de interesse central desta pesquisa, está assinalado para o lado da praia o convento Santo Antônio (1627). Nos três desenhos seguintes podemos ter uma percepção visual da evolução da cidade e da consolidação da malha urbana, mesmo que com sucessivas transformações, é possível perceber as permanências. Pela análise da evolução urbana realizada por Meira Filho (2015), Belém na virada do século XVII para o XVIII contava com 24 ruas abertas, dez edificações religiosas, além do Piry, uma área alagada que ainda dividia a cidade. Olhando os desenhos de Meira Filho (2015), percebemos que na beira do rio ainda não são identificáveis algumas edificações que marcam atualmente a paisagem da Belém colonial, tais como a igreja e o convento dos mercedários; mas já está assinala no desenho os caminhos abertos que dariam origem à rua Santo Antônio e à rua da Praia, para além do Igarapé do Piry.

**Figura 5.** Composição de estudos de Augusto Meira mostrando a expansão urbana do núcleo originário de Belém.



Fonte: Montagem a partir de desenhos presentes na obra de Meira Filho (2015, p. 110, 201, 265 e 519).

As legendas foram reescritas, mas não houve alterações nos desenhos originais.

As ilustrações, mapas e plantas produzidas no período colonial, bem como as narrativas de viajantes, destacam, sobretudo, a arquitetura oficial, a mais imponente, seja ela militar, civil ou religiosa, o que oportuniza melhor análise da evolução desse

tipo de construção. Acerca das edificações “comuns” que remetem à ocupação do espaço e ao cotidiano de morar, acabamos por percebê-las, sem destaque, no conjunto do traçado urbano.

No início da conquista não era tarefa fácil aos lusos, chegar à Feliz Lusitânia. No segundo excerto que serve de epígrafe a esta seção Azevedo (1901), descrevendo a viagem de um clérigo que não conseguiu desempenhar suas funções em São Luiz e decide vir para Belém, nos dá uma boa imagem do périplo que era essa viagem. Ainda segundo Azevedo (1901), após a fundação do núcleo embrionário de ocupação da área, este foi se expandindo ao longo da beira rio:

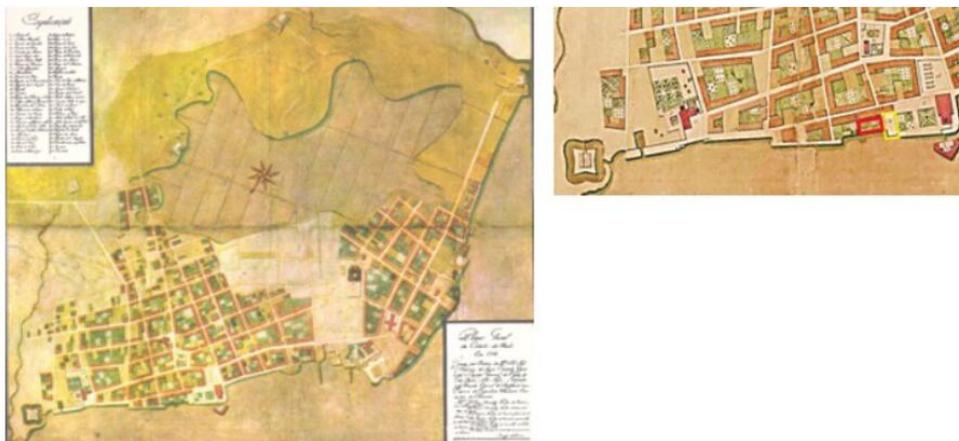
Repartia-se a cidade em dois bairros: um mais antigo, limitado pelas actuaes praças da Sé, do Carmo e de São João, chamava-se, como ainda agora, a Cidade. O outro, habitado depois, quando a população crescente foi carecendo de maior espaço, acompanhava o curso do rio, tomando por nome a Campina. No ponto limitrophe de ambas as divisões, em lugar denominado pelos primeiros habitantes o Portão, provavelmente por achar-se ali o que dava ingresso, pela muralha, ao povoado, ficava a nova residencia dos jesuítas (AZEVEDO, 1901, p. 54).

No primeiro excerto, para quem como este autor, já viajou de barco pelos rios e baías que circundam Belém, é fácil entender que, não obstante o passar dos anos, “as águas bravias, os ventos rígidos e a dependência das marés” (AZEVEDO, 1901) continuam uma constante nestas plagas, embora, não tendo que remar, os tempos das viagens encurtaram sobremaneira. As ilhas verdejantes estão praticamente onde estavam no passado, algumas hoje com as margens ocupadas, sem a presença indígena, dado que a expansão da ocupação colonial foi se estendendo ao longo das praias. No segundo trecho, se compararmos o que diz o autor sobre a divisão da cidade e os mapas que já foram apresentados, vamos aos poucos vendo uma cidade nascendo e, do ponto de vista dos nativos, uma aldeia desaparecendo.

Naquilo que concerne à Campina, e às mudanças de sua paisagem, Marques (2006) destaca, a partir da planta geral da cidade presente na viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira (Figura 6), que os terrenos junto à praia haviam se transformado em hortas ou jardins. Na mesma planta está assinalado o primeiro açougue da cidade, nas imediações da quadra onde atualmente se encontra o Sesc Ver-o-Peso. Com relação a este açougue, ele foi instalado em uma casa térrea, à rua que dele tomou o nome; por detrás da casa do açougue que tinha três portas de frente, e cujos fundos davam sobre a praia, estava o matadouro e, em seguida, o cercado onde eram desembarcadas as rezes para serem abatidas (BARATA, 1973, p. 326). Quem circula por aquela área hoje, nem de longe imaginaria um açougue/matadouro, de frente para a rua Gaspar Viana, tendo o Boulevard Castilho França como praia onde descarregavam animais vivos para serem abatidos, destrinchados e vendidos.

Como é possível perceber nas plantas que já foram apresentadas, a Belém do século XVIII possui feições mais definidas pelo traçado das vias, alinhamento das edificações, sobretudo a partir da segunda metade deste século. O destaque nestas representações é sem dúvida a margem do rio, sempre marcada pela dinâmica de fluxo de pessoas, mercadorias, embarque e desembarque. Um cotidiano do passado que perdura no presente.

**Figura 6.** Planta Geral da Cidade do Pará de 1791, na qual se tem referência feita por Marques sobre a presença de hortas e jardins nos terrenos junto à praia, bem como estão destacados o açougue (em amarelo) e a área onde atualmente se localiza o sobrado (em vermelho).



Fonte: Ferreira (1791), disponível no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, adaptada para este artigo pelo autor.

A partir do ano de 1782 a área da praia de Belém sofreria, em tempos diferentes, sucessivas alterações com vistas a estruturar o cais da cidade. Esse recorte cronológico é importante para o entendimento das edificações que iriam surgir com as fachadas voltadas para a praia, dinâmica que se aplica ao casarão assobradado que foi escavado e hoje é uma unidade do Sesc. Barata (1973, p. 327) nos fala um pouco sobre a importância desta alteração paisagística:

Ao longo da praia, em que esteve o primitivo matadouro, foi construído interrompidamente (1782-1803, 1839-1842) um cais que começou na Sacramento (lugar da praia, à entrada da travessa dos Mirandas, hoje 15 de agosto e com ela se formou uma nova rua de Belém. Essa rua como também a do Imperador, que era seu prolongamento, e feita em 1841-1842, foi suprimida pela construção do novo cais (1870-1877), o qual avançando sobre o rio desde a Sacramento até a doca do Ver-o-Peso, veio formar o atual Boulevard da República, que compreendeu aquelas duas ruas. O novíssimo cais da Port of Pará é a terceira conquista do terreno.

Ainda segundo Marques (2006), no início do século XIX a orla da cidade viria a sofrer sensíveis transformações no aspecto urbanístico; neste período, o local foi alvo de grandes e importantes obras, com a deposição e compactação de grande quantidade de aterro, proveniente de vários pontos da cidade, em uma ampla faixa de terra, ampliando assim seus limites.

Até a primeira metade do século XIX, o alinhamento dos casarões assobradados com a fachada voltada para a baía do Guajará que marcam a paisagem contemporânea de Belém ainda não era avistado. Com as intervenções ocorridas na virada da primeira para a segunda metade daquele século é que a cidade aumentaria seus limites e,

consequentemente, alteraria também os terrenos para a construção de novas edificações. Se examinarmos uma vista de Belém datada de 1825, podemos perceber ainda os cercados delimitando os fundos de algumas casas, bem como pontes de acesso à orla.

**Figura 7.** Vista de Belém produzida pelos Alemães Johann von Spix e Karl von Martius na primeira metade do século XIX.



Fonte: Álbum Belém do Pará (1995).

Na referida iconografia é perceptível a ausência do casarão assobradado: no local aparecem somente casas térreas, cercados de quintais com as fachas voltadas para a Rua da Praia. Assim, pode-se inferir que até a década de 1830 o sobrado não figurava naquela área.

Seguidas intervenções, visando o processo de urbanização, foram realizadas com o surgimento de várias ruas e um cais para a cidade. Com relação à rua que divide a quadra do complexo dos mercedários e a quadra onde se localiza o bem pesquisado, ela foi comprada em 1842 para se tornar via pública de acesso à via aberta com a ampliação e aterramento da orla daquela área da cidade. De acordo com o historiador Ernesto Cruz (1973, p. 50),

Na presidência do dr. João Antonio de Miranda foi efetuada a compra de uma faixa de terra, que liga a atual rua Gaspar Viana, antiga do Açougue, ao boulevard Castilhos França. [...] E travessa foi aberta. É a atual da Indústria.

As denominações das ruas também se constituem como um lugar de memória, e refletem igualmente demandas e seleções dos grupos sociais dentro da temporalidade. A praia, a faixa de terra, e depois a nova via aberta na área do casarão teve, portanto, várias denominações até chegar a que conhecemos atualmente. Sobre tais mudanças, informa Ernesto Cruz (1973, p. 52) que

o boulevard Castilhos França que se estende paralelo ao cais do porto é um exemplo bem interessante. Em 1842 se chamava rua da Boa Vista. O presidente da Província, dr. Bernardo de Sousa Franco desejando prestar naquela época homenagem ao monarca [...] mandou substituir a denominação para rua Nova do Imperador. Com o advento do regime político implantado a 15 de novembro de 1889, passou a ser boulevard da República. Vitoriosa a revolução de 30, mudaram-lhe o nome para Castilhos França.

A análise das sucessivas transformações e alterações sofridas no traçado urbano da cidade, em especial na área do cais do Porto de Belém no século XIX (Figura 8), nos permite o entendimento da ampliação dos limites da faixa litorânea da área da Campina.

Após as obras de aterramento ocorridas na metade do século XIX, iniciou-se um processo mais célere de construção de casas de moradia, voltadas para a baía do Guajará, conforme já foi mencionado. Entretanto, o porto da cidade ainda passaria por outras reformas para atender as demandas do fluxo de embarque e desembarque, tanto de pessoas quanto de mercadorias. Há que se mencionar que as atividades comerciais sempre marcaram aquela área, desde os primeiros tempos da fundação da cidade.

**Figura 8.** Transformações da paisagem do Boulevard Castilhos França, onde fica localizado o Sítio Sesc Ver-o-Peso.



Fontes: Da esquerda para a direita: 1. Imagem atual do Boulevard Castilhos França, onde está o Sítio Sesc Ver-o-Peso, hoje uma das unidades desta instituição, do Google Street Veiv; 2. Vista área do Boulevard Castilhos França, na década de 1960; 3. Frente atual do Sesc Ver-o-Peso, Google Street Veiv; 4. Um postal do Boulevard Castilhos França, sem data.

Sobre a historicidade do casarão onde ocorreram as escavações, foi possível inferir, mesmo se nenhum documento histórico específico fosse encontrado, que sua construção e apogeu de uso foi contemporânea aos imóveis que foram construídos na segunda metade do século XIX, nas novas áreas aterradas que ampliaram os limites da cidade e ensejaram a configuração de um novo traçado urbano. Em Gomes, Costa e Sóstenes (2019), bem como em Marques (1999a, 2003), é possível encontrar um farto levantamento de informações, a partir de diversas fontes escritas e iconográficas. Este estudo, juntamente com a análise arquitetônica da edificação, situa mais precisamente a área nas mudanças históricas pelas quais passou.

#### PAISAGEM E PATRIMÔNIO

Continuando a andança com a Rafa, lá pelas tantas o Comércio, o centro Histórico e por óbvio, o Ver-o-Peso, para ela, e muito para mim, estavam sendo uma festa, uma balburdia sensitiva. Para além dos sons e dos cheiros, a visão, tato e o paladar participaram desta algazarra dos sentidos. As cores, as formas, os contornos, dos objetos, frutos e a

paisagem nos estonteavam. O som alto mudava de loja para loja, só passar na porta, carros competindo com pedestres, estes sem o auxílio de uma buzina para importunar, o calor, uma certa corrida no andar... paramos na frente do Sesc e eu só apontei para o lugar que “talvez eu iria escavar”, e seguimos rumo ao mercado, onde a balburdia dos sentidos ganhou nova intensidade: jogar punhados de farinha na boca, pegar lasquinhas de frutas para provar se estavam doces, ver a maniva, em um tom verde que deveria ser classificado como “verde maniva” sendo expelida pela máquina de moer, tudo nos causava espécie. A Rafa a tudo fotografava e a esta altura não fazia perguntas somente a mim, talvez percebendo que muitas coisas eram novas também a mim, mas a quem lhe desse qualquer atenção, ou seja, a todos os vendedores.

A paisagem é uma construção social e tem sua historicidade (TILLEY, 2006, 2012, 2016), mas penso que sua singularidade reside no impacto que ela causa a cada pessoa, bem como naquele que cada pessoa causa na mesma paisagem por suas apreensões sobre, e a partir, dos espaços e lugares que seus sentidos conseguem descrever. Durante a escrita deste texto eu liguei para a Rafa várias vezes, para nos lembrarmos das nossas andanças e discussões... revimos fotografias e foi interessante comparar nossas percepções anteriores e atuais. Eu discutindo a paisagem como patrimônio e mesmo cultura material, na minha ânsia por encaixar o que vimos juntos como objetos de estudo; a Rafa falando dos cheiros fortes que se lembrava, da comida barata, do barulho e de como ela, que agora está no frio alemão, gostaria de voltar a sentir o calor de Belém.

Para além das percepções singulares de cada pessoa sobre uma paisagem ou sobre o Centro Histórico de Belém, alguns destes locais são convertidos, por diplomas legais, em “bens tombados”. Fato é que desde 2012 o Ministério da Cultura, por meio do IPHAN, reconhece o tombamento do “Conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos bairros da Cidade Velha e Campina, Localizados em Belém, estado do Pará, no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no Livro do Tombo Histórico” (BRASIL, 2012, grifos nossos; CULTURAL, 2011;). A mesma área já tinha um tombamento municipal (BELÉM, 1994). Diversos autores vêm discutindo a eficácia dos instrumentos de tombamento e um ponto de vista quase comum é que em geral as decisões que antecedem os reconhecimentos legais não levam em consideração os anseios das pessoas e em alguns casos alijam os usuários dos espaços agora tombados, ou dificultam sua fruição (FORTE; SANJAD, 2020; GODINHO, 2019a, 2019b; OLIVEIRA, 2016). Van Lanen, Van Beek e Kosian (2022) nos indicam que em certos lugares é importante que as metodologias sejam pensadas de modos particulares, dadas as condições *sui generis* destas e estudos sobre paisagem histórica, sua importância para construção de identidades, manutenção de sentido de pertença ou mesmo como afirmação política que estão ocorrendo em todos os lugares e dentro de praticamente todas as áreas das humanidades (BRUMANN; GFELLER, 2021; DAI; ZHENG; YANG, 2022; DAVES; FACCIO, 2021; DEMJÁN *et al.*, 2022; ONYANGO; OPIYO, 2022; QUINTERO-ANGEL; COLES; DUQUE-NIVIA, 2021; WOODCOCK *et al.*, 2021). Isso tem se dado também porque, como afirmam Tilley e Cameron-Daum (2017), a paisagem é um objeto de estudo que não é de ninguém; há muito é estudada de maneiras diferentes e sob vários disfarces por geólogos, geógrafos sociais e culturais, planejadores, ecologistas, historiadores e historiadores da arte, arqueólogos e antropólogos, e não só. No caso de Belém, os estudos que analisam a paisagem histórica e problematizam sua “patrimonialização” têm se concentrado bem mais a partir da arquitetura, com uma insipiência da antropologia e da arqueologia.

Para Tilley (2016), dentro de uma perspectiva fenomenológica, o objetivo de pesquisas sobre patrimônio é fornecer uma descrição rica ou “densa” das paisagens estudadas, permitindo que outros as compreendam em sua diversidade e complexidade diferenciadas e entrem nessas experiências por meio de sua mediação textual metafórica. Minha tentativa aqui é fornecer uma mediação textual metafórica sobre a paisagem onde está inserido o Sítio Sesc Ver-o-Peso, um casario erigido no centro histórico e comercial de Belém, onde busquei levar em consideração as multivocalidades dos grupos de pessoas envolvidas no projeto, bem como de outros frequentadores dos múltiplos espaços que o compõem, conduzem ou corroboram para a construção desta paisagem histórica e os muitos significados que este local tem para as pessoas que usam e se apropriam deste patrimônio (LEONE *et al.*, 2008; TILLEY, 1994, 2006, 2016; TILLEY; CAMERON-DAUM, 2017).

A paisagem, concebida como artefato, atua de forma decisiva na configuração simbólica de uma dada realidade (SOUZA, 2005). Há autores que a leem como cultura material (TILLEY, 2020), e por isso, moldada pelos sujeitos que dela fazem uso. A arqueologia da paisagem nos serve bem para entender as dinâmicas urbanas que moldam determinadas áreas das cidades modernas (TILLEY, 2017, 2019). Muito além de mero abrigo ou lugar onde se dá a luta pela sobrevivência, a paisagem, em uma perspectiva arqueológica, tem assumido também atribuições socioculturais, desempenhando um papel ativo na mediação de relações sociais (SOUZA, 2005).

#### CONCLUINDO – AS DESCULPAS SERVEM CADA VEZ MENOS

Depois de visitarmos os mercados de peixe e carne, a Rafa e eu voltamos para a feira e, em uma das seções nossos estômagos foram invadidos pelo cheiro de peixe frito e açaí sendo batido — eu havia prometido que ela tomaria açaí “como se deve”. Nos sentamos e os estímulos sensoriais nos faziam rir, pensar, especular e fazer muitas afirmações sobre cultura, tradição, patrimônio cultural, possibilidades de estudo, divagações das mais diversas... eu havia percebido que estava impactado, pela primeira vez, pelo meu objeto de estudo. Confessei à Rafa que o que estava vendo com ela era muito diferente do que descrevi, quase de forma idílica, nos meus projetos... nossa conversa foi interrompida abruptamente por dois fatos: nosso peixe com açaí chegou e uma moça começou a ser tatuada ao nosso lado e praguejava de dor (GOMES, 2018a).

Iniciei este artigo contando de uma andança minha e de minha amiga Rafa que, neste dia, terminou como descrito no trecho que abre a seção. O caminhar com a Rafa foi um marco para minhas reflexões sobre o Centro Histórico de Belém, o papel da arqueologia em sua apreensão como patrimônio cultural, paisagem e fruição; as reflexões continuaram, se intensificaram com as pesquisas relativas à escavação levada a cabo no Sítio Sesc Ver-o-Peso e no estudo de diversos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na área tombada da capital paraense. Não vejo mais aquela paisagem idilicamente, ou também como algo de que devo “preservar” meus visitantes, mas sim como uma construção social, um monumento à memória e um lugar histórico com muitas outras camadas que não puderam ser cobertas neste texto. Schama (1995, p. 6-7), na introdução à *Paisagem e memória*, nos diz que “antes que possa ser um repouso para os sentidos, a paisagem é o trabalho da mente; a paisagem é construída tanto de estratos de memória quanto de camadas de rocha”; memória, paisagem e arqueologia são as camadas que mais me ajudam a explicar minha pesquisa.

Apresentei nas seções deste artigo dois argumentos que a princípio podem parecer distintos. Primeiro problematizei os trabalhos de arqueologia que são executados no centro histórico da capital paraense, quase todos, senão todos, feitos de forma compulsória e principalmente sem a preocupação com o público, num reforço daquilo que Smith (2004) chama de patrimônio cultural autorizado. Mostrei que grandes transformações na paisagem contemporânea de Belém, que inauguraram novos espaços de cultura e preservação patrimonial, foram erigidos com a chancela de trabalhos arqueológicos, que muitas vezes servem também para validar a ideia da preservação do passado, implicando o afastamento do público. E que mesmo com o passar de décadas, não obstante as muitas discussões sobre a inclusão das pessoas em trabalhos arqueológicos, as pesquisas continuam fazendo o mínimo para construir esta interface. Na escavação do Sítio Sesc Ver-o-Peso, constricto dentro do casarão onde hoje funciona uma das unidades desta instituição, o Projeto de Arqueologia e Educação Patrimonial Sesc Boulevard buscou conciliar as demandas de um trabalho compulsório com a máxima inclusão de público possível, trazendo novas vozes para um trabalho de arqueologia.

Segui por fazer uma discussão sobre a paisagem, tratando-a como uma construção social, por uma perspectiva antropológica e arqueológica. Especificamente sobre a paisagem da capital paraense, usando mapas e plantas, além de outras imagens, busquei mostrar as alterações e algumas percepções que foram sendo construídas sobre a mais antiga capital amazônica e seu centro fundante. A paisagem foi analisada como construção social, em sua historicidade e como patrimônio. Neste ponto percebemos que uma mesma paisagem, se é que isso será algum dia possível, pode ser apropriada pelo Estado, que usa também a arqueologia e outras disciplinas como abalizadoras de seus discursos sobre o patrimônio, se distanciando das pessoas.

O caminho percorrido neste artigo produziu uma condução textual não somente sobre espaços e as percepções sobre eles, mas também sobre temporalidades. Articulando trabalhos arqueológicos feitos no tempo presente com uma espécie de exegese da mudança social da paisagem no Centro Histórico de Belém, procurei demonstrar que, embora a cidade tenha sofrido muitas transformações, há uma permanência sempre reafirmada: as alterações na paisagem de Belém, aquilo que é considerado histórico, bem como a própria concepção de patrimônio não se desapartam de operações de poder. Ao não priorizar a participação do público, das mais variadas formas possíveis, incluindo a divulgação científica, os trabalhos de arqueologia que continuam a ser realizados em Belém contribuem para um desconhecimento, apagamento, da paisagem do passado que influencia o presente, afastando a população das ideias de preservação do patrimônio histórico, tão caras à disciplina e tão importantes para o discurso do Estado.

A área urbana de Belém, especialmente o centro histórico tombado e seu arrabalde, é rica em patrimônio cultural e histórico. A compulsoriedade dos projetos arqueológicos e os cronogramas impositivos das obras de restauro e requalificação não são desculpas para a falta de interação e participação da população. É importante que os projetos arqueológicos sejam realizados de maneira a considerar a opinião e a participação da população, tornando o patrimônio cultural mais acessível e valorizado. Em conclusão, para tornar o patrimônio cultural arqueológico mais próximo das pessoas, é necessário que os projetos arqueológicos sejam realizados de maneira participativa, considerando a opinião e o interesse da população. Assim, é possível valorizar e preservar o patrimônio cultural de Belém de maneira acessível e significativa para todos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente às amigas Cristiane Martins, Tay Gama pela leitura da primeira versão deste texto, à Tallyta Araujo e ao Rafael Silva pela ajuda com os mapas. Um muito obrigado à Camille Castelo Branco por sua leitura, revisões e sugestões. Agradeço ainda à Daiana Travasso, minha amiga e orientadora, pelas preciosas revisões. Sou, contudo, o único responsável por este texto e o que ele expressa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO DA SILVA, T. S. *Paisagens do bem morrer: práticas mortuárias e cultura material no cemitério da Soledade (1850-1880)*. 2013. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- ARROYO-KALIN, M. Landscaping, landscape legacies, and landscape capital in Pre-Columbian Amazonia. In: ISENDAHL, C.; STUMP, D. (ed.). *The Oxford Handbook of Historical Ecology and Applied Archaeology*. Oxford (GB): Oxford University Press, 2016. p. 90-109.
- AZEVEDO, J. L. *Estudos de história paraense*. Rio de Janeiro: Typographia de Tavares Cardoso, 1893.
- AZEVEDO, J. L. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Rio de Janeiro: T. Cardoso & Irmão, 1901.
- AZULAI, L. C. D. O. *Percepções sobre cultura material e sítio histórico urbano na cidade de Belém-PA: o caso do museu da UFPA e sua coleção de arqueologia urbana*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- BAENA, A. L. M. *Compêndio das eras da província do Pará*. Belém: UFPA, 1969.
- BAENA, A. L. M. *Ensaio corográfico sobre a Província do Pará*. Brasília, DF: Senado Federal, 2004 [1885].
- BARATA, M. *Formação histórica do Pará: obras reunidas*. Belém: UFPA, 1973.
- BELÉM. Lei nº 7.709, de 18 de maio de 1994. Lei do Patrimônio Histórico. *Coletânea de Legislação Urbanística do Município de Belém*, Belém, 1994.
- BENDER, B.; HAMILTON, S.; TILLEY, C. *Stone worlds: narrative and reflexivity in Landscape Archaeology*. London (GB): Routledge, 2007.
- BEZERRA, M. Signifying heritage in Amazon: a Public Archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. *Chungara: Revista de Antropología Chilena*, v. 44, n. 3, p. 533-542, 2012.
- BEZERRA, M. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 7, p. 107-122, 2013.
- BEZERRA, M. At that edge: Archaeology, heritage education, and human rights in the Brazilian Amazon. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 19, n. 4, p. 822-831, 2015.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Portaria nº 54, de 8 de maio de 2012. Homologa o tombamento do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico dos bairros da Cidade Velha e Campina, no município de Belém, no estado do Pará. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1, p. 775, 30 nov. 2020.
- BRUMANN, C.; GFELLER, A. É. Cultural landscapes and the UNESCO World Heritage List: perpetuating European dominance. *International Journal of Heritage Studies*, v. 28, n. 2, p. 147-162, 2021.

- CABRAL, M. P.; SALDANHA, J. D. D. M. Um sítio, múltiplas interpretações; o caso do chamado “Stonehenge do Amapá”. *Arqueologia*, v. 22, n. 1, p. 115-123, 2009.
- CALDARELLI, S. B. Fatores causadores de impacto sobre bens arqueológicos na Amazônia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO PAN-AMAZÔNICO, 1., 2009, Belém. *Anais* [...]. Belém: UFPA, 2009. p. 36.
- CALDARELLI, S. B. Arqueologia preventiva: uma disciplina na confluência da arqueologia pública e da avaliação ambiental. *Habitus*, v. 13, n. 1, p. 5-29, 2015.
- CALDARELLI, S. B.; NEVES, W. A.; COSTA, F. A. Rescue archaeology in Brazilian Amazon: retrospect and perspectives: Archaeology and society: large scale rescue operations: their possibilities and problems. *ICAHM Report*, n. 1, p. 277-286, 1988.
- CAMPOS COSTA, S. *Porto, água e vida: paisagem, sensorialidades e transformações de uma Zona Portuária Amazônica (Cidade Velha, Belém, Pará)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.
- CASTANEDA, Q. *Notes on the work of heritage in the age of archaeological reproduction*. Destinatário: ANTHROPOLOGY, O. S. O. E. A. 2006.
- COSTA, D. M. Arqueologia histórica amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 154-174, 2017a.
- COSTA, D. M. Historical Archaeology in the Amazon: the Murutucu Sugar Cane Mill Field School project. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 21, n. 3, p. 674-689, 2017b.
- COSTA, D. M. Arqueologia histórica na região Norte do Brasil. In: SYMANSKI, L. C.; SOUZA, M. A. T. D. (ed.). *Arqueologia histórica brasileira*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. p. 493-514.
- CRUMLEY, C. L.; MARQUARDT, W. H. Landscape: a unifying concept in regional analysis. In: ALLEN, K. M. et al. (ed.). *Interpreting space: GIS and Archaeology*. London: Taylor and Francis, 1990. p. 73-79.
- CULTURAL, C. C. D. P. *Ata da 67ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural Nacional, IDPHEA*. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2011.
- DAI, T.; ZHENG, X.; YANG, J. A systematic review of studies at the intersection of urban climate and historical urban landscape. *Environmental Impact Assessment Review*, n. 97, p. 106894, 2022.
- DAVES, L. F.; FACCIO, N. B. Arqueologia da paisagem pelo viés geossistêmico: Sítio Arqueológico Piracanjuba, município de Piraju-SP. *Sociedade & Natureza*, v. 33, n. 0, p. 3-12, 2021.
- DEMJÁN, P. et al. Long time-series ecological niche modelling using archaeological settlement data: tracing the origins of present-day landscape. *Applied Geography*, v. 141, p. 102669, 2022.
- FERNANDES, G. C. B. *Janela pra que te quero? usos e desusos da arqueologia urbana na Praça do Carmo em Belém-PA*. Qualificação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- FERNANDES, G. C. B. *“Um buraco no meio da praça”: múltiplas percepções sobre um sítio arqueológico em contexto urbano amazônico: o caso de Belém, Pará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- FERNANDES, G. C. B. Cultura material e Arqueologia no contemporâneo: o caso da Capela Pombo em Belém/Pará/Amazônia. *Mosaico: Revista de História*, n. 12, p. 46-67, 2019.

- FERNANDES, G. C. B. *Arqueologia contemporânea e suas possibilidades: o caso da Capela Pombo em Belém-PA*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.
- FERREIRA, A. R. *Planta geral da cidade de Belém, 1791: ilustração em viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. 1791.
- FERREIRA, L. M. *et al. Multivocalidad y activaciones patrimoniales en Arqueología: perspectivas desde Sudamérica*. Buenos Aires: Fundación de História Natural Félix de Azara, 2014.
- FIGUEIREDO, C. A. R. O espaço urbano na Amazônia como campo de aplicação de forças diversas: a governança municipal e a participação popular no Centro Histórico de Belém. *Brasiliانا: Journal for Brazilian Studies*, v. 9, n. 2, p. 161-181, 2021a.
- FIGUEIREDO, C. A. R. PAC 2 Cidades Históricas e o plano de ação na requalificação da Praça do Carmo em Belém/PA: uma política pública com a participação popular? In: CONGRESSO PAN-AMAZÔNICO DE TURISMO, LAZER E PATRIMÔNIO, 1., 2021b, Belém. *Anais [...]*. Belém: Congresse-me, 2021b. p. 229.
- FIGUEIREDO, C. A. R. *A ação do PAC 2 Cidades Históricas e a governança municipal na Amazônia: o caso da Praça do Carmo em Belém, PA*. Doutorado (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022a.
- FIGUEIREDO, C. A. R. Arqueologia sensorial na Amazônia brasileira: percepções em um trajeto noturno à praça do Carmo, Centro Histórico de Belém. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 16, n. 1, p. 3-25, 2022b.
- FORTE, M. T. F.; SANJAD, T. A. B. C. Trajetória do pensamento preservacionista em Belém a partir dos tombamentos individuais e em conjunto. *PosFAUUSP*, v. 27, n. 50, p. 1-20, 2020.
- GARCÍA, C. G.; MARTÍNEZ, D. B.; BAPTISTA, B. V. *Patrimonio y multivocalidad: teoría, práctica y experiencias en torno a la construcción del conocimiento en patrimonio*. Montevideo (UY): Ediciones Universitarias, 2015.
- GNECCO, C. *Multivocalidad histórica: hacia una cartografía postcolonial de la Arqueología*. Bogota (CO): Universidad de los Andes, 1999.
- GNECCO, C. Discursos sobre el otro: pasos hacia una Arqueología de la alteridad étnica. *Revista CS*, n. 2, p. 101-129, 2008.
- GNECCO, C. Da arqueologia do passado à arqueologia do futuro: anotações sobre multiculturalismo e multivocidade. *Amazônica*, v. 2, n. 1, p. 92-103, 2010.
- GNECCO, C. Arqueología multicultural: notas intempestivas. *Complutum*, v. 23, n. 2, p. 93-102, 2013.
- GNECCO, C. Heritage in multicultural times. In: WATERTON, E.; WATSON, S. (ed.). *The Palgrave handbook of Contemporary Heritage Research*. London (GB): Palgrave MacMillan, 2015. p. 263-280.
- GNECCO, C. Development and disciplinary complicity: contract Archaeology in South America under the critical gaze. *Annual Review of Anthropology*, v. 47, n. 1, p. 279-293, 2018.
- GNECCO, C. A world full of adjectives: sustainable archaeology and soothing rhetoric. *Antiquity*, v. 93, n. 372, p. 1664-1665, 2019.
- GODINHO, E. D. S. P. *A invenção do centro histórico de Belém/PA*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, Belém, 2019a.

- GODINHO, E. D. S. P. O centro histórico de Belém-PA: uma política da estética? In: SILVA, L. D. J. D.; MIRANDA, C. S. (ed.). *Olhares sensíveis ao Centro Histórico de Belém: vivências e temporalidades*. Belém: NAEA, 2019b.
- GOMES, N. *Arqueologia e cultura material: uma história contada em cacos de vidros e louças da Vila de Santo Antônio (Porto Velho-RO)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- GOMES, N. Pode um paraense dar-se a surpresas sensoriais visitando o Ver-o-Peso? sobre uma incursão não usual ao campo. *Caderno 4 Campos*, v. 1, n. 1, p. 21-24, 2018a.
- GOMES, N. *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial: anexo II do Sesc Boulevard*. Belém: Sesc-PA, 2018b. Projeto de Pesquisa.
- GOMES, N. Archaeological work and public perception the experience of archaeological excavation in the historic city centre of the oldest capital in the Brazilian Amazon. In: ALMANSA-SÁNCHEZ, J.; MUNIZ, T. S. A. (ed.). *M(C)AGA: a photo-essay on Latin American approaches to contemporary archaeology*. Madrid: Asociación para la Investigación y la Difusión de la Arqueología Pública, 2020. p. 148-158.
- GOMES, N. Arqueologia, etnografia e multivocalidades: percepções sobre o patrimônio arqueológico em uma escavação no Centro Histórico de Belém. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 18, n. 1, p. 1-15, 2023.
- GOMES, N.; COSTA, D. F. D.; SÓSTENES, S. *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial: anexo II do Sesc Boulevard*. Belém: Sesc-PA, 2019. Relatório Preliminar.
- GOMES, N.; LOPES, R. C. D. S. Cacareco de índio e artefato arqueológico: conversas entre arqueólogos e a família Souza no Sítio Cedro, Santarém, Pará. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 5, n. 1, p. 20-31, 2012a.
- GOMES, N.; LOPES, R. C. D. S. Os co-trabalhadores do Cedro: uma possibilidade de Arqueologia Pública. In: SCHAAN, D. P. (ed.). *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*. Belém: GKNoronha, 2012b. p. 73-92.
- GOMES, N. et al. *Projeto de pesquisa arqueológica e educação patrimonial: anexo II do Sesc Boulevard*. Belém: Sesc-PA, 2022. Relatório Final de Análise.
- GUAPINDAIA, V.; MARQUES, F. L. T.; MAGALHÃES, M. P. *Resgate arqueológico da Igreja de N. S. do Rosário dos Homens Brancos, em Belém, Pará*. Belém: Fumbel, 1996.
- HERNANDO, A. Arqueología y globalización: el problema de la defilnición del otro en la Postmodernidad. *Complutum*, n. 17, p. 221-234, 2006.
- HERNANDO, A. ¿Por qué la arqueología oculta la importancia de la comunidad? *Trabajos de Prehistoria*, v. 72, n. 1, p. 22-40, 2015.
- HODDER, I. *Reading the past: current approaches to interpretation in Archaeology*. Cambridge (US): Cambridge University Press, 1986.
- HODDER, I. *Interpreting Archaeology: finding meaning in the past*. London (GB): Routledge, 1995.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Termo de embargo, processo IPHAN nº 01492.000345/2021-74. FISCALIZAÇÃO, D. D. P. M. E. Belém: IPHAN: 2 p. 2021.

- IPHAN embarga obra no cemitério da Soledade. *Pará Web News*, Belém, 22 set. 2021a. Disponível em: <https://parawebnews.com/iphan-embarga-obra-no-cemiterio-da-soledade/>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- IPHAN impede obras no Cemitério Soledade. *Belém City*, Belém, 23 set. 2021b. Disponível em: <https://belemcity.com.br/para/23/09/2021/iphan-impede-obras-no-cemiterio-soledade/>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- KELLY, P. *et al.* “Si la arqueología no me sirve para entender lo que pasa en mi país ahora, de verdad no vale la pena”: entrevista a Luis Guillermo Lumbreras. *Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología*, n. 49, p. 37-52, 2019.
- KERN, A. A. *Intervenção arqueológica na Igreja do Rosário dos Homens Brancos, Largo do Carmo, Belém-Pará: relatório de assessoria em arqueologia histórica*. Belém: Fumbel, 1996.
- KING, T. *Indians on vacation*. Toronto (CA): Harper Collins, 2020.
- LEONE, M. P. *et al.* Toward a critical archaeology: and comments and reply. *Current Anthropology*, v. 28, n. 3, p. 283-302, 1987.
- LEONE, M. P. *et al.* The Archaeology of liberty in an American capital: excavations in Annapolis. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 18, n. 1, p. x-x, 2008.
- LOPES, P. R. D. C.; FONSECA JÚNIOR, A. D. F. J.; MENDES, K. L. M. *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade, Belém/Pará*. Processo IPHAN n. 01492.000345/2021-74. Belém: Secult-PA, 2021. Projeto de Pesquisa.
- LOPES, P. R. D. C.; FONSECA JÚNIOR, A. D. F. J.; MENDES, K. L. M. *Acompanhamento arqueológico, Cemitério da Soledade*. Belém: Secult-PA, 2022a. Relatório Parcial.
- LOPES, P. R. D. C.; FONSECA JÚNIOR, A. D. F. J.; MENDES, K. L. M. *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade, Belém/Pará*. Belém: Secult-PA, 2022b. Relatório de Educação Patrimonial.
- LOPES, P. R. D. C.; FONSECA JÚNIOR, A. D. F. J.; MENDES, K. L. M. *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade, Belém/Pará*. Belém: Secult-PA, 2022c. Relatório de Escavação.
- LOPES, P. R. D. C.; FONSECA JÚNIOR, A. D. F. J.; MENDES, K. L. M. *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade, Belém/Pará*. Belém: Secult-PA, 2022d. Relatório de Prospecção.
- LOPES, R. C. D. S. “Indigtado estrupício”: Arqueologia e significados acerca do muro do Forte do Presépio (Belém, Pará). *Amazônica*, v. 3, n. 2, p. 370-390, 2011.
- LOPES, R. C. D. S. “O melhor sítio da terra”: colégio e igreja dos jesuítas e a paisagem de Belém do Grão-Pará: um estudo de arqueologia da arquitetura. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- LOPES, R. C. D. S.; GOMES, R. N. D. C. De roça a sítio: o saber local e pesquisas arqueológicas. In: CONGRESSO PAN-AMAZÔNICO, 1.; ENCONTRO DA REGIÃO NORTE DE HISTÓRIA ORAL, 7., 2012, Belém. *Anais [...]*. Belém: Açai, 2012.
- MARQUES, F. L. T. *Proposta de ampliação de prospecção arqueológica na área do Cais de Belém, Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1999a. Relatório Preliminar.
- MARQUES, F. L. T. *Proposta de ampliação de prospecção arqueológica na área do Cais de Belém, Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1999b. Relatório Inédito.

- MARQUES, F. L. T. *Pesquisa arqueológica na área do Forte do Castelo, em Belém, PA: monitoramento arqueológico*. Belém: MPEG; Secult-PA, 2003.
- MARQUES, F. L. T. Prospecção arqueológica no Palácio Episcopal de Belém. In: ESTADO, S. E. D. C. D. (ed.). *Feliz Lusitânia/Museu de Arte Sacra*. Belém: Secult-PA, 2005. v. 3, p. 1-308.
- MARQUES, F. L. T. Investigação arqueológica na Feliz Lusitânia. In: ESTADO, S. E. D. C. D. (ed.). *Feliz Lusitânia/Forte do Presépio: Casa das Onze Janelas: Casario da Rua Padre Champanhat*. Belém: Secult-PA, 2006. v. 4, p. 147-187.
- MARQUES, F. L. T. Um sítio indígena sob a Feliz Lusitânia: descobertas recentes em Arqueologia Urbana em Belém do Pará. In: SIMONIAN, L. T. L. (ed.). *Belém do Pará: história, cultura e sociedade*. Belém: Editora UFPA, 2010. v. 1, p. 49-58.
- MEGGERS, B. The Archaeology of the Amazon Basin. *Handbook of South American Indians*, v. 143, n. 3, p. 149-166, 1948.
- MEIRA FILHO, A. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará: fundação e história, 1616-1823*. Belém: M2P Arquitetura e Engenharia, 2015.
- MUNIZ, T. S. A.; GOMES, D. M. C. Identidades materializadas na Amazônia Colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio Aldeia, Santarém, PA. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 11, n. 2, p. 52-76, 2017.
- NEVES, E. G. O lugar dos lugares: escala e intensidade das modificações paisagísticas na Amazônia central pré-colonial em comparação com a Amazônia contemporânea. *Ciência & Ambiente*, n. 31, p. 79-91, 2005.
- NEVES, E. G. El formativo que nunca terminó: la larga historia de estabilidad en las ocupaciones humanas de la Amazonía central. *Boletín de Arqueología PUCP*, n. 11, p. 117-142, 2007.
- NEVES, E. G. Ecology, ceramic chronology and distribution, long-term history, and political change in the Amazonian floodplain. In: SILVERMANN, H.; ISBELL, W. (ed.). *Handbook of South American Archaeology*. New York (US): Springer, 2008. p. 359-379.
- OKAMURA, K.; MATSUDA, A. *New perspectives in Global Public Archaeology*. New York (US): Springer, 2011.
- OLIVEIRA, B. A. M. *Paisagem, patrimônio e arte: o projeto Rota Urbana pela Arte no Centro Histórico em Belém-PA*. Monografia (Especialização em Planejamento e Gestão Pública do Patrimônio Cultural) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- OLIVEIRA MARTINS, I. F. *Arqueologia e etnicidade na Amazônia Oriental: o caso do Engenho Murutucu em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- ONYANGO, D. O.; OPIYO, S. B. Detection of historical landscape changes in Lake Victoria Basin, Kenya, using remote sensing multi-spectral indices. *Watershed Ecology and the Environment*, v. 4, p. 1-11, 2022.
- PLANTA geométrica da cidade de Belém do Gram Pará. Mapa ms, aquarelado, 47 x 68cm em f.51 x 72,45. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1753.
- QUINTERO-ANGEL, M.; COLES, A.; DUQUE-NIVIA, A. A. A historical perspective of landscape appropriation and land use transitions in the Colombian South Pacific. *Ecological Economics*, v. 181, p. 106901, 2021.
- RIBEIRO, B. G. Perspectivas etnológicas para arqueólogos (1957-1988). *BIB*, n. 29, p. 17-77, 1990.

- ROOSEVELT, A. C. The development of prehistoric complex societies: Amazonia: a tropical forest. In: BACUS, E. A.; LECERO, L. J. (ed.). *Complex policies in the ancient tropical world*. Washington, DC (US): American Anthropological Association, 1999. p. 13-33.
- SAN-ANTONIO-GÓMEZ, C.; VELILLA, C.; MANZANO-AGUGLIARO, F. Urban and landscape changes through historical maps: the Real Sitio of Aranjuez (1775–2005), a case study. *Computers, Environment and Urban Systems*, v. 44, p. 47-58, 2014.
- SAUER, C. O. The morphology of landscape (1925). In: LEIGHLY, J. (ed.). *Land and life: a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkley (US): University of California Press, 1969. p. 315-350.
- SCHAAN, D. P. Reflexões de uma arqueóloga e mulher na Amazônia. In: DOMÍNGUEZ, L. et al. (ed.). *Desafios da Arqueologia: depoimentos*. Erechim: Habilis, 2009. p. 89-99.
- SCHAAN, D. P. Long-term human induced impacts on Marajó Island landscapes, Amazon Estuary. *Diversity*, v. 2, n. 2, p. 182-206, 2010.
- SCHAMA, S. *Landscape and memory*. New York (US): A.A. Knopf, 1995.
- SEABRA, A. C. D. S. *Projeto arqueológico para as obras de requalificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA*. Processo IPHAN n. 01492.000147/2019-96. Belém: IPHAN, 2020a. Relatório Parcial.
- SEABRA, A. C. D. S. *Projeto arqueológico para obras de qualificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA*. Processo IPHAN n. 01492.000147/2019-96. Belém: IPHAN, 2020b. Projeto de Pesquisa.
- SEABRA, A. C. D. S. Projeto de acompanhamento arqueológico e arqueologia pública nas obras de reforma e restauro do Solar da Beira. Processo IPHAN n. 01492.000319/2019-21. Belém: IPHAN, 2020c. Relatório Final.
- SILVA, A. B. C. D. *Programa de acompanhamento arqueológico Belém Porto Futuro: Inside Consultoria Científica Ltda*. Processo IPHAN n. 01492.000016/2018-28 Belém: IPHAN, 2018. Projeto de Acompanhamento Arqueológico.
- SILVA, A. B. C. D. *Programa de acompanhamento arqueológico Belém Porto Futuro: Inside Consultoria Científica Ltda*, Processo IPHAN n. 01492.000016/2018-28. Belém: IPHAN, 2019. Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Relatório Laboratorial.
- SILVA, R. C. E. *Mudanças cartográficas da área que hoje convencionamos chamar Centro Histórico de Belém: mapa criado para comparar as mudanças cartográficas do Centro Histórico de Belém, a partir de quatro diferentes cartografias: uma de 1640, outra de 1753, uma de 1791 e finalmente o mapa moderno tendo destacado o conjunto tomabado dos bairros da Cidade Velha e Campina, assim como seu entorno*. 2023.
- SMITH, L. *Archaeological theory and the politics of cultural heritage*. London (GB): Routledge, 2004.
- SMITH, L. *Uses of heritage*. London (Reino Unido): Routledge, 2006.
- SMITH, L. El “espejo patrimonial”: ¿ilusión narcisista o reflexiones múltiples? *Antipoda: Revista de Antropología y Arqueología*, n. 12, p. 39-63, 2011.
- SMITH, L.; SHACKEL, P. A.; CAMPBELL, G. *Heritage, labour, and the working classes*. London (GB): Routledge, 2011.
- SMITH, L.; WATERTON, E.; WATSON, S. *The cultural moment in tourism*. London (GB): Routledge, 2012.

- SOUZA, A. C. Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. *Habitus*, v. 3, n. 1, p. 291-300, 2005.
- SYMANSKI, L. C. P.; GOMES, D. M. C. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, n. 20, p. 53-90, 2012.
- TEEKENING van de Stat en de fort van Grand Para. The Hague: National Archives of the Netherlands: Groot 0.35 – 30.47 El. Manuscript Gefacsimileerd in Grote Atlas van de West-Indische Compagnie deel I p. 175 p. 1584/1865.
- TILLEY, C. *A phenomenology of landscape: places, paths, and monuments*. Oxford (GB): Berghahn, 1994.
- TILLEY, C. Introduction: identity, place, landscape and heritage. *Journal of Material Culture*, v. 11, n. 1-2, p. 7-32, 2006.
- TILLEY, C. Walking the past in the present. In: ARNASON, A. *et al.* (ed.). *Landscapes beyond land: routes, aesthetics, narratives*. Oxford (GB): Berghahn, 2012. v. 19, p. 15-32.
- TILLEY, C. *Interpreting landscapes: geologies, topographies, identities; explorations in landscape phenomenology*. London (GB): Routledge, 2016. v. 3.
- TILLEY, C. *London's urban landscape*. London (GB): UCL Press, 2019.
- TILLEY, C. *The materiality of stone: explorations in landscape phenomenology*. London (Reino Unido): Routledge, 2020.
- TILLEY, C.; CAMERON-DAUM, K. *An Anthropology of landscape*. London (GB): UCL Press, 2017a.
- TILLEY, C.; CAMERON-DAUM, K. The anthropology of landscape materiality, embodiment, contestation and emotion. In: TILLEY, C.; CAMERON-DAUM, K. *An Anthropology of landscape*. London (GB): UCL Press, 2017b. p. 1-22.
- VAN LANEN, R. J.; VAN BEEK, R.; KOSIAN, M. C. A different view on (world) heritage: the need for multi-perspective data analyses in historical landscape studies: the example of Schokland (NL). *Journal of Cultural Heritage*, n. 53, p. 190-205, 2022.
- WOODCOCK, B. A. *et al.* Historical, local and landscape factors determine the success of grassland restoration for arthropods. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, v. 308, p. 107-271, 2021.

## Artigo III The Material Culture of the Urban Site Sesc Ver-o-Peso, in Belém, at the Amazon: Possibilities of Analyses

O Artigo foi submetido ao Global Journal of HUMAN-SOCIAL SCIENCE: D History, Archaeology & Anthropology e foi publicado dia 26/10 no Volume 23 Número 5.



GLOBAL JOURNAL OF HUMAN-SOCIAL SCIENCE: D  
HISTORY, ARCHAEOLOGY & ANTHROPOLOGY  
Volume 23 Issue 5 Version 1.0 Year 2023  
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal  
Publisher: Global Journals  
Online ISSN: 2249-460X & Print ISSN: 0975-587X

## The Material Culture of the Urban Site Sesc Ver-o-Peso, in Belém, at the Amazon: Possibilities of Analyses

By Ney Gomes

*Abstract-* Starting from the material culture excavated at the Sesc Ver-o-Peso site in the historic center of Belém do Pará, I propose to analyze the archaeological remains from their attributes and combine this analysis with other possibilities of perceiving the digger materials. Fragments and pieces of stoneware, glass, metal, and other materials were analyzed based on pre-defined common attributes of historical archaeology. Still, the results of the analyses were discussed and problematized based on a broader understanding of the meanings of material culture and its impacts on people. In addition to the already familiar information regarding chronologies and habits of use of glassware and other domestic material cultures, reflecting from researchers such as Latour, for whom the object is an active actor in building society, it was possible to problematize the historical archaeology of Belém unprecedentedly. One of the conclusions expressed is that in addition to serving to tell stories that may have passed unobserved by the documents of times, material culture is also a reflection of society, actively building social life<sup>1</sup>.

*Keywords:* material culture, historical archaeology, historic city centre of belém, amazonian archaeology.

*GJHSS-D Classification:* FOR Code: 2101



Strictly as per the compliance and regulations of:



© 2023. Ney Gomes. This research/review article is distributed under the terms of the Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). You must give appropriate credit to authors and reference this article if parts of the article are reproduced in any manner. Applicable licensing terms are at <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.

# The Material Culture of the Urban Site Sesc Ver-O-Peso, in Belém, at the Amazon: Possibilities of Analyses

Ney Gomes

**Abstract-** Starting from the material culture excavated at the Sesc Ver-o-Peso site in the historic center of Belém do Pará, I propose to analyze the archaeological remains from their attributes and combine this analysis with other possibilities of perceiving the digger materials. Fragments and pieces of stoneware, glass, metal, and other materials were analyzed based on pre-defined common attributes of historical archaeology. Still, the results of the analyses were discussed and problematized based on a broader understanding of the meanings of material culture and its impacts on people. In addition to the already familiar information regarding chronologies and habits of use of glassware and other domestic material cultures, reflecting from researchers such as Latour, for whom the object is an active actor in building society, it was possible to problematize the historical archaeology of Belém unprecedentedly. One of the conclusions expressed is that in addition to serving to tell stories that may have passed unobserved by the documents of times, material culture is also a reflection of society, actively building social life<sup>1</sup>.

**Keywords:** material culture, historical archaeology, historic city centre of belém, amazonian archaeology.

## I. ONCE UPON A TIME

You remember when I showed you my Exum, a Stone, and you asked where I had arranged this stone? Why wasn't it a rock? Was it an artifact? So, it is because you were able to read the inscription; you were able to read the stone as an inscription. For Derrida, there is nothing outside the text because everything is a text that can be read. So, what is the material culture, the bottles, the sticks, and all the remains you have excavated? All these are inscriptions; it is a written type; everything produced and exists is written (...). (Excerpt from a conversation with Ana Emília da Luz Lobato, Derrida's scholar, after I asked for help to understand the arguments of the text "Jacques Derrida: 'There is nothing outside of the text,'" the 5th chapter of Reading Material Culture, one of the references I am using to write this article).

One day, not remembered exactly by any of the characters in the passage quoted above, Ana Emilia and I were talking, and, in the middle of the chat, she showed me a small stone that had been collected near a watercourse. According to her, the

*Author:* Ph.D, at PPGA-UFGA, Anthropologist and Archaeologist.  
e-mail: ney.gomes@gmail.com

<sup>1</sup> This article is part of my doctoral research. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88882.461690/2019-01 and the funding from Sesc Pará for the excavations and analyses of archaeological material.

stone had been enchanted to be Exum within her religiosity. I looked at the rock and noticed traces of a shard. I asked her to talk more about the object and to let me have it in hand. Even though it was not my area of expertise, it was an archaeological artifact, a shard instrument found at random by Ana. We spent minutes arguing about meanings: she asked me to conceptualize an artifact, what I was calling material culture; then she was overjoyed that her Exum was also an artifact, and that conversation was over.

These anecdotal excerpts serve me to enter a part of archaeology that I often find arid: the analysis of the material culture excavated at an archaeological site. The discomfort comes from a fetish for the object that usually affects those who work as archaeologists. I cannot say that I am immune to such a fetish. Still, I agree with Latour (2012) in his argument that by considering objects as active and interconnected social actors, it is possible to overcome the idea of "fetish" as something irrational or deviant. More than that, it is possible to recognize objects' complex and multifaceted role in constructing culture, knowledge, and social interactions.

Material culture helps me to perceive relationships between people: buying, selling, exchanging, and gifting; I need to see women, men, older adults, children, and many others in the material I am excavating. Objects need to tell histories and stories. As aesthetically striking as the material is, if I do not see people, my interest in them tends to stay strong; it is always more challenging to give importance to Tableware in various forms and for many uses. Analogous to Ingold (2012), I consider that the lives of things usually extend along not one but multiple lines, entangled in the center but abandoning numerous "loose ends."

When we look at most of the analyses of material culture coming from historical archaeological sites in the Amazon, we find that more published research still needs to be published. Most of the studies are linked to compulsory excavations, which tend to have their contents restricted to reports. Almost always, the analysis of traces is limited to their constitutive attributes (Gomes, 2013; Marques, 2003, 2006; Marques, 2008; Martins, 2013; Silva, 2018, 2019; Zanettini et al., 2002a, 2002b) sometimes it also extends to the provenance of the objects, their uses and inferences about social stratification and customs of the

people who manipulated the pieces (Seabra, 2020a, 2020b, 2020c).

Some works diverge and go beyond, such as those made in Santarém in Pará by Symanski and Gomes (2012), Muniz and Gomes (2017) and Muniz (2019); in them, the authors used material culture to also discuss miscegenation social segregation, identity, and the presence of enslaved Africans, from the analysis of the historical material culture excavated at the Aldeia site, in the historic center of that city. I also note the comments on the materials mined in various campaigns at the archaeological site Engenho do Murutucu in Belém (Costa, 2017, 2022). With material from the excavations at Murutucu, Costa (2018), from the analysis of clay pipes, presented an archaeological study of slavery in the sugar mills of the Colonial Amazon. Cavalcante (2017), investigating bottles and other fragments that could refer to the storage of beverages, discusses the consumption of alcoholic drinks in the area.

In the works cited above, even those that were developed academically, we can say that the analysis of material culture was eminently "archaeological." I do not make the statement as a scathing criticism. Instead, I recognize its importance and share the same understandings shared by many of the colleagues mentioned. However, I propose, in addition to the necessary archaeological analysis, other reflections that material culture/objects can offer us.

Hodder (2004), in the introduction of *The Meanings of Things: Material Culture and Symbolic Expression*, explains that giving cohesion/coherence to many ways of perceiving material culture and its many methods of study would be a task made possible only by using "power." It is not my intention to point out gaps in previous studies or to propose a single perception about material culture in Amazonian historical archaeology, but to do an exercise following what Tilley says about the paradigm of archaeology having changed with the conception of material culture – as a system of signification in which the external physical attributes of artifacts and their relations are not considered as exhausting their meaning (Tilley, 2004, p. 185). For the reflections that I will propose, I mobilized several authors from the field of archaeology/anthropology (Hodder, 2004; Tilley, 1991; Tilley et al., 2006), as well as theories from Latour (1994, 1995, 2012) Pierre Bourdieu (1979, 1987) and other "non-archaeologists."

According to Latour (2012), objects lend themselves well as an instrument of inquiry because they are saturated with a wide range of meanings and can stage a multitude of controversies. Latour also highlights the importance of objects and their agency in the construction of social realities, as well as the complexity of the relationships between humans and material culture, approaching the latter as an active,

historic, and significant element in social life rather than simply being passively shaped by it (Latour, 1994, 1995, 2012).

Another reference to the reflections of this paper comes from Miller (1991, 2007, 2008, 2010), who deals with the meaning and role of material objects and goods in people's daily lives and the relationship of people with such objects, as well as consumption and material culture – sometimes thought in terms of power and construction of processes of domination, in the terms proposed by the French sociologist Pierre Bourdieu (1979, 1987). In Bourdieu's terms, society is constituted in conflict and diversity. This last condition allows the emergence of specific ways of seeing the world, which respect the dominant one in several senses. Thus, to use Bourdieu's categories, I interpret the excavated material as vestiges of a society constituted in *Locus*, where they cultivate *Habitus* Distinct. In this perspective, the notions of beauty, good taste, and contemplation that can incense the excavated material are social constructions from which social agents shape their ways of acting.

The material culture I will deal with here was excavated in 2019 during the archaeological research on a property in the "Ver-o-Peso Architectural, Urban and Landscape Complex." Today's site comprises the cultural center Sesc Ver-o-Peso, in Belém, at Boulevard Castilho França nº 768. In this article, I will present the material culture excavated at the Sesc Ver-o-Peso Site, part of a more extensive study that makes up parts of my doctoral reflections (Gomes, 2023a, 2023b).

This article aims to present the material culture excavated at the site described above, from its archaeological analysis, and to discuss inferences arising from reflections from other aspects of the research, always seeking to bring people closer to material culture to tell stories and history. I will show the diversity of objects demonstrating the potential of this materiality to understand various issues such as consumption, social relations, and even the active role that these materials can have in the construction of society.

## II. BETWEEN OBJECTS, PEOPLE, AND METHODS

During the archaeological research at the Sesc Ver-o-Peso Site, throughout the excavations, and the visits of students, researchers, and even the inspection visit of fellow archaeologists of IPHAN<sup>2</sup>, conceptions about the social value of the objects came into dispute, the material culture was being unearthed. Its insertion and intersection between past and present gained body in my observations.

<sup>2</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brazilian Institute of National Historical and Artistic Heritage).

THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

For the collaborators who worked with me, at first, the excavated material was perceived as useless and irrelevant, and the excavations and their methods were strange and even unnecessary, even if sometimes some material aroused their attention and curiosity, generating speculation about its monetary value (Gomes, 2023). It was also possible to perceive issues related to social power since it was an excavation conducted in the historic center of Belém, in work previously embargoed by IPHAN, within the area listed by-laws for the protection of historical and archaeological heritage, in which the right to inheritance and city was unequally distributed (Gomes, 2023b).

It was in this context that the data supporting this article were acquired. The Sesc Ver-o-Peso Site

consisted of a ruined mansion that, for methodological purposes, was divided into four areas (Figure 1), area 4, where the structure of garbage deposits was found (Figure 2), the last to be investigated. In areas 1, 2 and 3, wall-to-wall trenches were dug parallel to Boulevard Castilho França, and three sampling units of 1 square meter each. In all the open units, traces of human action were found, and part of these objects were collected (plastics and other non-identifiable fractions were discarded, as well as construction materials that could be seen in the structure that would remain standing after the readjustment). Most material culture rescued came from area 4, structure 1 – garbage deposits.

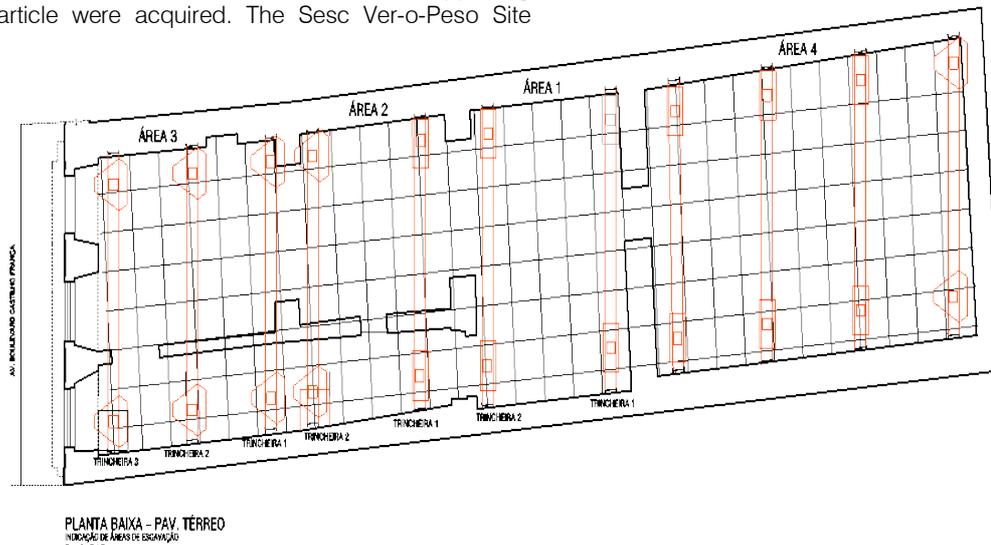


Fig. 1: Plan of the excavated area with the proposed divisions.



Fig. 2: Garbage deposits excavated in area 4.

Looking at the plan of the excavation above, a cold and depersonalized image, it is impossible to imagine the fruition of the bodies that participated in that work. This, however, was continuous and not free of disputes for discursive and methodological legitimation. As detailed in other writings (Gomes, 2023a, 2023b),

construction workers helped me excavate this area. Everyone wants to use pickaxes and machines to finish "my" job in a week. There were many signs of disbelief when I divided the property into areas (Figure 3) and instructed them on how we would work.

## THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES



Fig. 3: Scrutinizing of the site to record the excavated areas

Digging differs from the building. The techniques used, the tools, and even the arrangement of our bodies during archaeological research, even if similar in some measures, need to be quieted. Reliving now moments of the excavation, I recall how body techniques are as much part of the repertoire of the archaeologist researcher, which need to be passed on to collaborators, as well as the manufacture and uses that people made of the excavated objects. In this sense, it is worth reflecting on what Mauss proposes when he says that there is no natural behavior concerning the body and that conversion into a social subject implies specific body learning. The author infers that it is also the task of the anthropologist to analyze [...] how men, from society to society, in a traditional way, know how to use their bodies (Mauss, 2003, p. 401).

The excavation conditions at the Sesc Ver-o-Peso site, concerning the disposition of materials in the soil and the stratigraphic/archaeological record, did not differ much from other research already carried out in the historic center of Belém (Lopes et al., 2022a, 2022b; Marques, 1999, 2003, 2005, 2006, 2009; Seabra, 2020a, 2020c). Returning specifically to the material culture excavated during the works, in Table 1, I present the quantitative that was curated in the later section. Still, I add that the fragments in Tableware figures are more significant among the items collected, followed by glass, metals, stoneware, construction materials, plastics, etc.

To the archaeologically analyze, all the material culture collected, during the excavation, was submitted to standard curation activities (such as cleaning, numbering, collage, and classification of the remains based on their typology). The sanitization of the pieces played a key role, as they needed to be clean and stabilized for analysis and legible numbering. For this numbering, essential in the subsequent registration in a guard institution, black fine-tipped pens were adopted in pottery, ceramics, stoneware, and milky transparent/white glasses (Figure 4). White Nankin paint was used in

the dark glasses, accompanied by a mosquito feather, enamel base, cotton, and acetone. As for the metals and tiles, the numbering was carried out separately through labels tied around each piece with a string. More minor traces or without adequate space for marking (for example, handles, fragments with internal and external decoration) were placed inside zip bags, with an adhesive label identifying its number.

This interpretive movement of cataloging the excavated materials is not done without following curation procedures described in manuals, within the best practices of curatorship and conservation, all with a particular disciplinary "accent." As can be seen, Ana Emilia, at the beginning of this text, appropriated an object – spiritually and cosmologically – the practice of organizing, recording, and cataloging the material culture carried out by Archaeology is not the only one. However, given the scientific character of incense, this method has been asserting itself as hegemonic throughout history. I was aware of the insertion of archaeology in a framework of power, and I performed the procedures described in the sequence.

Regarding the archaeological analysis of the materials, I will present the data in infographics for this article, with more attention to ceramics and glass for their numerical representativeness. However, it offers all the typologies found. The criteria used to analyze material culture considered its typologies and specific characteristics.

## THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES



Fig. 4: Material culture of the Sesc Ver-o-Peso site in the curatorship, numbering, and analysis phase.

Concerning Tableware, or historical ceramics, after the cleaning and numbering, there was special attention to the possibility of reassembling pieces and thus proceeding to the analysis from the identification of their main differentiating attributes. The variety of shapes and different modes of production make ceramic tableware present a wide range of characteristics. Among the many fragments of Tableware and even whole objects, we can divide this material culture into two types: porous and absorbent (such as refractory Tableware, Tableware, stone, or granite powder Tableware) and the non-porous – non-absorbent (glazed Tableware, stoneware, and porcelain) (Tocchetto et al., 2001). The basis of the analysis form was the scripts of Costa (2010a, 2010b).

For the analysis of the glasses (See: Castro, 2009; Zanettini & Camargo, 1999), the following were observed: color, morphology, production technique, types of lip, base, neck, ring, and body (mainly for the bottles), engraving (identification of the manufacturer or other information about the object), mark (some mark of use, decomposition, breakage and any other relevant type) and observations of some vital characteristic about that fragment and piece (Cavalcante, 2017; Fike, 2006; Rosa, 2019).

For the metals, the analysis was made from the format of how they presented themselves. The coins' year of manufacture, values, and symbols printed on them were identified. As for the cutlery, its characteristics and its state of conservation were observed. Concerning the traces of collected construction materials, such as tiles and tablets, the composition of the ceramic product (or paste) was considered in the case of the former, and for both, the manufacturing material, forming technique, coloring, and decoration technique.

The criteria described above, and even all the manipulation of the objects that this section deals with, are part of the repertoire used by many archaeologists (Castro, 2009; Schávelzon, 1998; Sironi, 2010), including this author, to give meaning to the material culture excavated: arbitrarily, we first remove the objects of human action, and only then seek the relations that permeate them.

### III. TABLEWARE, BOTTLES, AND OTHER OBJECTS: THE MATERIAL CULTURE OF THE SESC VER-O-PESO SITE ARCHAEOLOGICALLY PRESENTED

In my field diary of January 10, 2019, I recorded:

The Area I completed yesterday it has been scrutinized and photographed. The separated materials are being washed away when the rain does not allow it to be excavated. In area II, trench one was split in two. Portion A was completed, and we found a tiled floor in Portion B.

I begin this section, where I intend to show the results of the analysis of the material culture excavated at the site, with the excerpt above because the description is like a representation, necessary to fill in the mandatory reports, but that does not tell stories: perhaps a part of the history, of my relationship with the excavation, and with the people who worked with me, of the beginning and end of it. One of the remarkable results of this work was undoubtedly to bring together

the people who collaborated with me in the archaeological process. I have addressed this aspect in other articles (Gomes, 2020, 2023a, 2023b). Still, I think it is pertinent to go back to it here and make a *Mea culpa* since the people who participated in the excavation, unfortunately, did not have access to the material when it was being analyzed – and many will probably no longer have any contact with them, in a script already familiar in archaeological works.

Following in part the model proposed by Costa (2010b), 569 remains were analyzed, but more than 1000 fragments and distinct pieces were excavated. Here, it is worth saying that the total number of objects does not necessarily correspond to the total of material analyzed (Table 1). This was because, during the curatorship, all the reassembled fragments began to receive the same numbering so that the same object could be constituted by well more than 20 or 30 fragments.

Table 1: Quantitative of material analyzed.

Material type	Typology	Quantity
Tableware	Whole and reassembled fragments and/or parts	247
Glass	Whole or broken bottles	143
	Cup base	2
	Neck	2
	Bottles	21
	Marbles	6
	Plate	1
	Cups	7
	Miscellaneous glass fragments	17
Metal	Rings	6
	Unidentified metal fragment	1
	Cutlery	7
	Coin	33
Stoneware	Fragments of Bottles and Whole Bottles	26
Construction materials	Tile	18
	Tiles	5
Plastic	Toothbrushes	9
	Plastic buttons	9
Ceramics	Miscellaneous fragments	8
Bone	Half-button fragment	1
Total material Analyzed		569

#### a) Tableware

In this category were the Tableware and their derivations, the objects made of stoneware. The analysis results concerning its attributes and characterizations are summarized in Infographics 1 and 2 below. In the case of pottery, the analysis began during the identification, separation, and dry-cleaning process to remove residues that hindered the visualization of their folder or decoration or could represent an obstacle to future reassembly. All

fragments received a code and were classified based on their shape, paste composition, enamel, decoration technique, decorative style, decorative motif, color, morphology, presence or absence of stamps, marks of use, and observations on the fragment. The infographics below condense the information that will be discussed later. There was the cleaning, cataloging, and analysis of 415 pieces in Tableware, accounted for individually, not considering the reassembly. For methodological and didactic purposes, for the

## THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

preparation of the infographics, the reassemblies were considered as single pieces (so the amount of Tableware in Table 1 is 247).

Regarding the Paste, more than 80% of the sample is of fine Faience. About the enamel, the type of Blue – Pearlware represents the overwhelming majority. Decoration techniques varied widely, but the predominant ones were Transfer Printed, Hand Painted, Modified, Stamped Surface, Blue Blur, and Decal. With the decorative styles used in the pottery, the most found were White and Ble, Oriental, Simple, Vinous, White Ware, and Industrial Production. Concerning the colors,

Blue was dominant, but we can say that all combinations of these were also observed.

We observed 41 variations and combined decorative motifs, among which the highest incidence were the flower and leaf/ornamental floral motifs, flowers and leaves motif, shell-edged motif with Modified Surface, and a few fragments with Chinoiserie motif. Having morphology as an attribute (Figure 5), 33 distinct types of elements were identified, of which we highlight pieces of cups, fragments of saucers, components of deep Tableware, portions of shallow words, fragments of plates (or bottom or external), and bowls.



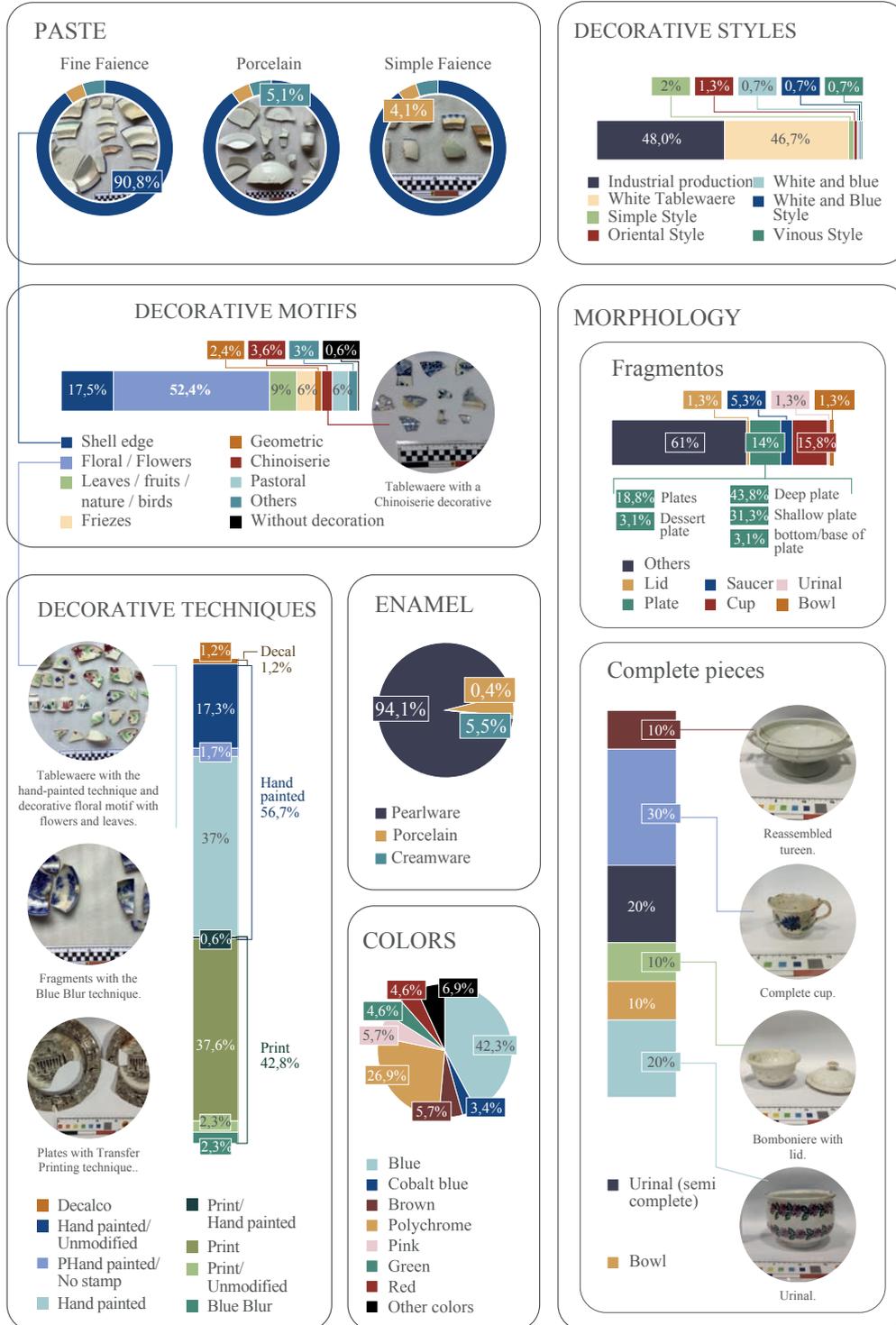
*Fig. 5:* From left to right, from top to bottom, we have a whole urinal, a strapless cup, a bonbonniere with a lid, and a reassembled Terrine.

THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

Infographic 1: Archaeological remains of Tableware by attributes

TABLEWAERE REMAINS BY ATTRIBUTES

Sesc Ver-o-Peso site



Photos By: Amanda Viveiros, Amanda Seabra e Ney Gomes

THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

Most stamps found in Sesc are of industrial production, a temporal indication of the nineteenth and twentieth centuries. Symbols present themselves as excellent temporal markers, considering that through

them, it is possible to verify both the origin of the country where the fragment was produced and, in some cases, the factory of its production.

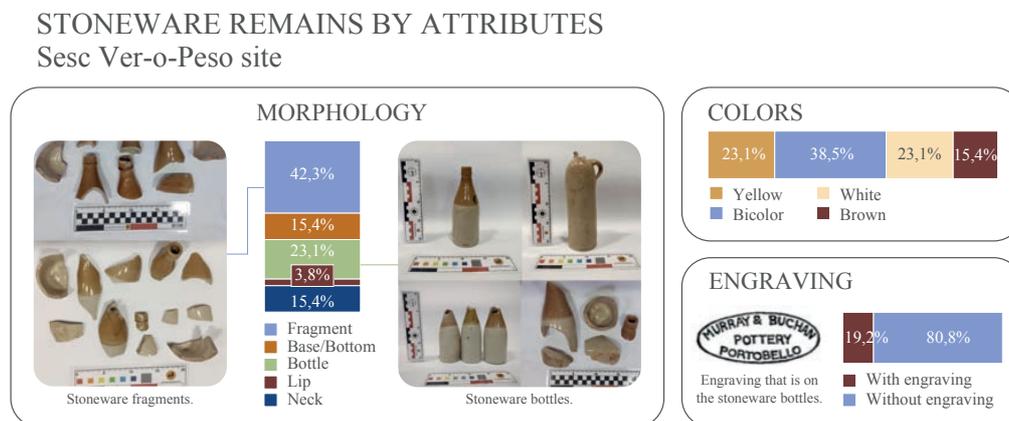
Infographic 2: Identifiable Stamps found on the dough remains on Sesc Ver-o-Peso Site.



Stoneware is a fine-grained ceramic cooked at elevated temperatures, possessing a glazed characteristic. There are two types of stoneware: white and grey. The first is characterized by being pasted in white with a glassy sound, without polish, porosity and enamel fused to the paste. The second is characterized

by having a darker grey, beige, and brown paste, finer granulation, enamel combined to the paste, and waterproof. During the excavation of Sesc Ver-o-Peso, six bottles and 20 fragments of other bottles of this same material were collected, totaling 26.

Infographic 3: Stoneware by attributes analyzed



b) Glasses

In historical archaeological sites, glass is a common material in different shapes, colors and uses. For example, we can mention bottles, perfumes, medicines, decorations, glasses, pots, windows, chandeliers, and other objects. This type of trace was

the second most found during the research at the Sesc Ver-o-Peso site, with 209 fragments and pieces. Among these pieces, the most found were the bottles and jars, with 143 samples. All the bottles and jars were found in structure 1 of area 4, the archaeological dump, but many fragments were found in the other regions.

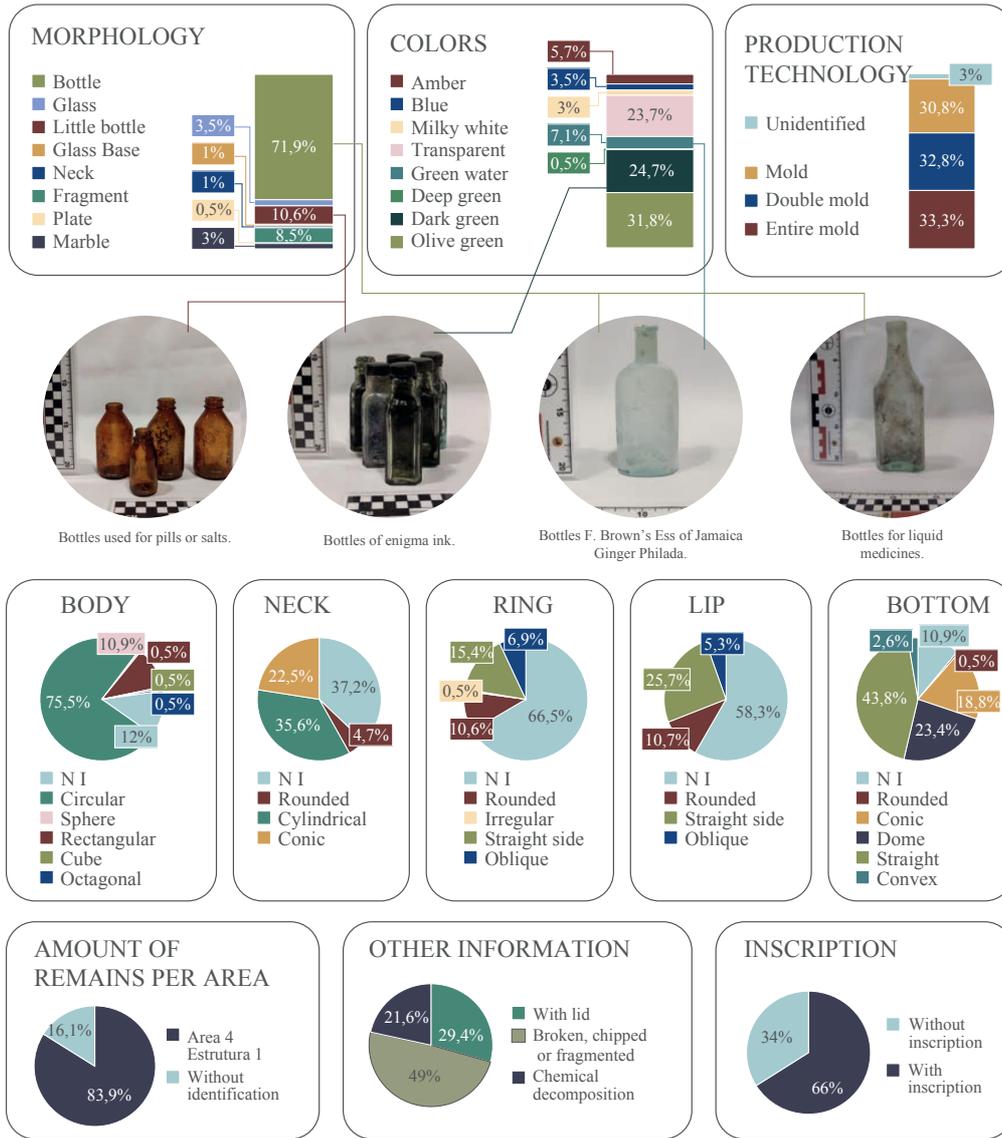
THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

For the analysis of this type of trace, the following characteristics were observed: color, morphology, production technique, types of lip, base, neck, ring, body (mainly for the bottles), engraving (identification of the manufacturer or other information

about the object), mark (some mark of use, decomposition, breakage, and any different relevant kind) and observations (some vital characteristic that needs to be observed about that fragment and piece).

Infographic 4

GLASS REMAINS BY ATTRIBUTES  
Sesc Ver-o-Peso site



Photos By: Amanda Viveiros, Amanda Seabra e Ney Gomes

c) Metals

Three types of metallic objects were found in the excavations of the Sesc Ver-o-Peso mansion: coins, cutlery, and rings, so the analysis of this type of trace was made from the format of how it presented itself. A study was made for the coins, identifying the year of

manufacture, values, and symbols printed on them, and another for the cutlery; we observed their characteristics and state of conservation. In the case of the rings, we discovered that they were an ornament that came as part of a candy intended for children.

Infographic 5

METALS REMAINS BY ATTRIBUTES  
Sesc Ver-o-Peso site

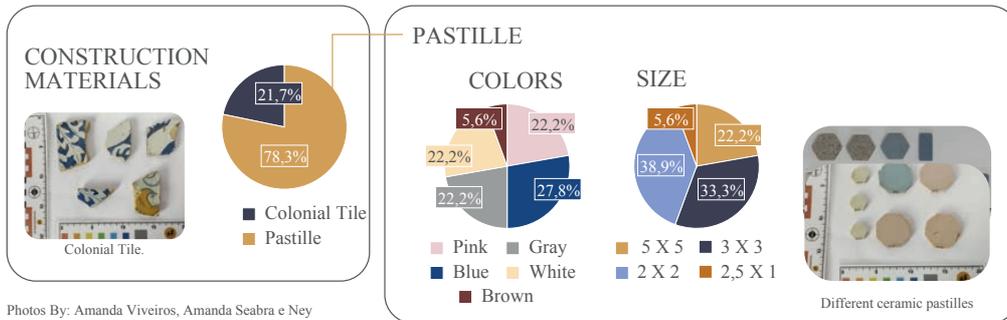


d) Construction Material

This type of trace is presented in two distinct formats: tiles and ceramic tablets. We collected a

sample of each type found; therefore, 23 construction materials were collected, 18 pills, and five tile fragments.

CONSTRUCTION MATERIALS REMAINS BY ATTRIBUTES  
Sesc Ver-o-Peso site



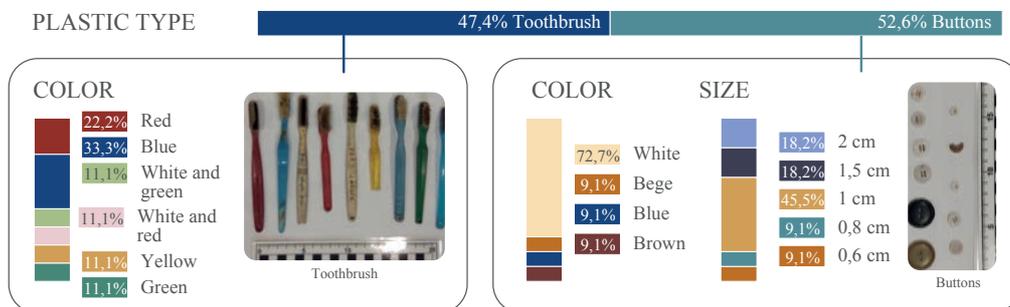
e) Plastics

During the excavation of Sesc Ver-o-Peso, 19 pieces of plastic were collected and divided into two shapes: 9 toothbrushes and ten buttons of varied sizes and colors. The buttons are primarily white, being only

two colors. Their sizes vary between 0.6 to 2 cm in diameter: 2 with 2 cm, 2 with 1.5 cm, 4 with 1 cm, 1 with 0.8 cm, and 1 with 0.6 cm. Between the buttons, there is still a made of bone, which is broken in half.

Infographic 7

PLASTIC REMAINS BY ATTRIBUTES  
Sesc Ver-o-Peso site



#### IV. OBJECTS TELL HISTORIES AND STORIES <sup>3</sup>

The results presented above can be read in many ways. The data are part of an archaeological study. From the analysis of the remains recovered during the excavations, it is possible to perceive a remarkably close correlation with the material culture excavated in other research in the area covered by the federal listing of the historic center of Belém. This material culture inserts Belém in the context of mercantile transactions and various forms of relationship linked to the expansion of European capitalism, which developed in the region in the eighteenth, nineteenth, and twentieth centuries—addressed in another work (Gomes, 2023b).

In the excavation treated here, pottery was the predominant material culture. Among the Tableware, the fragments of Fine Faience constituted the most significant sample; this paste had its production started in the second half of the eighteenth century and extended until the end of the nineteenth century (Lima, 1995; Miller, 2009; Symanski, 2008; Tocchetto et al., 2001; Zanettini, 1986). There was a tiny display of porcelain fragments to the detriment of faience. This can be inferred by the high value of the latter at the expense of the former. By examining the evidence collected from an excavated garbage deposit, it was possible to find several fragments or even pieces of pottery, and many objects could be reassembled. Below is an inference made by Santos (2005) that liquor containers have a solid connection to the history of men. On the other hand, pottery, in addition to being considered an indicator of social position, Lima (1995, p. 175) says that this belonged to the female domain and was part of the utensils used by women over the centuries.

Tableware is a valuable clue to infer the daily practices of the populations (Lima, 1995, 2011; Symanski, 1998, 2008; Tocchetto, 2003; Tocchetto et al., 2001). The data obtained from Tableware, because of the reflections of the previous archaeologists, end up highlighting the importance of this material culture as a source of information about the daily life of past communities, especially about the activities and roles played by men and women. Given that the area of the site combined commercial and residential use and, over time, was a prestigious place to live to the degraded area due to port activity and subsequent predominance of trade, it does not seem to be adequate to make any definite statement that separates the past use of objects, and their contents, by gender.

This sense of economic value, which also becomes social value – can be interpreted as a clue

about what the excavated material says: about the style that unites the practices and goods of a singular agent or a class of agents (Bourdieu, 1994). Second, Bourdieu (1994) states that there is, in social life, a "generative and unifying principle that retranslates the intrinsic and relational characteristics of a position as a unitary lifestyle, that is, as a unitary set of choices of people, of goods, of practices" (p. 23). Distinct distinguished, these principles, retranslated into material culture, are also operators of distinctions: they mobilize forms of differentiation or use the standard tenets of differentiation differently. According to the author, "classificatory schemes, principles of classification, principles of vision and division, different tastes." (p. 23).

By studying the pieces of pottery found in these excavations, it is possible to obtain Insights into the culture, economy, and social organization of Belemense society, which lived in this part of the city at the end of the century. XIX and the beginning of the century. XX and help in the historical reconstitution and understanding of the daily practices of that population. One of the insights, and we can enter the world of speculation, given us by Miller (1991, 2008) in research on consumption and material culture, in which he examines how people relate to their objects and how consumption affects everyday life and social identities. Looking at the pottery fragments, we can foresee a long-term domestic life in the mansion, even if the area was used with commercial tapes. Even today, Tableware continues to affect everyday life, and they still talk about purchasing power and other social markers. When Miller (2010) Emphasizes the importance of considering material culture as a lens to understand social practices and meanings, it is reasonable to think that if Tableware gives a sense of domestic, it can also be linked to issues such as emotional attachment and the role of consumer goods in the construction of identities.

Within the Amazon region, glass is a material widely found in the excavations of historical sites, mainly because of its resistance to the weather Sironi (2010). The study of this material culture is critical due to its popularization after the Industrial Revolution, which allows us to formulate hypotheses about the reconstruction of the daily life of different layers of the population, understanding their customs, lifestyle, consumption patterns, and social stratification (Castro, 2009; Schávelzon, 1998). Glass also lends itself well as a chronological marker, given that its production, with various techniques, is well documented (White, 1978; Castro, 2009).

In the specific case of the glasses analyzed in this project, a detailed chronological table was not made to identify the period of production of the bottles and an estimate for disposal. However, the characteristics of the fragments point to the second half of the nineteenth and early twentieth centuries. Santos (2005) states that drinking in taverns or bars in the late

<sup>3</sup> In Portuguese, the terms History and Story (História and Estória) do not have the same separation as in English. History is used much more, and the story is increasingly less used. I separate them, but I do not intend to hierarchize them.

nineteenth and early twentieth centuries is traditionally considered a masculine ethos. The bottles can undoubtedly be used to situate Bethlehem within the expansion project of capitalism since they are direct products of the European Industrial Revolution (Gomes, 2013). The bottles of alcoholic beverages can also create discourses since this historical material culture keeps numerous social and economic relations Fields (Cavalcante, 2017; Santos, 2005).

Excavating the area of Solar da Beira, on the same Boulevard Castilho França, in the same period in which I excavated the site Sesc Ver-o-Peso, Seabra (2020c) He came across a substantial number of bottles arranged in much the same way as those found by me. In a recently published article, Seabra and Pina (2023) discuss the reuse of these objects found in the excavations of the Solar da Beira, a prevalent factor in the Amazon of the past, still as in many communities, riverside, of the present. Seabra and Pina (2023, p. 21) indicate that the specific debate about the reuse of glass bottles is an early stage to (re)discover the culture of the region and (re)validate contemporary practices through comparison with ancient traditions. Cavalcante (2017), analyzing bottle glasses at the Engenho Murutucu site, also in Belém, sticks to the consumption of beverages in that place.

The bottles excavated at the Sesc Ver-o-Peso site can corroborate the hypotheses of the two analyses: there was reuse, and they certainly inform about the consumption of beverages in the area. The ambivalence of the bottles gives them a kind of anonymity in the archaeological record, something similar to what Menezes (1983, p. 112) attributes as an advantage of material culture because such a character of anonymity, associated with seriality repetition, makes artifacts an exceptional vehicle for the study of a domain to whose visceral importance historians, in recent years, have drawn attention: every day, the realm of the banal, of the purification of the event, of the tendencies almost in a "natural" state. Drinking is in the bland sphere, as well as the reuse of bottles in a region where these objects offer many possibilities for storing drinks, bottled, etc.

Among the substantial number of remains of bottles of alcoholic beverage glasses, some bottles of medicines, cosmetics, perfumery, ink cartridges, and marbles were also found. Although this research is not the goal, there is openness to do a more in-depth study on health and diseases, such as that done by Bitencourt (2011) in Porto Alegre.

In the late nineteenth century, Belém and other Amazonian cities, driven by the sale of rubber, went through the period known as Belle Époque. The mansion and its material culture, which became the focus of this study, located on Avenida Boulevard Castilhos França, which was one of the first wide public roads built in the capital of Pará during this golden period, cannot be dissociated from the Belle Époque

Belenese, even if the economic cycle was relatively short, left indisputable marks on the city's landscape and archaeological record. In this article, I will not dwell on this period.

Bezerra (2011, 2012, 2013) reflected on the relationship of people with objects and the material culture identified as archaeological by researchers in the village of Joanes, in Marajó, part of which ceramics and glass, and in other areas of the Amazon, points to a variety of possibilities within this relationship. The "things of the past" (Bezerra, 2012, 2013) and material culture lend themselves well to discussing the symmetry between people who research archaeology and people who live on, transit through the sites, or relate to the artifacts/things differently.

## V. THIS WAY, RIGHT THIS WAY

When drafting this article, the circumstances of the excavation days came to mind at every moment. I recalled the day we dug up the marbles. Amid the discarded material, there are other traces of toys, and I remembered the French movie "*Le fabuleux destin d'Amélie Poulain*," when the character finds, hidden behind a tile on the bathroom wall, a box with toys and other childhood memories of a stranger who had lived in her apartment in the past. Amélie, tireless, returns the objects to their forgotten owner and alters the course of his life. Using various objects, Amélie changes the course of many lives: sometimes punishing them, as her neighbor prevented from seeing a soccer game, as one should, and the owner of the vegetable stand who mistreats his helper, either making you dream of a traveling Garden Dwarf or giving you answers to a mystery of the torn photos – dear reader, if you have not seen the movie, do it (Jeunet, 2001).

Given the various uses of the mansion and its total abandonment during the research, in addition to its other abandonments and the disposition of the archaeological record, I could not find the children who would have played with those objects. Still, I have no way not to imagine those toys caused laughter, motivated exchanges actively, and gave rise to competition. Today, as an archaeologist and a scientist, I can say what materials were made of, since when these materials began to be manufactured, and this information I can give more precisely; however, it seems more attractive to imagine a time when in that landscape, today so tumultuous of commerce and historical center, children played marbles (in Pará marbles are called shuttlecocks), people hid shards of tableware so they would not let them see who broke them, or bottles were stored with healing to be reused.

Material culture does not have only one analysis key, even in archaeological research. Proposing chronologies and inferring consumption habits from the monetary value of objects found in historical sites is a

possibility, but basing the analysis of these objects on these two assumptions is limiting and contributes little to the broader understanding of material culture as a field of study that investigates material objects as an integral part of human experience and culture in general. Which I agree with Prown when the author says that material culture:

(...) reflect, consciously or unconsciously, directly, or indirectly, the beliefs of the individuals who made, commissioned, acquired, or used them and, by extension, the beliefs of the wider society to which they belonged (Prown, 1982, pp. 1-2).

If Archaeology, in a reductionist way, is the study of material culture (Lima, 2011), Trigger (2004) highlights that material culture is a source of information about human behavior. However, neither archaeology nor the studies of material culture have definite limits: there is archaeological research that has little or almost no analysis of material culture, as well as studies of material culture linked to other disciplines (Cochran & Beaudry, 2006; Jones, 2007).

In this way, right this way – not all Archaeology uses material culture. Not all study of material culture is associated with Archaeology. Still, I cannot conclude this paper capable to remember one single story that has some human interaction, whether fable or based on real life, that is not in a certain way narrated, or, to resume the chat with my friend Ana Emília, at the beginning of this article, written with material culture. Objects ensure fascination, frighten, and give power – from Harry Potter's wand to a Jedi's Lightsabers or the ONE Ring of Power, Gollum's precious, heroes and villains are adorned by objects. Mirrors that seek true beauty, lamps that hold genies that guarantee desires, more tragically, the Ax Rodion Raskolnikov used to kill and stolen in Dostoyevsky's novel Crime and Punishment, all stories mediated by some object. Denise Schaan (2009) said that Archaeology is for telling stories, but these stories must be good. Gone are the days when aspects of material life, the archaeological record, were analyzed in a merely instrumental way, serving as a control and, in the happiest cases, complementation of textual documentation – used mainly for dating or for the confirmation or denial of what has come to us verbalized (Menezes, 1983), yet storytelling will always, and invariably, privilege one group/spectrum/idea over others. There is potential in the time in which we live; with the challenges that times, material culture can privilege those who have never had privileges.

### ACKNOWLEDGMENT

Thanks to archaeologists and friends Ms. Amanda Seabra and Ms. Amanda Viveiros Pina for their help analyzing the archaeological remains. I want to thank my dear friends Ana Paula Cunha, Marília, Duque,

Camile Castelo Branco, and my tutor, Dr. Daiana Travassos, for their careful reading of the original manuscript in Portuguese. However, I am solely responsible for this text and what it expresses.

### REFERENCES RÉFÉRENCES REFERENCIAS

1. Bezerra, M. (2011). "As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6(1), 57-70. <https://doi.org/10.1590/s1981-81222011000100005>
2. Bezerra, M. (2012). Signifying heritage in Amazon: A Public Archaeology project at Vila de Joanes, Marajó Island, Brazil. *Chungara, Revista de Antropología Chilena*, 44(3), 533-542.
3. Bezerra, M. (2013). Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. *Revista de Arqueologia Pública* (7), 107-122.
4. Bitencourt, D. B. (2011). Para sua saúde e vigor: práticas de cura e medicamentos populares em Porto Alegre (1776 - 1936) [Dissertação de mestrado, pontifícia universidade católica do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre.
5. Bourdieu, P. (1979). *La distinction. Critique sociale du jugement*. Les éditions de Minuit.
6. Bourdieu, P. (1987). *Choses dites*. Les éditions de Minuit.
7. Bourdieu, P. (1994). *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Seuil.
8. Castro, C. O. (2009). *Botellas de vidrio: bases para un catálogo arqueológico de colombia*. Universidad de los Andes, Facultad de ciencias Sociales, CESO, Departamento de Antropología, Ediciones Uniandes.
9. Cavalcante, D. b. A. (2017). O consumo de bebidas alcoólicas no engenho do Murutucu (Belém-Pará-Brasil). *Fragmentos del Pasado-do Passado*(4), 11-32. <https://www.plarci.org/index.php/fragmentos/article/view/1033>
10. Cochran, M., & Beaudry, M. C. (2006). Material culture studies and historical archaeology. In D. Hicks & M. C. Beaudry (Eds.), *The Cambridge Companion to historical archaeology* (pp. 191-204). Cambridge University Press.
11. Costa, D. M. (2010a). Roteiro para análise de artefatos de vidro. [www.arqueologiadigital.com.br](http://www.arqueologiadigital.com.br). Retrieved 03/03/2012 from <http://dmc.arqueologia digital.com/disciplinas/material-historico>
12. Costa, D. M. (2010b). Roteiro para análise de Louças. [www.arqueologiadigital.com](http://www.arqueologiadigital.com). Retrieved 03/03/2012 from <http://dmc.arqueologiadigital.com/disciplinas/material-historico>
13. Costa, D. M. (2017). Historical Archaeology in the Amazon: The Murutucu Sugar Cane Mill Field

- School Project. *International Journal of Historical Archaeology*, 21(3), 674-689. <https://doi.org/10.1007/s10761-017-0400-y>
14. Costa, D. M. (2022). Arqueologia histórica na região Norte do Brasil. In L. C. Symanski & M. A. T. d. Souza (Eds.), *Arqueologia Histórica Brasileira* (pp. 493-514). Editora UFMG.
  15. Costa, L. D. d. A. (2018). *Arqueologia e Etnicidade: o estudo de cachimbos de barro na Amazônia Colonial (Séc. XVIII e XIX)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
  16. Fike, R. (2006). *The Bottle Book: A Comprehensive Guide to Historic, Embossed Medicine Bottles*. Blackburn Press.
  17. Gomes, N. (2013). *Arqueologia e cultura material: uma história contada em cacos de vidros e louças da vila de Santo Antônio (Porto Velho – RO)* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará]. Belém.
  18. Gomes, N. (2020). Archaeological work and public perception the experience of archaeological excavation in the historic city center of the oldest capital in the Brazilian Amazon. In J. Almansa-Sánchez & T. S. A. Muniz (Eds.), *M(C)AGA - A photo-essay on Latin American approaches to contemporary archaeology* (pp. 148-158). Asociación para la Investigación y la Difusión de la Arqueología Pública, *JAS Arqueología*. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.23914/book.002>
  19. Gomes, N. (2023a). *Arqueologia, Etnografia e Multivocalidades – percepções sobre o patrimônio arqueológico em uma escavação no centro histórico de Belém*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, no prelo.
  20. Gomes, N. (2023b). *A paisagem histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a Arqueologia com isso?* *Revista de Arqueologia*, 36(2), 243-273. <https://doi.org/10.24885/sab.v36i2.1098>
  21. Hodder, I. (2004). *The Meanings of Things: Material Culture and Symbolic Expression*. Unwin Hyman.
  22. Ingold, T. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 18(37), 25-44. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>
  23. Jeunet, J.-P. (2001). *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain* [O fabuloso destino de Amélie Poulain]
  24. Jones, A. (2007). *Memory and material culture*. Cambridge University Press. <http://www.loc.gov/catdir/toc/ecip0711/2007006469.html>
  25. Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos, Ensaio de Antropologia Simétrica* (C. I. d. Costa, Trans.). Editora 34. (Nous n'avons jamais été modernes)
  26. Latour, B. (1995). Os objetos têm história? Encontro de Pasteur com Whitehead num banho de ácido láctico. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 2(1), 07-26. <https://doi.org/10.1590/s0104-59701995000200002>
  27. Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução a teoria do ator-rede* (G. C. C. d. Sousa, Trans.). EDUFBA.
  28. Lima, T. A. (1995). Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limitessociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*, 3, 129-191.
  29. Lima, T. A. (2011). *Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6(1), 11-23.
  30. Lopes, P. R. d. C., Fonseca Júnior, A. d. F. J., & Mendes, K. L. M. (2022a). Acompanhamento Arqueológico, Cemitério da Soledade [Relatório Parcial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
  31. Lopes, P. R. d. C., Fonseca Júnior, A. d. F. J., & Mendes, K. L. M. (2022b). *Pesquisa de avaliação do patrimônio arqueológico no Cemitério da Soledade – Belém/Pará* [programa de gestão do patrimônio arqueológico – PGPA, Relatório de Escavação]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
  32. Marques, F. L. T. (1999). *Proposta de Ampliação de Prospecção Arqueológica na Área do Cais de Belém, Pará* [Relatório Preliminar, Inédito].
  33. Marques, F. L. T. (2003). *Pesquisa arqueológica na área do Forte do Castelo, em Belém, PA - Monitoramento Arqueológico*.
  34. Marques, F. L. T. (2005). *Prospecção Arqueológica no Palácio Episcopal de Belém*. In S. E. d. C. d. Estado (Ed.), *Feliz Lusitânia/ Museu de Arte Sacra* (Vol. 3, pp. 1-308). Secult/PA.
  35. Marques, F. L. T. (2006). *Investigação Arqueológica na Feliz Lusitânia*. In S. E. d. C. d. Estado (Ed.), *Feliz Lusitânia/Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champanhat* (Vol. 4, pp. 147-187). Secult/PA.
  36. Marques, F. L. T. (2008). *Acompanhamento arqueológico das escavações de prospecção das fundações das estruturas do Forte Príncipe da Beira* [Relatório de Pesquisa].
  37. Marques, F. L. T. (2009). *Prospecção Arqueológica no Cemitério Nossa Senhora da Soledade-Belém-PA* [Relatório Inédito].
  38. Martins, C. M. P. (2013). *Relatório de monitoramento arqueológico na área das obras de saneamento básico do DEPASA no centro histórico do Segundo Distrito, Rio Branco, Acre – (Trecho I)* [Relatório Preliminar].

39. Mauss, M. (2003). *Sociologia e Antropologia* (P. Neves, Trans.). CosacNaify.
40. Meneses, U. T. B. (1983). A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, 0(115), 103-117. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i115p103-117>
41. Miller, D. (1991). *Material Culture and Mass Consumption*. B. Blackwell.
42. Miller, D. (2007). Consumo como Cultura Material. *Horizontes Antropológicos*, 28, 33-63.
43. Miller, D. (2008). *The Comfort of Things*. Polity Press.
44. Miller, D. (2010). *Stuff*. Polity Press.
45. Miller, G. L. (2009). Valores indexados revisados para louças CC, visando classificação e seriação econômica de cerâmicas inglesas de 1787 a 1880. *VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 3(1), 103-140.
46. Muniz, T. S. A. (2019). Materiais e fluxos na Amazônia Colonial. *Revista de Arqueologia*, 32(2), 16-35. <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.690>
47. Muniz, T. S. A., & Gomes, D. M. C. (2017). Identidades materializadas na Amazônia Colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio Aldeia, Santarém, PA. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 11(2), 52-76. <https://doi.org/10.31239/vtg.v11i2.10445>
48. Prown, J. D. (1982). Mind in matter: An introduction to material culture theory and method. *Winterthur Portfolio*, 17(1), 1-19.
49. Rosa, S. M. (2019). A história da garrafa de vidro. Inner Editora Ltda. Retrieved 31 de julho from [https://revistaadega.uol.com.br/artigo/historia-da-garrafa-de-vidro\\_2932.html](https://revistaadega.uol.com.br/artigo/historia-da-garrafa-de-vidro_2932.html)
50. Santos, P. A. d. G. (2005). *Contentores de bebidas alcoólicas: Usos e significados na Porto Alegre oitocentista [Dissertação de mestrado, pontifícia universidade católica do Rio Grande do Sul]*. Porto Alegre.
51. Schávelzon, D. (1998). Notas acerca del vidrio colonial en el Rio de la Plata (siglos XVI al XVIII). Retrieved 10 de maio de 2012, from
52. Seabra, A. C. d. S. (2020a). Projeto Arqueológico para as obras de requalificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA [Relatório Parcial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
53. Seabra, A. C. d. S. (2020b). Projeto Arqueológico para obras de qualificação da Rua João Alfredo, Bairro da Campina, Belém/PA [Projeto de Pesquisa]. Inédito. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
54. Seabra, A. C. d. S. (2020c). Projeto de Acompanhamento Arqueológico e Arqueologia Pública nas Obras de Reforma e Restauro do Solar da Beira [Relatório Final]. Inédito. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
55. Seabra, A. C. d. S., & Pina, A. D. d. V. (2023). A (re)utilização das garrafas de vidro do edifício histórico solar da beira em Belém-PA. *Revista Arqueologia Pública*, 18(e023005). <https://doi.org/10.20396/rap.v18i00.8673271>
56. Silva, A. B. C. d. (2018). Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro [Projeto de Acompanhamento Arqueológico]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
57. Silva, A. B. C. d. (2019). Programa de Acompanhamento Arqueológico Belém Porto Futuro [Relatório Final de Acompanhamento Arqueológico e Relatório Laboratorial]. [https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md\\_pesq\\_processo\\_pesquisar.php?acao\\_externa=protocolo\\_pesquisar&acao\\_origem\\_externa=protocolo\\_pesquisar&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.iphan.gov.br/sei/modulos/pesquisa/md_pesq_processo_pesquisar.php?acao_externa=protocolo_pesquisar&acao_origem_externa=protocolo_pesquisar&id_orgao_acesso_externo=0)
58. Sironi, O. (2010). Propuesta metodológica para el análisis descriptivo de vidrios “retocados” del noroeste de la provincia de mendonza. *La Zaranda de Ideas. Revista de Jóvenes Investigadores en Arqueología*, 6, 129-143.
59. Symanski, L. C. P. (1998). Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX. EDIPUCRS.
60. Symanski, L. C. P. (2008). Louças e Autoexpressão em Regiões Centrais, Adjacentes e Periféricas do Brasil. In A. Zarankin & M. X. Senatore (Eds.), *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: Cultura Material, Discursos e Práticas* (pp. 31-62). Ediciones del tridente.
61. Symanski, L. C. P., & Gomes, D. M. C. (2012). Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 20, 053-090. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142012000200003&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142012000200003&nrm=iso)
62. Tilley, C. (1991). *Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism*. Wiley-Blackwell.
63. Tilley, C. (2004). Interpreting material culture. In I. Hodder (Ed.), *The Meanings of Things: Material Culture and Symbolic Expression* (pp. 185-194). Routledge.

## THE MATERIAL CULTURE OF THE URBAN SITE SESC VER-O-PESO, IN BELÉM, AT THE AMAZON: POSSIBILITIES OF ANALYSES

64. Tilley, C., Keane, W., Kuechler-Fogden, S., Rowlands, M., & Spyer, P. (2006). *Handbook of Material Culture*. SAGE Publications Ltd.
65. Tocchetto, F. (2003). Fica Dentro ou Joga Fora - Sobre Práticas Cotidianas em Unidades Domésticas na Porto Alegre Oitocentista. *Revista Arqueologia*, 16, 59-69.
66. Tocchetto, F. B., Symanski, L. C. P., Ozório, S., Oliveira, A. T. D. d., & Cappelletti, Á. M. (2001). A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade (F. Rozano, Ed.). Secretaria Municipal de Cultura. [https://doi.org/ 930.10981651](https://doi.org/10.1098/1651)
67. Trigger, B. G. (2004). *História do Pensamento Arqueológico*. Ed. Odysseus.
68. Zanettini, P. E. (1986). Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. *Arqueologia*, 5, 117-130.
69. Zanettini, P. E., & Camargo, P. F. B. d. (1999). Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles? In.
70. Zanettini, P. E., Neves, E. G., & Robrahn-González, E. M. (2002a). Projeto Arqueourbs (Fase I) - Arqueologia Urbana no Centro de Manaus, Forte São José da Barra e Adjacências [Relatório Inédito].
71. Zanettini, P. E., Neves, E. G., & Robrahn-González, E. M. (2002b). Projeto Arqueourbs (Fase I) - Arqueologia Urbana no Centro de Manaus, primeiras contribuições [Relatório Inédito].



